



**PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA NO 1.º E
2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO:
CONTRIBUTOS DAS ATIVIDADES PRÁTICAS DE
ESTUDO DO MEIO PARA O AUMENTO DA
MOTIVAÇÃO E DA APRENDIZAGEM CONCEPTUAL
NO 2º ANO DE ESCOLARIDADE**

Liliana Filipa da Costa Augusto

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para obtenção
de grau de mestre em Ensino do 1º e 2º Ciclo do Ensino Básico



**PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA NO 1.º E 2.º
CICLO DO ENSINO BÁSICO:
CONTRIBUTOS DAS ATIVIDADES PRÁTICAS DE
ESTUDO DO MEIO PARA O AUMENTO DA
MOTIVAÇÃO E DA APRENDIZAGEM CONCEPTUAL
NO 2º ANO DE ESCOLARIDADE**

Liliana Filipa da Costa Augusto

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para obtenção
de grau de mestre em Ensino do 1º e 2º Ciclo do Ensino Básico

Orientador: Professor Doutor António Almeida

2015

RESUMO

O presente relatório foi elaborado no âmbito da Unidade Curricular Prática do Ensino Supervisionada II (PESII) do Curso de Mestrado em Ensino do 1.º e do 2.º Ciclo do Ensino Básico (CEB), da Escola Superior de Educação de Lisboa. Neste relatório é apresentado o percurso da intervenção educativa numa turma do 2ºano do 1ºCEB, em que os objetivos gerais incluíam o desenvolvimento de competências de leitura e da escrita, da cooperação, da interdisciplinaridade e da melhoria da comunicação discursiva dos alunos.

Para colmatar as fragilidades da turma foram delineadas uma diversidade de estratégias, tais como a organização de debates, a criação e a leitura de histórias, os autotitados e os trabalhos de grupo. A partir destas atividades pode-se verificar que os objetivos definidos para a intervenção foram alcançados em parte.

Este relatório apresenta ainda um estudo “**Contributos das atividades práticas de estudo do meio para o aumento da motivação e da aprendizagem conceptual no 2º ano de escolaridade**”. No âmbito deste estudo foram implementadas estratégias como a realização de atividades práticas promovendo a observação, o registo, a realização de formulação e previsão de hipóteses sobre as diferentes classes de animais e sobre a germinação e a realização de uma visita de estudo ao meio local para a identificação de profissões. Os resultados do estudo vieram a confirmar que os alunos ficaram motivados com as diferentes atividades práticas.

Termina-se o relatório com considerações finais, em que é feita uma reflexão sobre todo o percurso na unidade curricular PES II.

Palavras-chave: Prática de Ensino Supervisionada, Estudo do Meio, Atividades Práticas, Motivação

ABSTRACT

This report was done under the purview of the Supervisor Teaching Practice Curricular Unit II (STP II as in Supervised Teaching Practice) of the Masters Degree in the Teaching of the 1st and 2nd Cycle of Basic Schooling by Lisbon's Basic Schooling Teaching College. This report presents the course of the intervention educative in a class of 2 year of 1st CBS, wherein the general objectives include the development of competences of reading and writing, the cooperation, the interdisciplinarity and of the improvement of the discursive communication of the students.

To comate the fragilities of the group were delineated a diversity strategies, such as the organization of debates, creation and the reading of histories, the auto dictations and group works. From these activities it is possible to check that the objectives defined for the intervention were reached in part.

This report still presents one study **“Contributes of the practical activities of Environmental Studies to the increase of the motivation and the conceptual learning in the 2nd year of schooling”**. In the purview of this study there were implemented strategies as the realization of practical activities promoting the observation, the registry, the realization of formulation and foresight of hypotheses on the different animals categories, the germination and the realization of a visit of study to the local way to identify the professions. The results of the study came to confirm that the students were high motivated with the different practical activities.

The report ends with closing remarks, in which a reflection is taken about all the entire course in curricular unit of STP II.

Keywords: Supervised Teaching Practice, Environmental Studies, Practical Activities, Motivation

ÍNDICE GERAL

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO SOCIOEDUCATIVO.....	3
2.1. Caracterização do meio.....	3
2.2. Caracterização da escola: a equipa educativa.....	3
2.3. Caracterização da turma.....	4
2.4. Caracterização da sala de aula: materiais e espaços.....	5
2.5. Gestão dos tempos, conteúdos de aprendizagem, finalidades educativas e princípios orientadores da ação pedagógica.....	5
2.6. Estruturação da aprendizagem e diferenciação do trabalho pedagógico.....	6
2.7. Sistemas de regulação/ avaliação da aprendizagem.....	7
2.8. Avaliação diagnóstica dos alunos.....	7
2.8.1. Competências sociais.....	7
2.8.2. Português	8
2.8.3. Matemática.....	8
2.8.4. Estudo do meio.....	8
2.8.5. Expressões artísticas e físico-motoras	9
3. PROBLEMÁTICA DA INTERVENÇÃO E TEMA EM ESTUDO.....	9
3.1. Identificação e fundamentação da intervenção.....	9
3.2. Identificação e fundamentação do estudo.....	13
3.2.1. Tema e questões de investigação.....	13
3.2.2. Atividades práticas de ciências.....	14
3.2.3. A importância das atividades práticas de estudo do meio no 1º ciclo do ensino básico.....	16
3.2.4. A importância das visitas de estudo.....	18
3.2.5. Motivação intrínseca e extrínseca.....	19
3.2.6. O trabalho prático e a motivação dos alunos.....	20
4. METODOLOGIA: MÉTODOS E TÉCNICAS DE RECOLHA E TRATAMENTO DE DADOS DA INTERVENÇÃO E DO ESTUDO.....	21

4.1. Técnicas de recolha e tratamento de dados do plano de intervenção.....	22
4.2. Metodologia do estudo.....	23
5. APRESENTAÇÃO FUNDAMENTADA DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO EDUCATIVA.....	27
5.1 Apresentação e fundamentação dos princípios orientadores do projeto de intervenção.....	27
5.2 Apresentação das estratégias globais de intervenção.....	28
5.3 Contributo das diferentes áreas curriculares disciplinares e não disciplinares para a concretização dos objetivos do plano de intervenção.....	30
6. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA APRENDIZAGEM DOS ALUNOS.....	34
6.1 Português.....	36
6.2 Matemática.....	37
6.3 Estudo do meio.....	37
6.4 Expressões artísticas e físico-motora.....	37
6.5 Competências sociais.....	38
7. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA INTERVENÇÃO E DO ESTUDO.....	38
7.1 Avaliação da intervenção.....	38
7.2 Resultados do estudo.....	45
8. CONCLUSÕES FINAIS.....	48
8.1 Considerações acerca da Intervenção.....	48
8.2 Considerações acerca do estudo.....	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	51
ANEXOS.....	55
Anexo A-Localização do Agrupamento.....	56
Anexo B- Grelha de Observação de Competências Sociais.....	57
Anexo C- Avaliações Diagnósticas.....	58

Anexo C1- Resultados e ficha de Avaliação Diagnóstica de Português.....	58
Anexo C2- Gráfico das Avaliações Diagnósticas de Português.....	62
Anexo C3- Resultados e ficha de Avaliação Diagnóstica de Matemática.....	63
Anexo C4- Gráfico das Avaliações Diagnósticas de Matemática.....	67
Anexo C5- Resultados e ficha de Avaliação Diagnóstica de Estudo do Meio.....	68
Anexo C6- Gráfico das Avaliações Diagnósticas de Estudo do Meio.....	72
Anexo D- Avaliação Final do 1º Período.....	73
Anexo E- Fotografias do Espaço Vertical.....	74
Anexo F- Fotografias do Espaço Horizontal.....	76
Anexo G- Disposição das mesas na sala de aula.....	77
Anexo H- Horário da Turma.....	78
Anexo I- Grelhas de Observação de Português.....	79
Anexo K- Grelhas de Observação de Matemática.....	82
Anexo L- Grelhas de Observação de Estudo do Meio.....	85
Anexo M- Questões- Problema sobre os Caracóis.....	87
Anexo N- Fotos do trabalho desenvolvido pelos alunos sobre os Caracóis.....	93
Anexo O- Guião da observação de insetos.....	96
Anexo P- Fotos do trabalho desenvolvido pelos alunos sobre os insetos.....	97
Anexo Q- Questão problema 1 sobre a germinação e descrição da atividade.....	98
Anexo Q1-Descrição da atividade.....	98
Anexo Q2- Questão problema 1 sobre a germinação.....	99
Anexo R- Questão problema 2 sobre a germinação e descrição da atividade.....	100
Anexo R1- Descrição da atividade.....	100
Anexo R2- Questão problema 2 sobre a germinação.....	101
Anexo S- Questão problema 3 sobre a germinação e descrição da atividade.....	103
Anexo S1- Descrição da atividade.....	103
Anexo S2- Questão problema 3 sobre a germinação.....	104
Anexo T- Questão problema 4 sobre a germinação e descrição da atividade.....	106
Anexo T1- Descrição da atividade.....	106
Anexo T2- Questão problema 4 sobre a germinação.....	107
Anexo U- Fotos do trabalho desenvolvido pelos alunos sobre a germinação.....	110
Anexo V- Guião da Visita de Estudo e descrição da atividade.....	112
Anexo V1-Descrição da atividade.....	112

Anexo V2- Guião da Visita de Estudo.....	113
Anexo W- Grelha de observação da participação e motivação dos alunos nas atividades práticas.....	130
Anexo X- Guião e Entrevista realizada aos alunos.....	131
Anexo Y- Grelha de observação da compreensão oral.....	133
Anexo Z- Grelha de observação da expressão oral.....	134
Anexo AA- Grelha de observação da leitura.....	135
Anexo BB- Grelha de observação da escrita.....	136
Anexo CC- Grelha de observação do CEL.....	137
Anexo DD- Avaliação do Plano de Intervenção pelos alunos.....	138
Anexo EE- Avaliação dos Objetivos Gerais de Intervenção.....	139

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Relação entre o trabalho prático, laboratorial, experimental e de campo.....	15
Figura 2. Resposta da autoavaliação dos alunos relativamente ao plano.....	39
Figura 3. Atividades preferidas dos alunos.....	40
Figura 4. Avaliação dos alunos no 1º objetivo geral.....	41
Figura 5. Avaliação dos alunos no 2º objetivo geral.....	42
Figura 6. Avaliação dos alunos no 3º objetivo geral.....	43
Figura 7. Avaliação dos alunos no 4º objetivo geral.....	44
Figura 8. Registo da grelha de observação da motivação e participação dos alunos.....	45

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Potencialidades e Fragilidades da turma	10
Tabela 2- Contributo das estratégias globais de intervenção para a concretização dos objetivos gerais.....	29
Tabela 3- Plano de ação nas diferentes áreas disciplinares.....	30
Tabela 4- Análise de conteúdos das entrevistas realizadas aos alunos selecionados.	46

LISTA DE ABREVIATURAS

AEC	Atividades de Enriquecimento Curricular
CAF	Componente de Apoio à Família
CEB	Ciclo do Ensino Básico
CEL	Conhecimento Explícito da Língua
CNEB	Currículo Nacional do Ensino Básico
CS	Competências Sociais
DEB	Departamento de Educação Básica
EM	Estudo do Meio
LP	Língua Portuguesa
MAT	Matemática
PEA	Projeto Educativo do Agrupamento
PES	Prática de Ensino Supervisionada
PI	Plano de Intervenção
PLNP	Português Língua Não Materna
PTT	Plano de Trabalho de Turma

1. INTRODUÇÃO

O presente relatório foi elaborado no âmbito na Unidade Curricular de Prática de Ensino Supervisionada II (PES II) do Curso de Mestrado em Ensino do 1º e do 2º Ciclo do Ensino Básico (CEB), realizado numa turma de 2º ano do 1º CEB. Tem como objetivo apresentar o trabalho realizado ao longo do período de intervenção que teve a duração de 8 semanas, entre os dias 8 de abril e 29 de maio de 2015. A intervenção no contexto educativo permitiu o desenvolvimento de competências para o desempenho profissional no 1º Ciclo do Ensino Básico e a aplicação de um conjunto de conhecimentos adquiridos ao longo do curso, partindo da observação, análise das potencialidades e fragilidades que originaram o Plano de Intervenção (PI) no qual se baseou o trabalho desenvolvido, selecionado estratégias e atividades que visaram contribuir para atingir os objetivos gerais propostos.

Este relatório apresenta também uma investigação que foi implementada durante o período de intervenção. Nesta investigação, procurou verificar-se se as atividades práticas contribuíam para o aumento da motivação e da aprendizagem conceptual dos alunos em Estudo do Meio (EM).

O presente documento encontra-se organizado em sete capítulos fundamentais e os respetivos subcapítulos, incluindo este primeiro.

O segundo capítulo inicia-se com uma análise reflexiva dos documentos regulamentadores da ação educativa, realizando-se de seguida a caracterização do meio local, da escola, da turma e da sala de aula. Faz-se também referência às finalidades educativas e aos princípios orientadores da ação pedagógica, à organização e gestão dos tempos e conteúdos de aprendizagens, à estruturação da aprendizagem e diferenciação do trabalho pedagógico, ao sistema de regulação e de avaliação do trabalho de aprendizagem. Por fim, contempla-se a avaliação diagnóstica dos alunos relativamente às Competências Sociais (CS) e às áreas disciplinares de Língua Portuguesa (LP), Matemática (MAT) e de EM.

No terceiro capítulo apresenta-se as potencialidades e fragilidades da turma, a problemática e os objetivos gerais da intervenção, bem como a sua fundamentação. São ainda apresentadas as questões e a fundamentação do estudo — Contributos das atividades práticas de estudo do meio para o aumento da motivação e da

aprendizagem conceptual no 2º ano de escolaridade —, através do qual se tenciona compreender se as atividades práticas ajudam a motivar os alunos para a aprendizagem.

No quarto capítulo são apresentados os métodos e técnicas de recolha e tratamento de dados.

No quinto são apresentadas as etapas e ações implementadas nas diferentes áreas disciplinares.

No sexto capítulo são apresentados os resultados obtidos na avaliação dos alunos, é ainda realizada a avaliação da intervenção e do estudo.

Finalmente, no sétimo e último capítulo, são apresentadas as Considerações Finais, ou seja, é realizada uma reflexão em relação ao percurso formativo realizado no âmbito da unidade curricular acima mencionada, tendo em atenção as dificuldades sentidas e os modos de as ultrapassar. Ainda neste capítulo são apresentadas algumas reflexões no que dizem respeito ao tema em estudo.

2. CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO SOCIOEDUCATIVO

2.1. Caracterização do meio

As freguesias onde se localiza o agrupamento pertencem ao distrito e ao concelho de Lisboa. As escolas que constituem o agrupamento estão dispersas por quatro freguesias, sendo elas S. António, Misericórdia, S. Paulo e Encarnação. Estas freguesias encontram-se inseridas na frente ribeirinha da cidade de Lisboa (Anexo A).

De acordo com os Censos 2011, a freguesia é composta por cerca de 11 800 pessoas. A freguesia acompanha a tendência nacional e apresenta uma população envelhecida.

Em termos de escolaridade, a população tem um nível de ensino elevado, 38% têm o ensino superior completo e apenas 2% são analfabetos.

2.2. Caracterização da escola: a equipa educativa

A escola funciona em regime de horário normal (9h-16h), com 5 horas de atividades letivas que são lecionadas em regime de monodocência e ainda dois tempos diários de atividades de enriquecimento curricular (AEC), que são de frequência facultativa. A escola integra também a Componente de Apoio à Família (CAF) que funciona diariamente, antes e depois do horário escolar (letivo e de enriquecimento curricular) e nas interrupções letivas, interrompendo apenas o serviço durante o mês de Agosto.

A comunidade educativa é composta por 13 docentes que são distribuídos da seguinte forma: 1 Coordenadora de Estabelecimento, 1 Educadora para o Pré-Escolar, 8 professores do 1º Ciclo, 1 professor de Educação Especial e 1 professor de Apoio Socioeducativo. Em relação ao pessoal não docente, existem 5 assistentes operacionais.

A escola no espaço interior tem uma sala de Jardim de Infância, oito salas de 1º ciclo (duas de 1ºano, duas de 2ºano, duas de 3º ano e duas de 4ºano), um refeitório, uma sala de auxiliares, uma sala de professores, cinco casas de banho e uma sala de reprografia. No espaço exterior existe um recreio coberto e um campo de futebol.

Quanto às atividades de Enriquecimento Curricular, são orientadas por uma 1 coordenadora, 2 professores de inglês, 4 professores de Expressão Físico-Motora e 4 professores de Expressões Artísticas. A componente de apoio à família é dinamizada por 4 assistentes. A população escolar é constituída por 200 alunos.

2.3. Caracterização da turma

A turma é composta por 20 alunos, 9 do género feminino e 11 do género masculino, com idades entre os 7 e os 8 anos.

Existe um aluno que integrou a turma recentemente e que é oriundo do Nepal. Este aluno é apoiado na disciplina de Português Língua Não Materna (PLNP) e os conteúdos programáticos que lhe são lecionados são referentes ao 1ºano. Há ainda outros dois alunos que têm ensino doméstico por serem itinerantes.

A turma tem um nível sociocultural médio-alto que pode ser constatado no Plano de Trabalho de Turma (PTT), através das profissões dos pais e dos seus níveis de escolaridade. Todos os alunos frequentam as AEC's e apenas 9 alunos frequentam o CAF. Quanto aos escalões (SASE), apenas 2 alunos têm acesso ao escalão A, 5 alunos ao escalão B e os restantes alunos (14) ao escalão C.

A turma constitui-se como um grupo coeso, mas com ritmos de aprendizagem e de trabalho diferenciado.

Relativamente às competências sociais (Anexo B), pode-se considerar que a maior parte dos alunos já adquiriu as competências necessárias para um ambiente de trabalho produtivo, embora alguns alunos não consigam permanecer atentos durante muito tempo. As relações entre os alunos da turma são boas e é uma turma com uma certa autonomia.

As diferentes competências puderam ser observadas e verificadas através de observação direta, avaliações diagnósticas (Anexo C) e das avaliações finais do 1º Período feitas pela professora aos alunos (Anexo D). Além disso, pode contactar-se no PTT uma boa aptidão para as diversas áreas, como Matemática, Português e Estudo do Meio. As maiores dificuldades observadas foram na área do Português, essencialmente na leitura e na escrita. Apresentavam muitos erros ortográficos, não utilizavam adequadamente as maiúsculas nem os sinais de pontuação. Quanto à leitura, verificaram-se dificuldades nos casos de leitura, na compreensão leitora, especialmente na ordenação de sequências de acontecimentos e no estabelecimento de relações de causa/efeito. Na escrita, as dificuldades consistiam na má utilização do espaço da página, pela maior parte da turma.

Verificou-se ainda algumas dificuldades na área de Matemática, nomeadamente na resolução de operações com dois passos e em problemas envolvendo a subtração. As avaliações diagnósticas dos alunos vão ser mais desenvolvidas num ponto mais à frente.

2.4. Caracterização da sala de aula: materiais e espaços

Em termos de organização do espaço vertical (anexo E), nas paredes da sala encontram-se trabalhos realizados pelos alunos, nomeadamente de Expressão Plástica, um mapa da cidade de Lisboa e alguns conteúdos programáticos de matemática (números ordinais, cardinais, dias da semana, horas).

Segundo a professora cooperante, não existe nenhum critério para a exposição de trabalhos, a professora coloca-os na parede à medida que estes são feitos e são mantidos até que seja necessário espaço para a exposição de novos trabalhos.

A área curricular mais privilegiada é o Português, havendo também alguns materiais de Expressão Plástica.

Não existe nenhum espaço específico dedicado a aspetos da organização dos materiais, além disso não se encontram expostas as planificações mensais nem semanais. Apenas se encontra exposto o horário da turma.

No que se refere ao espaço horizontal (anexo F), a sala não possui espaços diferenciados, contém apenas uma estante com livros.

Os manuais e cadernos diários encontram-se também numa estante.

As mesas encontram-se dispostas em “U”, havendo uma fila de mesas à frente ao quadro. O mapa da sala poderá ser consultado no anexo G.

2.5. Gestão dos tempos, conteúdos de aprendizagem, finalidades educativas e princípios orientadores da ação pedagógica

A gestão do tempo é da responsabilidade da professora, contudo tem em conta os tempos semanais dedicados a cada área curricular e que foram estipulados pelo agrupamento. Encontra-se afixado num quadro de cortiça, junto à mesa da professora, o horário relativo a cada área disciplinar (anexo H). Todos os dias a professora escreve no quadro o plano da aula para que os alunos o passem para o caderno e fiquem informados sobre o que irão trabalhar em cada dia. A agenda semanal é feita pela professora que organiza e prevê que conteúdos pretende lecionar, no entanto a agenda não se encontra exposta na sala. A professora cooperante promove novas aprendizagens que integram

saberes, já adquiridos pelos alunos, permitindo dar uma continuidade lógica à formação dos alunos. Quanto à modalidade de trabalho, esta é principalmente individual e com recurso a fichas de trabalho, sendo que os alunos realizam a maioria das atividades, autonomamente e através de exercícios em grande grupo e no quadro.

2.6. Estruturação da aprendizagem e diferenciação do trabalho pedagógico

Durante o período de observação não pudemos observar qual o modelo pedagógico que a professora utiliza devido aos poucos momentos de observação em contexto de sala de aula, uma vez que, na primeira semana de observação foram realizadas apenas as fichas de avaliação de 2º período e na segunda semana a turma deslocou-se até ao Pavilhão do Conhecimento para realizar a semana da Escola Ciência Viva. Contudo, podemos dizer que a professora raramente utiliza os manuais escolares, pois prefere uma abordagem mais direta com os alunos, ou seja realiza exercícios no quadro em conjunto com os alunos e até mesmo os novos conteúdos são apresentados no quadro, havendo uma interação e um diálogo da professora com os alunos. Quando utiliza os manuais, estes servem apenas para realizar exercícios de consolidação de conteúdos.

A professora acompanha a turma desde o 1º ano e desse modo implementou certas rotinas para o melhorar o funcionamento da turma e da gestão do tempo.

Os alunos podem ir à casa de banho sem pedirem autorização e organizam-se autonomamente, de modo a que só vá um aluno de cada vez.

Quando regressam à sala de aula após o recreio, os alunos devem continuar o trabalho que deixaram pendente, mesmo que a professora ainda não esteja presente na sala. Esta rotina é cumprida pela maior parte dos alunos, havendo 2 ou três alunos que se tornam as exceções.

Os alunos têm ainda a rotina de lavar os dentes depois do almoço, em que a professora vai pedindo a 3 ou 4 alunos para irem de cada vez.

A professora envia trabalhos de casa todas as sextas feiras, é responsável por chamar os alunos para a sala de aula após o recreio e permite que os alunos comecem a lanchar, na sala de aula, 10/15 minutos antes do toque. Os alunos têm ainda a rotina da distribuição de leites por um aluno, em que este fica responsável por escrever no quadro quantos leites foram distribuídos e quantos alunos estavam presentes na sala.

2.7. Sistemas de regulação/ avaliação da aprendizagem

O sistema de avaliação consistiu no registo realizado pela professora cooperante quanto à avaliação diagnóstica, formativa e sumativa. A avaliação diagnóstica foi necessária para que a professora cooperante pudesse identificar as fragilidades e implementasse estratégias de forma a diferenciar os alunos, promovendo desta forma aprendizagens significativas para os alunos.

Para a avaliação formativa, a professora partiu dos registos dos trabalhos dos alunos, das grelhas de observação do trabalho desenvolvido diariamente e da participação dos alunos.

No que diz respeito à avaliação sumativa, a professora teve em conta as provas de avaliação escritas. Os Encarregados de Educação tinham conhecimento dos progressos das aprendizagens dos seus educandos, no final de cada período, onde todos os materiais realizados pelo seu educando eram reunidos e analisados e era entregue uma descrição sobre o percurso individual de cada aluno, para ser arquivada aos processos individuais de cada um.

2.8. Avaliação diagnóstica dos alunos

As avaliações diagnósticas foram realizadas durante as duas semanas de observação e permitiram preparar e adequar a prática pedagógica às competências do grupo, nas diferentes áreas disciplinares.

2.8.1. Competências sociais

Relativamente às competências sociais nunca assistimos a nenhum tipo de conflito entre os elementos da turma, reinando um clima de amizade entre os alunos. Os alunos solicitavam e aceitavam a ajuda da professor, no entanto as regras de sala de aula não eram muitas vezes cumpridas, principalmente a colocação do dedo do ar para falar e interrompiam os colegas quando estes estavam a apresentar as suas ideias. Quanto ao trabalho cooperativo não foi observado qualquer tipo de atividade em que os alunos trabalhassem em grupo, no entanto pudemos observar que a turma tinha um comportamento de entreajuda entre os seus membros, pois quando alguns alunos concluíam as atividades mais depressa, iam ajudar os alunos que tinham mais dificuldades.

2.8.2. Português

As maiores fragilidades da turma consistiam na área da Língua Portuguesa, onde os alunos demonstravam maiores dificuldades na leitura e na entoação (Anexo I). Em relação à escrita, os alunos davam muitos erros ortográficos e elaboravam frases por vezes sem sentido. Na expressão oral a maior parte dos alunos ainda não conseguia fazer uma descrição de um acontecimento de forma fluida. Para além disso, existiam muitas dificuldades em ouvir os alunos já que estes tinham tendência para falarem muito baixo não projetando a sua voz.

A leitura em voz alta era feita com muitas paragens, pouca fluência e no caso de alguns alunos ainda era muitas vezes realizada sílaba a sílaba.

Na escrita os alunos demonstravam pouca aptidão para copiar textos sem erros ortográficos e os ditados eram onde se verificava o maior número de erros de ortografia, mesmo de palavras escritas com muita frequência.

2.8.3. Matemática

Nesta área pode-se constatar que a turma manifestava potencial, pois executava com alguma facilidade exercícios de cálculo mental e de resolução de problemas. No entanto, alguns elementos da turma tinham dificuldades em resolver problemas com dois passos. Para além disso, era uma área em que os alunos revelavam um grande interesse e gosto (Anexo K).

2.8.4. Estudo do meio

Na área de Estudo do Meio os alunos revelavam uma grande motivação quando eram abordados conteúdos referentes a esta área (anexo L). No entanto, consideramos que não tivemos muitos momentos de observação desta área curricular disciplinar, já que as semanas de observação foram maioritariamente para fazer as avaliações de final de período e para a semana da Ciência Viva.

2.8.5. Expressões artísticas e físico-motoras

Nesta área não pudemos observar a realização de atividades que integrassem as áreas das Expressões Artísticas. No entanto, é de referir o facto de a professora titular em conjunto com o professor de expressão plástica da AEC, e posteriormente com o nosso auxílio, elaborarem um projeto associado à história infantil “ O Pedro e o Lobo” que incluiu as diferentes áreas das expressões artísticas.

3. PROBLEMÁTICA DA INTERVENÇÃO E TEMA EM ESTUDO

Este capítulo encontra-se dividido em dois tópicos principais, o primeiro identificará e fundamentará as problemáticas identificadas na turma e enunciará as potencialidades e fragilidades dos alunos. O segundo tópico centrar-se-á no tema em estudo, onde se encontrará toda a fundamentação do mesmo.

3.1. Identificação e fundamentação da intervenção

As semanas de observação foram bastante curtas para fazer uma caracterização mais detalhada da turma, de forma a perceber todas as suas potencialidades e fragilidades, uma vez que os momentos observados de aula pela Professora cooperante foram muito escassos. Como já foi referido anteriormente, a primeira semana de observação consistiu na realização das fichas de avaliação de final do 2º período e a segunda semana foi passada no Pavilhão do Conhecimento com o projeto “Escola Ciência Viva” que ocupou na totalidade o horário letivo da segunda semana de observação.

No entanto, a partir de 9 de março até 20 de março (período de observação) foi possível identificar algumas potencialidades e fragilidades que se apresentam de seguida.

Tabela 1

Potencialidades e Fragilidades da turma

	Potencialidades	Fragilidades
Língua Portuguesa	-Iniciativa de leitura; -Gosto por atividades de identificação de erros ortográficos (competição).	-Leitura pouca fluência; -Escrita (erros ortográficos, frases sem sentido); -Expressão oral (comunicação pouco fluída e baixa).
Matemática	-Cálculo mental; -Resolução de problemas com um passo;	-Resolução de problemas com dois passos; -Explicação do raciocínio Matemático.
Estudo do Meio	-Interesse pelos temas; -Gosto pelos trabalhos práticos;	-Dificuldade de explicitar e comentar o que foi e como foi realizado (experiências).
Competências Sociais	-Boa relação entre os alunos; -Bom comportamento; -Competição.	-Cooperação; -Regras de sala de aula; -Participação.

A partir das potencialidades e fragilidades da turma foram delineadas as seguintes problemáticas:

- Que tipo de atividades promover para desenvolver competências no âmbito da leitura e da escrita?;
- Como criar um ambiente educativo que promova a cooperação?;
- Como promover a interdisciplinaridade?;
- Que estratégias utilizar para melhorar a comunicação discursiva na sala de aula?

A partir destas problemáticas foram formulados os nossos objetivos de forma a tentar solucionar as fragilidades encontrados.

Assim o plano foi planeado para atingir os seguintes objetivos gerais:

- Desenvolver competências de leitura e de escrita;

- Promover as áreas das Expressões Artísticas e da Educação Física a partir de atividades práticas sobre conteúdos de Estudo do Meio;
- Desenvolver competências discursivas nas diferentes disciplinas;
- Promover a autonomia, a responsabilidade, a ajuda mútua e a cooperação.

Os objetivos definidos para a intervenção visavam melhorar e desenvolver as competências onde os alunos apresentassem maiores fragilidades, uma vez que é isso que compete ao professor.

Desta forma, foram proporcionados momentos que permitissem aos alunos exprimirem as suas opiniões (debates), conhecimentos e saberes acerca dos vários conteúdos programáticos que foram abordados, de forma a que, os alunos pudessem ter uma participação ativa na construção dos seus conhecimentos. As várias atividades que delineamos visavam combater as fragilidades que estes apresentavam, uma vez que, o professor não se limita a ensinar os seus alunos, mas também aprende com eles numa relação de complementaridade e de busca do saber. Além disso, como professores que somos devemos respeitar a individualidade, os interesses e as necessidades de cada criança, uma vez que segundo Tonucci (1986, p.173) “todas as crianças sabem e sabem coisas diferentes e de maneiras diferentes, porque são diferentes as suas experiências, e diferentes os seus recursos”.

Relativamente ao primeiro objetivo, *Desenvolver competências de leitura e de escrita*, este encontrava-se centrado na área do Português, devido às dificuldades apresentadas pelos alunos na leitura e na escrita. Houve a necessidade de implementar na sala de aula diferentes formas de contacto com a leitura e com a escrita de forma a criar atividades significativas. Esta ideia é apoiada pela Organização Curricular e Programas (2004, p.146) uma vez que, “Torna-se necessário que na sala de aula surjam múltiplas ocasiões de convívio com a escrita e com a leitura e se criem situações e projetos diversificados que integrem, funcionalmente, as produções das crianças em circuitos comunicativos”. Além disso, segundo Mata (2008) “ A aprendizagem da leitura e da escrita deve ser concebida como um processo de apropriação contínuo” (p.9), desta forma,

A apropriação da funcionalidade da linguagem escrita também poderá contribuir significativamente para a atribuição de valor e importância à leitura e à escrita. Sabendo que estas são duas vertentes importantes na estruturação da motivação, esta apropriação poderá contribuir para que as crianças se sintam mais motivadas para aprender sobre as características e modo de funcionamento da linguagem escrita, de modo a usá-la com prazer e eficácia” (pp.17- 18).

O segundo objetivo, *Promover as áreas das Expressões Artísticas e da Educação Física a partir de atividades práticas sobre conteúdos de Estudo do Meio* estava relacionado com as áreas artísticas e com a área curricular de Estudo do Meio.

Delineámos este objetivo com o intuito de poder integrar de forma coesa e dinâmica estas áreas. Uma vez que, o Estudo do Meio era uma área em que os alunos demonstravam bastante motivação para aprender, enquanto as áreas das Expressões eram pouco trabalhadas. Assim, para poder dar significado às várias áreas disciplinares decidimos integrá-las, pois de acordo com a Organização Curricular e Programas (2004, p.101) “o Estudo do Meio está na intersecção de todas as outras áreas do programa, podendo ser motivo e motor para a aprendizagem nessas áreas”. E segundo Roldão (2004, p.36) “Cabe ao professor estabelecer a necessária articulação integradora que proporcione uma percepção global e não atomística dos fenómenos a estudar”. Assim, a integração dessas áreas foi feita, usando em algumas atividades, a metodologia de trabalho das atividades práticas, de forma a aumentar a motivação, a participação e tornar as atividades mais significativas. Uma vez que,

no 1º ciclo, o professor deve proporcionar aos alunos oportunidades de se envolverem em aprendizagens significativas- isto é, que partam do experiencialmente vivido e do conhecimento pessoalmente estruturado- que lhes permitam desenvolver capacidades instrumentais cada vez mais poderosas para compreender, explicar e actuar sobre o Meio de modo consciente e criativo”. (Currículo Nacional do Ensino Básico- Competências Essenciais, 2001, p.76),

Com este objetivo pretendemos promover a introdução de vários temas (como os animais, as plantas, as profissões) através de um carácter lúdico, que levasse a que os alunos demonstrassem gosto e empenho nas diferentes atividades e que tal como a Organização Curricular e Programas (2004, p.91) defende “O professor deverá ir estimulando, progressivamente, a realização de projetos que poderão ter uma finalidade prática”.

Relativamente ao terceiro objetivo, *Desenvolver competências discursivas nas diferentes disciplinas*, consistiu em integrar todas as áreas curriculares, uma vez que verificamos que os alunos apresentavam bastantes dificuldades em expressar as suas opiniões e ideias de forma clara e audível. Assim, foram realizadas várias atividades que promovessem este objetivo, como os momentos de debate e confronto de ideias nas várias áreas disciplinares. Na área da Matemática os alunos tinham de comunicar as estratégias pelas quais chegavam aos resultados das suas operações. Na área de Português que

consistia em projetar a voz em momentos de leitura e em Estudo do Meio, quando explicavam o que acham que ia acontecer ou porque é que aconteceu algo, em determinadas atividades experimentais e no planeamento de uma visita de estudo. Nas áreas das expressões principalmente quando eram realizadas dramatizações.

Quanto ao último objetivo, “Promover a autonomia, a responsabilidade, entreajuda e a cooperação”, foi considerado necessário implementar o trabalho cooperativo, pois é um método de trabalho que permitia a partilha de ideias entre os alunos em que promovia uma maior entreajuda entre eles. Este tipo de trabalho ajuda e motiva os alunos para a realização dos trabalhos propostos, como é defendido por Lopes e Silva (2009):

a aprendizagem cooperativa é uma metodologia com a qual os alunos se ajudam no processo de aprendizagem, actuando como parceiros entre si e com o professor, visando adquirir conhecimentos sobre uma dado objeto (...) a cooperação é a convicção plena de que ninguém pode chegar à meta se não chegarem todos. (pp.3-4).

Além disso, também consideramos que “o professor deve estimular o desenvolvimento da autonomia, da interajuda, da socialização, do sentido de responsabilidade e de cidadania do aluno, criando situações em que estas competências possam ser desenvolvidas” (Santana, 2003, p.35), e por este motivo considerámos fundamental criar o quarto objetivo do Plano.

Assim, uma das formas para impulsionar a cooperação é através de trabalhos de grupo, pois como Katz e Chard (1997, p. 154) defendem “o trabalho em grupo fornece excelentes oportunidades para que as crianças possam trabalhar organizadas em pequenos grupos, promovendo a cooperação entre si e trabalhando em conjunto para atingir objetivos comuns, neste caso tendo sucesso nas diferentes tarefas propostas”.

3.2. Identificação e fundamentação do estudo

3.2.1. Tema e questões de investigação

O tema em estudo “**Contributos das atividades práticas de estudo do meio para o aumento da motivação e da aprendizagem conceptual no 2º ano de escolaridade**” surgiu devido a ter-se verificado que durante o período de observação a turma raramente realizava atividades práticas e que talvez por isso alguns alunos se sentiam desmotivados quanto a esta área, preferindo a área do Português ou de Matemática. O tema de

investigação realizado procurou melhorar esta fragilidade, através da realização de uma variedade de atividades práticas de Estudo do Meio que motivassem os alunos para o conhecimento científico e para uma participação mais ativa nas atividades propostas.

Para isso, foram delineadas as seguintes questões de investigação:

- Qual o contributo das atividades práticas e experimentais de Estudo do Meio para uma maior motivação intrínseca dos alunos?
- Qual o contributo das atividades práticas e experimentais de Estudo do Meio para a aprendizagem significativa de conceitos científicos, na perspetiva dos alunos?

3.2.2. Atividades práticas de ciências

Na pesquisa bibliográfica efetuada, encontram-se as designações *atividades práticas e trabalho prático* com o mesmo significado, pelo que neste trabalho apresentarei os vários tipos de trabalho prático. O trabalho prático envolve todas “as atividades em que o aluno esteja ativamente envolvido (no domínio psicomotor, cognitivo e afetivo).” (Dourado, 2001, p. 13). Ou seja, o trabalho prático proporciona momentos em que os alunos possam desenvolver capacidades em todos os domínios: o psicomotor — no que se refere à manipulação dos objetos e ao desenvolvimento dos seus reflexos perante determinadas situações, cognitivo — no que concerne ao desenvolvimento da capacidade de pensar sobre e refletir acerca de algo, o que acontece quando ocorrem as diversas atividades práticas, com o antes da experimentação, o durante e o após a experimentação, promovendo o raciocínio lógico e a aprendizagem de conceitos; o afetivo – quando as atividades proporcionadas são adequadas ao nível de desenvolvimento e aos interesses dos alunos permite com que haja uma maior motivação e desenvolva a comunicação com os outros.

O trabalho laboratorial designa-se como “um conjunto de actividades que decorrem no laboratório, com equipamentos próprios ou com estes mesmos equipamentos em outro local, se isso não acarretar risco para a saúde e/ou segurança.” (Martins et al., 2007, p.36). Como por exemplo, observar um comprimento de um metro para adquirir o conceito do que é o metro, riscar com a unha um objeto, de forma a determinar a sua dureza ou aprender a utilizar uma balança ou um microscópio. Deste modo, o trabalho prático pode ser laboratorial, mas só se o aluno desempenhar um papel ativo na atividade.

O trabalho experimental insere-se também nas atividades práticas e acontece quando “há manipulação de variáveis: variação provocada nos valores da variável

independente em estudo, medição dos valores alcançados pela variável dependente com ela relacionada, e controlo dos valores das outras variáveis independentes que não estão em situação de estudo”. (Martins et al., 2007, p.36). Temos como exemplo, as experiências sobre a germinação das plantas, uma vez que existe a manipulação e o controlo de variáveis, como os tipos de sementes, a quantidade de água para regar, o tipo de solo, a intensidade de luminosidade. Este tipo de trabalho adquire importância no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, uma vez que permite aos alunos a aquisição de competências sobre os processos científicos, a identificação e controle de variáveis. Além disso, as atividades experimentais adquirem uma grande importância didática, uma vez que permitem manipular os materiais e objetos (ex: sementes) e retirar conclusões (ex: o que aconteceu?, porquê?).

E por fim, o trabalho de campo é realizado ao ar livre, que segundo Bailey (1981) é um tipo de trabalho prático em que os alunos acedem ao conhecimento de uma forma direta e planificada, onde é necessário haver uma sequência de tarefas, desde a preparação para a realização de observações, a própria observação e o que se conclui com a observação realizada.

O trabalho prático pode ser simultaneamente prático e laboratorial (P-L), prático e experimental (P-E), prático e de campo (P-C) ou ainda ter as três vertentes, ou seja prático, laboratorial e experimental (P-L-E) ou prático, campo e experimental (P-C-E). A figura 1 representa esquematicamente as relações entre os vários formatos de trabalho prático.

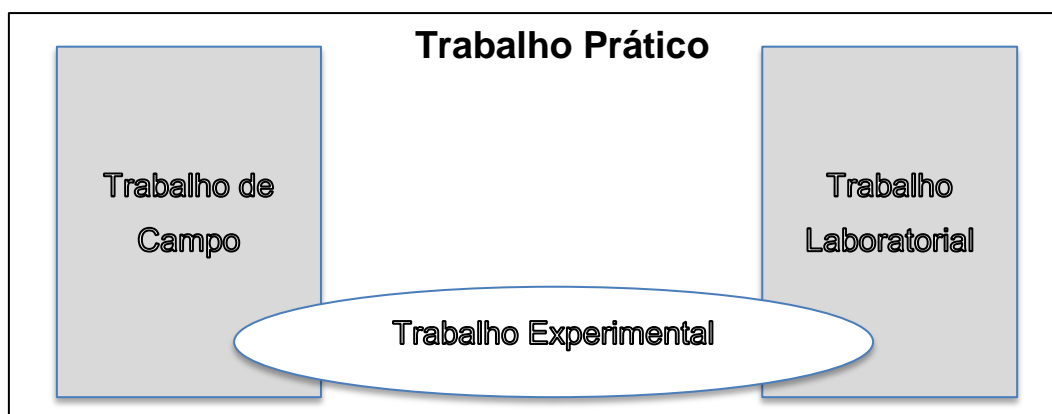


Figura 1. Relação entre o trabalho prático, laboratorial, experimental e de campo (adaptada de Leite, 2000, p.2).

O trabalho prático refere-se às atividades em que o aluno participa ativamente, ou seja, quando não é o professor a realizar a atividade, mas sim o próprio aluno individualmente, a pares ou em pequeno grupo a realizá-la. Como por exemplo, a observação de animais do recreio para classificação dos mesmos, fazer uma pesquisa bibliográfica sobre um determinado tema (consultando livros ou enciclopédias ou a internet), construção de terrários para verificar o modo de vida de um determinado animal, construção de germinadores de forma a observar e compreender melhor o desenvolvimento das plantas.

Deste modo, as atividades práticas requerem bastante atenção, pois permitem explorar e manipular objetos e materiais, fazendo com que os alunos se envolvam na experimentação para assim construïrem o seu conhecimento, a partir das suas ideias prévias.

3.2.3. A importância das atividades práticas de estudo do meio no 1º ciclo do ensino básico

As atividades práticas são estratégias de ensino que podem facilitar a compreensão de determinados conteúdos programáticos, devido ao seu carácter lúdico, dinâmico, motivador, significativo e ativo. Tornando-se deste modo, fundamentais para proporcionar a construção de conhecimento pelos alunos através de uma aprendizagem significativa, pois ajudam os alunos a construïrem os seus próprios conhecimentos, de forma a que não se limitem a memorizar o que foi aprendido e que consigam compreender e aplicar em atividades futuras. Tal como é referido no Currículo Nacional do Ensino Básico- Competências Essenciais (2001)

no 1º ciclo, o professor deve proporcionar aos alunos oportunidades de se envolverem em aprendizagens significativas — isto é, que partam do experiencialmente vivido e do conhecimento pessoalmente estruturado — que lhes permitam desenvolver capacidades instrumentais cada vez mais poderosas para compreender, explicar e actuar sobre o Meio de modo consciente e criativo. (p.76).

Desta forma, sempre que possível, deve-se desenvolver atividades que proporcionem a componente prática nos diversos conteúdos programáticos, uma vez que desenvolvem nos alunos do 1ºciclo competências transversais às diferentes áreas disciplinares. No Estudo do Meio ao adotarmos este tipo de atividades conseguimos desenvolver nos alunos várias competências desde observar, levantar questões, experimentar, investigar, comunicar,

concluir, refletir, entre outras. Pires (2002) refere ainda outras competências, como as psicomotoras, pois os alunos têm de tocar, explorar com os seus sentidos (tacto, olfacto, audição,...), sócio afetivas, uma vez que as atividades práticas devem ser realizadas em grupo de forma a que os alunos debatam as suas opiniões e conclusões, de modo a haver um confronto de ideias, o que desenvolverá atitudes de cooperação, entreajuda, respeito pelos outros e de responsabilidade pelo que estão a fazer.

As atividades práticas desenvolvem as competências cognitivas simples e complexas nos alunos e que segundo Pires (2002, p.61) as competências cognitivas simples estão “relacionadas com a aquisição de conhecimento que requer um baixo nível de abstracção e que se manifesta na capacidade de adquirir conhecimento factual e de compreender conceitos ao mais baixo nível”, como por exemplo a capacidade de referir regras e descrever conceitos pelas suas próprias palavras e de competências cognitivas mais complexas, uma vez que estão “relacionadas com a aquisição de conhecimento que exige um elevado nível de abstracção e que se manifesta na capacidade de compreender conceitos ao mais alto nível e na aplicação de conhecimentos a situações novas” (p. 61).

Desta forma, compete ao professor estimular o desenvolvimento destas competências e apoiar os alunos nas suas descobertas, fomentar o gosto destes pela necessidade de descobrir, tocar e experimentar, uma vez que segundo Sá (2000, p.535) “a Ciência é um contexto privilegiado para a criança expressar a sua natural curiosidade e criatividade, valendo por si a possibilidade de realização de explorações e manipulações espontâneas de objetos e materiais”. As atividades práticas servem assim, para que isso se torne possível, uma vez que ajudam as crianças a aumentar o seu interesse pela descoberta, de modo a motivá-los para aprender cada vez mais.

Assim, o professor deve preparar atividades que vão de encontro às curiosidades e às questões que os alunos colocam, devendo também encontrar formas de suscitar novos interesses, de modo a abarcar novas temáticas e a cumprir o programa. Deste modo, deve partir de temas que o professor considere importantes e proporcionar assim atividades com experiências de carácter mais simples ou mais complexo de acordo com as características da turma, de forma a que os alunos mantenham o mesmo interesse para novas descobertas. Roldão (2004) refere que

Nem todos os temas são efetivamente sugestivos para todas as crianças. Trata-se então de descobrir a forma de os abordar que estabeleça algum contacto com a vivência afetiva das crianças e com os interesses já existentes ou de criar factores que gerem novos interesses e explorem novas curiosidades.(p.33).

O contacto com as atividades práticas torna-se fundamental pois proporciona aos alunos a possibilidade de dar sentido às suas curiosidades e descobertas, motivar para novas curiosidades e formas de as desvendar, desenvolver o raciocínio e proporcionar uma participação ativa dos alunos na construção dos seus conhecimentos, tal como é proposto pelo Currículo Nacional do Ensino Básico- Competências Essenciais (2001)

o ensino da ciência considera-se fundamental (...) e visa proporcionar aos alunos possibilidades de: despertar a curiosidade acerca do mundo natural à sua volta e criar um sentimento de admiração, entusiasmo e interesse pela Ciência, adquirir uma compreensão geral e alargada das ideias importantes e das estruturas explicativas da Ciência, bem como dos procedimentos da investigação científica, de modo a sentir confiança na abordagem de questões científicas e tecnológicas, questionar o comportamento humano perante o mundo, bem como o impacto da Ciência e da tecnologia no nosso ambiente e na nossa cultura em geral. (p.129).

Os alunos tornam-se sujeitos ativos no seu processo de aprendizagem, pois participam, demonstram interesse e curiosidade no decorrer da atividade.

Deste modo, as atividades práticas devem ser valorizadas pois tornam-se numa forma de dar resposta às curiosidades dos alunos, possibilitando aprendizagens significativas, pois ao relacionar-se o uso de atividades práticas a um conteúdo programático os alunos saem favorecidos, uma vez que o novo conteúdo é articulado com o conhecimento prévio dos alunos.

3.2.4. A importância das visitas de estudo

As visitas de estudo são importantes pois permitem conhecer a realidade como ela é e observar os fenómenos no seu contexto real, podendo desta forma confirmar ou explorar curiosidades ou questões surgidas em sala de aula. Como é afirmado por Almeida (1998) as visitas de estudo são “ facilitadoras da compreensão dos conhecimentos científicos e do desenvolvimento de competências cognitivas e socioafetivas dos alunos” (p.25). As visitas de estudo permitem a descoberta do meio próximo, desenvolvendo nos alunos, saberes, como o saber ser e saber fazer, que se tornam fundamentais para a sua formação. Além disso, podem ter várias finalidades, como permitir a recolha de informação, possibilitar a verificação de saberes ou ainda motivar a abordagem de um determinado conteúdo programático. Pessoa (1991) afirma que,

as visitas de estudo são ainda apontadas como potenciadoras ao nível da aquisição de valores e atitudes a despertar nos alunos pelo que podem contribuir para criar o sentido

de responsabilidade, criar o sentido de solidariedade, despertar a espontaneidade, desenvolver a criatividade, proporcionar um enriquecimento cultural, criar a necessidade de contactos com o mundo fora da escola (citado por Almeida, 1998, p. 56).

Para além disso, Falk (1983) defende que “de uma forma geral, as aprendizagens cognitivas em locais fora da escola são perenes, ou seja, são recordadas por um período longo sendo ainda lembradas do ponto de vista afectivo” (citado por Almeida, 1998, p. 59).

As visitas de estudo permitem deste modo, facultar experiências significativas aos alunos. No entanto, é necessário que seja feita uma preparação prévia, que pode ser feita quer pelo professor quer pelos alunos em sala de aula. Para que a observação seja realizada de um modo significativo para os alunos, deve ser planificado um itinerário, onde se escolham os locais de interesse mais importantes da visita de estudo, de modo a salientar as observações pertinentes no terreno. Desta forma, o professor certifica-se que os alunos aprendem e desenvolvem o seu conhecimento acerca do meio que pretendem explorar. Além disso, deve sempre haver um guião orientador da visita de estudo, em que em cada parte do percurso e, respetivas paragens, se definam os aspetos a observar, uma vez que, permite aos alunos desenvolver técnicas de observação e registo do observado e anotar as suas impressões pessoais (Jiménez & Gaité, 1996). Este instrumento permitirá que o professor compreenda se os objetivos da atividade foram alcançados e se esta correspondeu às expectativas dos alunos.

3.2.5. Motivação intrínseca e extrínseca

A motivação é apresentada como um conjunto de processos que levam a que tenhamos determinados comportamentos (Arends, 2008; Santrock, 2009). Existem dois tipos de motivação: motivação extrínseca e intrínseca. E são estes dois tipos de motivação que têm um valor essencial no processo de aprendizagem dos alunos. É através da interação destas motivações, intrínseca e extrínseca, que os alunos apresentam interesse por determinado tema ou conteúdo e aprendem melhor acerca do tema em questão. Ou seja, a motivação leva a que os alunos queiram saber mais sobre determinado tema.

A motivação extrínseca "é definida como uma motivação afectada por valores externos à actividade, ou seja, é determinada por incentivos externos associados ao resultado da tarefa. Um aluno motivado extrinsecamente fará as suas tarefas para satisfazer as exigências de alguém" (Simão, 2005, p.11). Ou seja, resulta de influências exteriores, como

por exemplo, sempre que os alunos necessitam de um reforço externo, como um feedback positivo do professor acerca do trabalho que estão a realizar ou já realizaram para poderem continuar o seu trabalho ou passarem para uma nova atividade. Podemos também dizer que a motivação extrínseca faz com que os alunos se envolvam numa atividade se dela retirarem consequências positivas e não pelo próprio prazer e curiosidade que a atividade em si provoca. Pois segundo Mendes (2005), um aluno que está extrinsecamente motivado realiza as atividade com o intuito de contentar os pais e professores e para conseguir boas notas.

Quanto à motivação intrínseca, esta “tem origem interna, no interesse e curiosidade próprios da pessoa, ou na pura satisfação de uma experiência” (Arends, 2008, p.138). Ou seja, o aluno demonstra interesse pela atividade em questão e inicia-a de livre vontade sem receber qualquer reforço externo, partindo de uma necessidade ou interesse seu, independentemente de vir a alcançar ou não reconhecimento. Uma vez que, ao longo da sua atividade poderá encontrar várias dificuldades, mas não desiste e ultrapassa-as pois está a fazer algo de que gosta, que o satisfaz e lhe proporciona prazer.

Para alguns autores, apesar de ambas motivações serem importantes, consideram que a aprendizagem torna-se mais duradoura caso tenha sido promovida pela motivação intrínseca, pois o aluno aprende melhor se estiver motivado intrinsecamente (Sprinthall e Sprinthall, 2001). Harlen (2009) também considera que é a motivação intrínseca a que permite uma aprendizagem mais duradoura, uma vez que é ela que faz com que os alunos queiram continuar a aprender.

No entanto, não deveremos desvalorizar a motivação extrínseca, pois esta pode complementar a motivação intrínseca. Uma vez que, o aluno poderá iniciar uma atividade em que necessite de um reforço externo, mas que ao longo dessa atividade ele se comece a sentir motivado intrinsecamente, passando esta atividade a ser do seu interesse. Pois, é neste sentido que surge o incentivo aos alunos na realização das atividades, através do feedback positivo e do acompanhamento constante, pois, por vezes, não é “tanto (...) a explicação que interessa, é a presença, a lembrança, o cuidado.” (Cunha, 1996, p. 9).

3.2.6. O trabalho prático e a motivação dos alunos

O trabalho prático no 1º ciclo do Ensino Básico pode consistir num elemento fundamental para que a escola se torne num lugar de prazer e satisfação, onde as crianças fazem coisas de que realmente gostam (Sá, 2002; Charpak, 2005).

As atividades práticas promovem a motivação intrínseca, uma vez que fazem com que os alunos estabeleçam relações de comunicação com os outros, desenvolvam atitudes críticas quanto ao trabalho de equipa e sintam vontade de realizar a tarefa em cooperação com o seu grupo de trabalho. Estas são estratégias que permitem a manipulação de materiais de uma forma lúdica, proporcionando atividades em que os alunos participem ativamente nas suas descobertas e curiosidades. E segundo Perrenoud (1995), a realização de atividades práticas permite que o aluno se torne um sujeito ativo da própria aprendizagem, aumentando a autonomia dos alunos.

Além disso, importa que a motivação esteja, permanentemente, presente nas salas de aula, para que os alunos se sintam motivados e interessados pelo que está a ser abordado. As atividades práticas são assim uma forma de facilitar a compreensão dos alunos sobre o que os rodeia. Segundo Lourenço e Paiva (2010), “não há aprendizagem sem motivação, assim um aluno está motivado quando sente necessidade de aprender e atribui significado ao aprendido” (p. 139).

Praia (1999) refere ainda que o uso do trabalho prático proporciona uma atitude mais motivadora e enriquecedora, contribuindo para a melhoria do ambiente de aprendizagem, ajudando os alunos a compreenderem e guardarem o conhecimento científico para o poderem incluir no seu quotidiano para compreender melhor o mundo que os rodeia.

Deste modo, a motivação associada ao trabalho prático permitirá que a aprendizagem realizada seja mais interessante para os alunos e que se mantenha consolidada durante mais tempo, uma vez que foi significativa para os mesmos. Oliveira (1999) realça que o trabalho prático é importante pois torna-se numa estratégia motivadora para a aprendizagem, representando um papel pertinente pelas potencialidades cognitivas e formativas que desenvolve.

4. METODOLOGIA: MÉTODOS E TÉCNICAS DE RECOLHA E TRATAMENTO DE DADOS DA INTERVENÇÃO E DO ESTUDO

Neste capítulo apresenta-se a metodologia utilizada para a recolha e tratamento de dados para a intervenção e para o estudo que foram mobilizados em diferentes fases, pois de acordo com Grawitz (citado por Sousa & Baptista, 2011), os métodos definem-se como “Um conjunto concertado de operações que são realizadas para atingir um ou mais objetivos, um corpo de princípios que presidem a toda a investigação organizada, um

conjunto de normas que permitem selecionar e coordenar técnicas “(p. 53).

A investigação para a recolha de dados decorreu em fases distintas: a fase de observação, a fase de intervenção e, por fim, a fase de avaliação da intervenção. Estas fases permitiram momentos de recolha de dados, apesar de terem processos e finalidades distintas.

A primeira fase permitiu aferir as competências já adquiridas pelos alunos, nas diversas disciplinas, assim como o desempenho dos mesmos face à temática investigativa, nomeadamente, ao nível da motivação e participação dos alunos quanto às atividades práticas. A segunda fase decorreu durante o período de intervenção, ao longo do qual foram propostas diversas atividades, nomeadamente atividades práticas que iam de encontro quer dos objetivos do Plano de Intervenção quer dos objetivos do estudo. A última fase permitiu analisar, tratar e avaliar os dados recolhidos nas fases anteriores.

4.1. Técnicas de recolha e tratamento de dados do plano de intervenção

Quanto às técnicas de recolha de dados, durante a primeira fase (período de observação) recorreu-se essencialmente à observação direta, à análise documental dos documentos da escola como o Plano de Trabalho de Turma (PTT), o Projeto Educativo do Agrupamento (PEA), os processos de cada aluno e os produtos por eles realizados, como fichas de avaliação. A aplicação de testes diagnósticos nas áreas disciplinares de Português (Anexo C1), Matemática (Anexo C3) e Estudo do Meio (Anexo C5) e as entrevistas informais com a professora cooperante permitiram também recolher dados fundamentais para a caracterização e diagnose das potencialidades e fragilidades dos alunos da turma. A aplicação destes diferentes instrumentos permite obter dados de diferentes tipos, os quais proporcionam a possibilidade de cruzamento de informação. (Brunheira, s/d)

Realizou-se o preenchimento das grelhas de registo de observação que integravam os indicadores de avaliação, tendo em conta os programas do 1ºCEB das várias áreas disciplinares e das competências sociais dos alunos. Para o seu preenchimento definiu-se uma escala descritiva.

Durante a segunda fase (fase de intervenção), foram elaboradas planificações e grelhas de registo com indicadores de avaliação, de modo, a poder avaliar-se regularmente o trabalho realizado pelos alunos. Estas grelhas foram preenchidas através de observação direta ao trabalho desenvolvido pela turma. Outro modo de recolha de dados foi através da análise das fichas de trabalho das diferentes áreas disciplinares realizadas pelos alunos e os trabalhos realizados em pequenos e grande grupos.

Para além destes métodos, as entrevistas informais estabelecidas diariamente com a professora cooperante e com os alunos da turma, permitiam também avaliar o sucesso que as atividades tinham tido, possibilitando adaptar as estratégias e as metodologias.

Por último, na fase de avaliação da intervenção, foram avaliados os trabalhos dos alunos, analisadas as grelhas de registo e os produtos finais das atividades propostas. Os dados recolhidos foram analisados de acordo com uma avaliação qualitativa pois esta "centra-se na compreensão dos problemas, analisando comportamentos, as atitudes ou os valores. (...) o investigador desenvolve conceitos, ideias e entendimentos a partir de padrões encontrados nos dados" (Sousa & Baptista, 2011, p. 56), o que permitiu constatar a evolução dos alunos e a concretização dos objetivos gerais da intervenção.

4.2. Metodologia do estudo

O tema em estudo "**Contributos das atividades práticas de estudo do meio para o aumento da motivação e da aprendizagem conceptual no 2º ano de escolaridade**" envolveu a planificação e realização de um conjunto de atividades práticas de Estudo do Meio. As atividades selecionadas para realizar com a turma encontravam-se de acordo com a Organização Curricular e Programas, com os temas dos animais, das plantas e das profissões da comunidade e permitiam uma dinâmica mais lúdica e motivadora para a aprendizagem de conceitos e conteúdos pelos alunos, tal como é apresentado na Organização Curricular e Programas (2004)

será através de situações diversificadas de aprendizagem que incluam o contacto direto com o meio envolvente, da realização de pequenas investigações e experiências reais na escola e na comunidade (...), que os alunos irão aprendendo e integrando, progressivamente, o significado dos conceitos. (p.102).

Para o tema dos animais foram realizadas duas atividades, a primeira consistia na construção de um terrário de caracóis, em que se pretendia que os alunos reconhecessem as características externas do caracol e recolhessem dados sobre o modo de vida do caracol, para isso os alunos iam realizando fichas “questões-problema” (anexos M e N). De modo a promover o Estudo do Meio através de atividades práticas e o trabalho em grupo e a cooperação.

A segunda atividade consistia na observação de insetos (Anexos O e P), em que os alunos tinham como objetivos conhecer as características dos insetos que estavam a observar em pequenos grupos. Estas duas atividades vão de encontro aos objetivos da Organização Curricular e Programas (2004) “Observar e identificar alguns animais mais comuns existentes no ambiente próximo; Reconhecer características externas de alguns animais; Recolher dados sobre o modo de vida desses animais (o que comem, como se reproduzem, como se deslocam...) (p.116).

O tema das plantas permitiu realizar quatro atividades, todas elas com questões-problema e estavam relacionadas com a germinação. A primeira atividade consistiu no levantamento das ideias prévias dos alunos relativamente ao que os mesmos pensavam ser uma semente (Anexo Q).

Na segunda atividade os alunos tinham como questão problema “Como agrupar sementes com características diferentes?”. A atividade tinha como objetivo que os alunos conseguissem reconhecer a existência da diversidade de sementes e as distinguissem em função de algumas das suas características (cor, forma, tamanho e textura)(Anexo R). Este tipo de atividade permitiu trabalhar várias áreas, como Estudo do Meio (compreender que existe uma enorme variedade de sementes, no que respeita à cor, tamanho, forma e textura), Matemática (Identificação e classificação de critérios de agrupamento de sementes e realização dos mesmos; uso de tabelas para registo de dados) e Português (leitura do nome das sementes; escrita dos mesmos com correção ortográfica; aprendizagem de novo vocabulário).

A terceira atividade consistiu em dar resposta à questão-problema: Como se comportam sementes diversas quando colocadas em água? (Anexo S). As sementes eram colocadas em água, para posteriormente serem abertas ao meio para que os alunos pudessem observar não só no exterior, mas também o interior da semente.

A última atividade tinha como questão-problema “O que as plantas precisam para germinar?” (Anexo T). Os alunos iam registando as alterações que se iam verificando e

cada grupo ficava responsável por verificar quais as condições favoráveis e adequadas para a germinação (Anexo U).

Estas atividades iam de encontro aos objetivos propostos pela Organização Curricular e Programas (2004) “Cultivar plantas na sala de aula; Reconhecer alguns cuidados a ter com as plantas; Reconhecer manifestações da vida vegetal” (p.115).

O tema das profissões foi abordado com uma visita de estudo ao meio local a alguns pontos da freguesia em que a escola está inserida de forma a explorar as diversas profissões (Banco, Correios, Café, Loja, Cabeleireiro), de modo a que os alunos observassem e retirassem informações acerca destes espaços e de algumas profissões. Nesta visita de estudo utilizou-se um guião construído conjuntamente com os alunos (Anexo V).

Os dados relativos ao tema em estudo “**Contributos das atividades práticas de estudo do meio para o aumento da motivação e da aprendizagem conceptual no 2º ano de escolaridade**” foram recolhidos tendo por base diferentes instrumentos, através da observação estruturada, em que foi criada uma grelha de observação relativamente à participação e motivação dos alunos nas atividades práticas (Anexo W), pois segundo Vilelas (2009) é importante observar visto que “consiste no uso sistemático dos nossos sentidos orientados para a captação da realidade que queremos estudar” (Vilelas, 2009, p. 267). Para Pais e Monteiro (2002), a observação permite ainda a recolha de dados durante o processo de ensino aprendizagem. Para o seu preenchimento definiu-se uma escala descritiva.

As entrevistas semiestruturadas realizadas a alguns elementos da turma permitiram também recolher dados para o tema em estudo. É considerada uma entrevista semiestruturada pois permitiu colocar perguntas ao longo da conversa que não estavam previstas no guião. O guião da entrevista foi validado por um perito, neste caso um professor de Ciências da ESELx, antes de ser implementado. Desta forma, foram selecionados quatro alunos: 3 alunos selecionados de acordo com o nível de desempenho em Estudo do Meio: 1 sorteado de entre os alunos com melhor desempenho; 1 sorteado de entre os alunos intermédios; 1 sorteado de entre os alunos com desempenho mais fraco; e 1 aluno sorteado de entre os que tinham evidenciado uma postura positiva face à realização das atividades práticas, isto é, que alteraram a sua postura mostrando uma muito maior adesão às atividades práticas de Estudo do Meio do que a outros tipos de atividades. As entrevistas tinham como objetivos: avaliar aprendizagens realizadas (de conceitos

científicos) nas atividades práticas, na perspectiva dos alunos e avaliar o contributo das atividades práticas para a motivação intrínseca dos alunos.

A entrevista foi um instrumento utilizado pois apresenta vantagens, uma vez que os alunos não têm de escrever para responderem, torna-se mais fácil para exprimirem o que pensam, não encaram a entrevista como algo em que não se podem enganar. Além disso, segundo Bogdan e Biklen (2010)

as entrevistas podem ser utilizadas de duas formas. Podem constituir a estratégia dominante para a recolha de dados ou podem ser utilizadas em conjunto com a observação participante, análise de documentos e outras técnicas. Em todas estas situações a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo (p.134).

As entrevistas foram posteriormente analisadas, procedendo-se à análise de conteúdos, que segundo Bardin (2009)

é um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”(p.44).

Esta técnica é importante pois permite analisar o que está nas entrevistas e obter indicadores que permitam fazer inferências.

Desta forma os instrumentos utilizados para verificar o contributo das atividades práticas para o aumento da motivação e da aprendizagem conceptual dos alunos consistiram no guião da entrevista e na grelha de observação da participação e motivação dos alunos em cada atividade prática. A observação direta e as entrevistas realizadas a alguns alunos (Anexo X) foram as técnicas utilizadas para a realização do estudo. Foi dada primazia ao registo realizado pelos alunos, pois segundo a Organização Curricular e Programas (2004) “É importante que, desde o início, os alunos façam registos daquilo que observam.” (p.115). Deste modo, também se tiveram em consideração os documentos produzidos pelos alunos, como as questões-problema, fichas de observação, fichas de pesquisa, guião da visita de estudo.

Todas as atividades foram realizadas em pequenos grupos.

5. APRESENTAÇÃO FUNDAMENTADA DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO EDUCATIVA

5.1. Apresentação e fundamentação dos princípios orientadores do projeto de intervenção

Durante a implementação do plano de intervenção pretendeu-se trabalhar todas as áreas disciplinares, de modo a haver uma articulação entre elas, promovendo a interdisciplinaridade pois segundo Saviani (2003) esta (interdisciplinaridade) é fundamental para a implementação de um currículo na sala de aula. Além disso, com a interdisciplinaridade os conhecimentos são adquiridos, não de uma forma individualizada por área, mas sim integrada entre as várias áreas.

Pretendeu-se também que as aprendizagens fossem significativas, motivadoras, ativas, diversificadas e cooperativas.

Deste modo, mantiveram-se algumas rotinas já existentes e criaram-se outras que promovessem a consolidação dos objetivos delineados e das aprendizagens dos alunos. Assim, as rotinas tiveram como objetivo desenvolver aprendizagens significativas nos alunos, tendo em conta os seus interesses, potencialidades e fragilidades. Segundo Pelizzari, Kriegl, Fink, & Dorocinski (2002), para que as aprendizagens sejam significativas é necessário que o aluno tenha disposição para aprender e não para simplesmente memorizar o conteúdo e o conteúdo a aprender deve ter um significado lógico e psicológico para os alunos.

As atividades foram planeadas e aplicadas de modo a promoverem aprendizagem significativa, tendo sempre em consideração as ideias prévias dos alunos, uma vez que segundo Solé (2001, p.83), "os conhecimentos prévios dos alunos são tidos em conta para o desenvolvimento das atividades e, por outro lado, são atividades nas quais os alunos têm uma participação ativa na gestão do processo de avaliação".

A cooperação foi outro princípio que se teve em conta aquando a elaboração do PI, desta forma proporcionaram-se situações de interação entre os alunos, a pares, em grande grupo e em pequenos grupos, principalmente na realização de atividades práticas, de modo a existir um ambiente cooperativo na sala de aula. Uma vez que ao desenvolver-se aprendizagem no sentido da cooperação promove-se a "igualdade de oportunidades e a dimensão intercultural da educação" (Cochito, 2004, p. 35).

A individualidade, os interesses e as necessidades de cada aluno também foram tidos em conta, pois devemos sempre que possível proporcionar momentos que permitam aos alunos exprimirem as suas opiniões, conhecimentos e saberes, tal como é referido por Tonucci (1986) “se a criança sabe, todas as crianças sabem e sabem coisas diferentes e de maneiras diferentes, porque são diferentes as suas experiências, e diferentes os seus recursos”(p.173). Além disso, é fundamental que “o professor deva estimular o desenvolvimento da autonomia, da interajuda, da socialização, do sentido de responsabilidade e de cidadania do aluno, criando situações em que estas competências possam ser desenvolvidas” (Santana, 2003, p.35). Por esta razão tivemos em consideração o princípio da diversidade e cooperação.

5.2. Apresentação das estratégias globais de intervenção

O plano de ação emergiu tendo em consideração as fragilidades e potencialidades da turma, bem como os objetivos elaborados para que pudessem ser convertidos em situações de aprendizagem mais consistentes e motivadoras. Com estas estratégias pretendia-se que as fragilidades da turma fossem alteradas de forma a serem menos acentuadas ou até mesmo nulas no final da nossa intervenção.

As estratégias implementadas foram também discutidas com a professora cooperante.

Para uma melhor compreensão da relação entre os objetivos gerais propostos e as estratégias globais de intervenção, na tabela seguinte é compilada informação referente a estes dois pontos.

Tabela 2

Contributo das estratégias globais de intervenção para a concretização dos objetivos gerais

Objetivos Gerais	Estratégias Globais de Intervenção
Desenvolver competências de leitura e de escrita	<ul style="list-style-type: none"> -Realização do autoditado. -Competição dos erros -Fábrica de Histórias -Leitura de diferentes textos em voz alta ou leitura individual. -Leitura expressiva de textos (utilizando diferentes sentimentos, velocidades e alturas- ex. ler o texto muito contente, ler o texto rapidamente e ler o texto em voz baixa) -Ficheiros de Ortografia
Promover as áreas das Expressões Artísticas e da Educação Física a partir de atividades práticas sobre conteúdos de Estudo do Meio	<ul style="list-style-type: none"> -Realização de atividades práticas promovendo a observação, o registo, a realização de formulação e previsão de hipóteses sobre as diferentes classes de animais e sobre a germinação. -Realização de pesquisa em livros sobre as classes de animais e germinação das plantas. -Realização de visita de estudo para identificação de profissões. -Identificação de itinerários. -Realização de pequenas improvisações sobre as profissões. - Realização de um pedipaper.
Desenvolver competências discursivas nas diferentes disciplinas;	<ul style="list-style-type: none"> -Debates. -Comunicação de ideias e opiniões. -Explicitação de raciocínios matemáticos. -Explicitação de procedimentos e conclusões experimentais. -Realização de entrevistas. -Apresentação do Projeto aos Encarregados de Educação.
Promover a autonomia, a responsabilidade, entajuda e a cooperação	<ul style="list-style-type: none"> -Promoção de atividades em grupo. -Promoção de rotinas semanais (marcação de presenças, comportamentos, distribuição de tarefas, rotina de escrita). -Resolução do problema da semana (utilizando a metodologia de trabalho cooperativo – formação de grupo de trabalho) -Realização de atividades práticas em grupo. -Realização do Projeto da turma.

Nota. Elaboração Própria

5.3. Contributo das diferentes áreas curriculares disciplinares e não disciplinares para a concretização dos objetivos do plano de intervenção

Para a concretização dos objetivos anteriormente definidos houve uma contribuição das diferentes áreas disciplinares, que em conjunto proporcionaram o resultado pretendido. Assim, ao longo da intervenção, foram trabalhadas competências de todas as áreas disciplinares.

Para uma melhor compreensão da relação entre as diferentes áreas disciplinares, os conteúdos e as estratégias utilizadas para a concretização dos objetivos do PI, na tabela seguinte é compilada informação referente a estes três pontos.

Tabela 3

Plano de ação nas diferentes áreas disciplinares

Áreas Disciplinares	Conteúdos	Estratégias
Língua Portuguesa	<u>Escrita:</u> -Ditados -Escrita de pequenos textos -Interpretação de textos (forma escrita) -Ortografia -Parágrafos -Períodos	-Leitura de histórias que correspondam aos interesses dos alunos. -Criação da Hora do Conto. -Implementação de uma ficha de leitura ao conto lido semanalmente. -Criação da Fábrica de Histórias -Implementação de ditados a partir de textos lidos.
	<u>Leitura</u> -Leitura de narrativas -Interpretação dos textos -Interpretação de textos (forma oral) -Leitura de Rimas -Leitura de Lengalengas	-A disposição da sala será em “U” para um melhor acompanhamento dos alunos. -Promoção da leitura de todos os alunos da turma, em voz alta, em todos os textos trabalhados. -Correção individual dos erros ortográficos nos ditados e na composição de textos.
	<u>Gramática</u> -Área vocabular	-Conforme os erros de cada aluno, propor uma atividade

	<p>-Acentos Gráficos -Sílabas -Regras de Pontuação -Nomes -Adjetivos -Gênero -Número -Verbo -Sinais de Pontuação</p>	<p>específica (dependendo da tipologia de erro). -Utilização de fichas para consolidação dos conteúdos gramaticais. -Autoditados (cartões com 4, 6 e 8 palavras, em que os alunos terão de ler e decorar para posteriormente escreverem no caderno as palavras corretamente e sem erros)</p>
<p>Matemática</p>	<p><u>Números e Operações</u> -Regularidades e Sequências (contagens de 2 em 2, 5 em 5, 10 em 10, 100 em 100) -Cálculo mental -Números Naturais até 1000 -Operações (adições e subtrações) com números naturais inferiores a 1000 -Resolução de problemas com 2 passos -Números racionais não negativos ($\frac{1}{2}$; $\frac{1}{3}$; $\frac{1}{4}$; $\frac{1}{5}$; $\frac{1}{10}$; $\frac{1}{100}$; $\frac{1}{1000}$) -Números pares e ímpares</p>	<p>-Utilização de fichas para consolidar diferentes conteúdos. -Correção das fichas em grande grupo. -Participação ativa dos alunos. -Propor situações do quotidiano para trabalhar o conteúdo do dinheiro (ida ao mercado). -Utilização de situações problemáticas do quotidiano. -Realização do cálculo mental. -Utilização de jogos didáticos. -Implementação do problema da semana de forma a proporcionar a comunicação matemática -Utilização de materiais manipuláveis. -Comunicação dos resultados obtidos na resolução de problemas. -Experiências com garrafas para determinar os litros. -Utilização de blocos padrão para determinar a área.</p>
	<p><u>Medida</u> -Dinheiro:-Notas, moedas e contagem -Volumes e capacidades -Massa -Medidas não Convencionais -Litro</p>	<p>-Utilização de balanças para a massa. -Utilização de geoplano para determinar o perímetro.</p>

	<ul style="list-style-type: none"> -Volume -Área -Perímetro -Metro 	
<p>Estudo do Meio</p>	<p><u>Os Seres Vivos do Seu Ambiente:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> -Animais Selvagens; -Animais Domésticos; -Habitats dos animais; -Características externas dos animais; -Modo de vida dos animais; -Classe dos animais: aves, peixes, insetos e répteis -Plantas espontâneas <ul style="list-style-type: none"> -Plantas cultivadas -Ambientes onde vivem as plantas -Partes constituintes das plantas -Variações do aspeto das plantas ao longo do tempo <p><u>A vida em sociedade</u></p> <ul style="list-style-type: none"> -Regras de Convivência -Interesses individuais e coletivos -Harmonização de conflitos <p><u>Experiências com materiais do uso corrente</u></p> <ul style="list-style-type: none"> -Comparar e agrupar materiais de acordo 	<ul style="list-style-type: none"> -Utilização de fichas para consolidar os diferentes conteúdos dados. -Correção das fichas em grande grupo. -Participação ativa dos alunos. -Utilização de apresentações de Power Point para apresentar as diferentes classes de animais. -Fazer uma “chuva de ideias” acerca do conteúdo apresentado. -Introdução dos diferentes temas através dos conhecimentos prévios dos alunos. -Através do tema “a vida em sociedade” estabeleceremos votações e debates para atribuição das diferentes tarefas de sala de aula. -Fazer experiências com materiais de uso corrente de modo a aprenderem e consolidarem alguns conhecimentos.(solubilidade, dureza, flexibilidade, origem natural, artificial, transparência...) -Construção de um guião para a realização de uma visita de estudo. -Entrevistas sobre as profissões. -Implementação de guiões exploratórios. -Construção de um terrário de caracóis para observar o modo de vida de um animal vivo. -Observação de insetos de modo a caracterizá-los. -Germinação de plantas.

	<p>com as suas propriedades</p> <p><u>Modos de vida e funções de alguns membros da comunidade</u></p> <ul style="list-style-type: none"> -idade -sexo -o que fazem -onde trabalham -como trabalham 	<p>-Classificação de sementes.</p>
Expressão Musical	<p><u>Desenvolvimento Auditivo</u></p> <ul style="list-style-type: none"> -Sons dos animais 	<ul style="list-style-type: none"> -Reprodução de diferentes sons de animais de forma a os alunos poderem identificar o som típico de cada animal. -Mostrar diferentes imagens de animais para que as crianças reproduzam os seus sons.
Expressão Plástica	<p><u>Construções:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> -Construir a partir de representações do plano <p><u>Pintura:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> -Atividades de Pintura Sugerida (construções) <p><u>Impressão:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> -Carimbos vegetais -Moldes positivos e negativos com cartão -Estampar 	<ul style="list-style-type: none"> -As estagiárias deverão ir observando, sem interferir nos aspetos expressivos dos alunos. -O apoio será feito apenas se solicitado. -Distribuir diferentes materiais pelos alunos.
Expressão Dramática	<p><u>Jogos dramáticos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> -Linguagem verbal e não-verbal; -Práticas de faz-de-conta espontâneas e estruturadas; -Representação; - <p>Criatividade/Imaginação;</p> <ul style="list-style-type: none"> -Expressividade da voz e do corpo; -Relação com o Outro (emoções); 	<ul style="list-style-type: none"> -Formação de pequenos grupos (3/4 elementos). -Proporcionar situações de criação livre. -Proporcionar situações mais controladas (disponibilizando personagens e espaços, por exemplo). -Promover momentos de trabalho autónomo.

	<u>Jogos de exploração:</u> -Colocar a voz de diferentes maneiras para produzir sons; -Explorar sons orgânicos ligados às ações.	
Expressão e Educação Físico-Motora	<u>Deslocamentos e equilíbrios</u> <u>Jogos Percursos da Natureza</u>	-Adaptar as atividades consoante as condições atmosféricas. -Formação de pequenos grupos (3/4 elementos). -Acompanhamento grupo a grupo. -No início da aula rever as regras de bom funcionamento. -Posicionar a turma em meia-lua para a explicação das atividades. -Pedir a um aluno para exemplificar o exercício.

Nota. Elaboração Própria

6. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA APRENDIZAGEM DOS ALUNOS

A avaliação, enquanto parte integrante do processo de ensino e de aprendizagem, permite verificar o cumprimento do currículo, diagnosticar insuficiências e dificuldades ao nível das aprendizagens e (re) orientar o processo educativo. Ferreira (2007) defende que

é necessário que, através da avaliação, se diagnostique as dificuldades dos alunos, os seus diferentes ritmos de aprendizagem, as suas necessidades, para que o professor possa intervir com estratégias adequadas que permitam o desenvolvimento de um processo formativo e de aprendizagem adequado às diferentes características dos alunos. (p. 18).

Este autor acrescenta ainda que o desenvolvimento de um processo formativo e, conseqüentemente, da função formativa da avaliação, caracteriza-se “por incidir no processo de ensino-aprendizagem e não nos seus resultados” (Ferreira, 2007, p. 27).

Assim, uma das formas de avaliar as aprendizagens dos alunos consistiu na realização de fichas de consolidação de conhecimentos. Estas fichas serviram para verificar se os conteúdos apresentados foram adquiridos por parte dos alunos ou se ainda existiam muitas dificuldades nesses temas.

A observação direta foi outra forma de avaliar as aprendizagens dos alunos, aquando a realização de atividades e pela elaboração dos diferentes materiais propostos nas diferentes tarefas, sendo que, para este tipo de avaliação recorremos ao preenchimento de grelhas de avaliação.

A realização de debates e a participação dos alunos também permitiu avaliar os alunos, pois pudemos verificar o que eles interiorizaram relativamente às informações transmitidas acerca dos conteúdos abordados.

Relativamente à autoavaliação dos alunos, esta foi feita durante as atividades delineadas, através de diálogos entre as professoras estagiárias e os alunos e no final de cada atividade com o preenchimento de uma tabela com vários indicadores de avaliação, tendo em conta os objetivos gerais do projeto. A autoavaliação também foi feita pelos próprios alunos diariamente.

Como um dos objetivos do plano passava pelas atividades práticas, antes e após a realização dos trabalhos práticos, organizou-se um momento de discussão durante o qual os alunos podiam partilhar as suas ideias e conclusões, confrontando-as com as dos colegas. Norris e Ennis (1999) afirmam que “o pensamento crítico ocorre dentro de um contexto de resolução de problemas e muitas vezes no contexto da interacção com outras pessoas” (citado por Vieira & Vieira, 2000, p. 27). No final da discussão dos resultados, proporcionámos momentos de feedback aos alunos pois, segundo Fernandes (2005), “o feedback é determinante para activar os processos cognitivos e metacognitivos dos alunos, que, por sua vez, regulam e controlam os processos de aprendizagem, assim como para melhorar a sua motivação e auto-estima” (p.69). Segundo este autor, o professor tem a responsabilidade de “utilizar um sistema permanente e inteligente de feedback que apoie efectivamente os alunos na regulação das suas aprendizagens” (Fernandes, 2005, p. 65).

Deste modo, com os vários tipos de avaliação que foram implementados pretendeu-se acompanhar o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. Segundo

Ferreira (2007), este tipo de avaliação tem a “função de regulação das actividades de ensino e de aprendizagem (considerada por muitos a principal função da avaliação formativa), para a sua adequação às características, ritmos, necessidades e dificuldades/erros diagnosticados no aluno durante o seu percurso de aprendizagem” (p. 27-28).

Através destas avaliações foi possível identificar as principais dificuldades no trabalho em curso, para que pudéssemos definir estratégias facilitadoras da sua conclusão e potenciadoras das aprendizagens pertencentes às grandes intenções delineadas para o plano.

6.1. Português

Durante a intervenção realizaram-se atividades que englobassem as cinco competências do Português: Compreensão Oral, Expressão Oral, Leitura, Escrita e Conhecimento Explícito da Língua (CEL).

Em relação à compreensão oral verificou-se alguma evolução, no que diz respeito à identificação da informação principal de um texto e à compreensão de indicações (Anexo Y). No que se refere à expressão oral, a maior parte dos alunos conseguiu melhorar o seu discurso, articulando de forma clara e audível, melhorando também o seu vocabulário adequando os conceitos científicos necessários ao tema (Anexo Z).

No domínio da leitura verificou-se também um melhoramento em vários indicadores, visto que a leitura foi um domínio sempre presente em vários momentos na intervenção (Anexo AA).

Relativamente ao domínio da escrita (Anexo BB), houve uma progressão positiva no desenvolvimento desta competência, uma vez que os alunos proporcionaram de várias atividades de escrita, quer a pares, em grande grupo e individualmente. Uma dessas atividades e talvez a que proporcionou o melhoramento deste domínio foi a Fábrica de Histórias, em que foi possível assistir a uma melhoria da construção de textos (parágrafos e períodos) e da correta utilização dos sinais de pontuação. Outras atividades foram os cartões de autoditado que permitiram a diminuição dos erros ortográficos da turma.

Por último, em relação ao CEL, verificou-se também uma evolução relativamente a vários indicadores. Isto deveu-se ao trabalho realizado ao longo da intervenção, em

que o CEL foi muito trabalhado em rotinas e em atividades específicas de cada conteúdo, principalmente em conteúdos que foram abordados pela primeira vez pelas estagiárias (Anexo CC).

6.2. Matemática

Na área disciplinar de Matemática verificou-se que os alunos tiveram uma melhoria na aquisição de alguns conteúdos e adquiriram outros que ainda não tinham sido trabalhados. Nesta área os alunos obtiveram bons resultados em todos os conteúdos que iam sendo trabalhados nas diferentes atividades. É possível afirmar que os alunos adquiram facilmente a noção de perímetro e área, distinguindo-os, uma vez que para a abordagem dos mesmos foram utilizados materiais manipuláveis, que facilitaram a sua compreensão. A noção de litro e metro foram também bem compreendidos pela turma pois recorremos a atividades práticas para a exploração destes conteúdos. O problema da semana foi uma atividade que permitiu com que os alunos melhorassem a sua comunicação matemática e desenvolvessem o espírito de trabalho em grupo.

6.3. Estudo do meio

Em relação ao EM, os alunos tiveram resultados positivos, principalmente nas atividades práticas, uma vez que todos os alunos conseguiram cumprir as atividades propostas. Além disso todos os conteúdos lecionados durante a intervenção demonstraram-se motivantes e significativos para os alunos, na medida em que estes se envolveram e dedicaram no decorrer de todas as atividades propostas, que assumiram um carácter preferencialmente prático e exploratório. O que pode ser constatado devido ao tema em estudo e onde se conclui que os alunos estiveram muito motivados a realizar as diferentes atividades propostas.

6.4. Expressões artísticas e físico-motora

No que toca à área disciplinar de Expressões Artísticas e Físico-Motoras não dispusemos de quaisquer dados anteriores à intervenção, uma vez que não observamos a professora titular a realizar atividades desta natureza durante o período de observação. Contudo, durante o período de intervenção verificou-se uma grande participação e interesse dos alunos na realização deste tipo de atividades,

principalmente aquando a realização do projeto associado à história infantil “ O Pedro e o Lobo” que incluiu as diferentes áreas das expressões artísticas.

6.5. Competências sociais

No que diz respeito às CS, os alunos mantiveram o seu nível de desempenho, havendo alguns alunos que conseguiram progredir neste domínio. Os indicadores avaliados consistiam no cumprimento das regras da sala de aula, no trabalho cooperativo, autónomo e numa participação ativa. Assim, os alunos da turma desenvolveram a competência da participação, em que revelaram uma melhoria no que toca à partilha de ideias e estratégias, participando com maior frequência e autonomia, sendo estas intervenções cada vez mais pertinentes, e da cooperação, onde foram reforçados os objetivos inerentes a esta metodologia de trabalho, principalmente na partilha de ideias em grupo, uma vez que no período de observação não tinha sido observado qualquer tipo de trabalho em grupo. Quanto à autonomia e responsabilidade, os alunos mantiveram o bom desempenho. No que respeita ao cumprimento das regras da sala de aula, verificou-se que na globalidade os alunos mantiveram o seu bom comportamento, adquirindo o hábito de colocar o dedo no ar para falar e o respeito pela intervenção dos colegas.

7. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA INTERVENÇÃO E DO ESTUDO

7.1. Avaliação da intervenção

A avaliação do plano baseou-se no cumprimento, ou não, dos objetivos que haviam sido propostos no início da realização do plano. Os objetivos definidos eram:

- Desenvolver competências de leitura e de escrita;
- Promover as áreas das Expressões Artísticas e da Educação Física a partir de atividades práticas sobre conteúdos do Estudo do Meio;
- Desenvolver competências discursivas nas diferentes disciplinas;
- Promover a autonomia, a responsabilidade, entreajuda e a cooperação.

Estes objetivos visavam melhorar as necessidades observadas pelas estagiárias neste contexto, tentando promover as diferentes áreas através da interdisciplinaridade.

A avaliação dos resultados do plano foi realizada a partir da avaliação feita pelas crianças e pelas estagiárias, verificando-se que os objetivos gerais tinham sido alcançados ou não e quais os problemas surgidos para que não fossem concretizados. Esta tipo de avaliação permitiu saber qual a relevância dada pelos alunos ao trabalho que foi realizado com as estagiárias ao longo das semanas de intervenção.

A avaliação feita pelas crianças consistiu no preenchimento de uma grelha (Anexo DD), fornecida aos alunos para que estes pudessem exprimir a sua opinião quanto à realização deste plano.

Após analisar as grelhas foram construídos os seguintes gráficos (figuras 2 e 3). No gráfico da figura 2 pode-se verificar que a resposta dos alunos foi em todos os pontos, maioritariamente “todas”. Em todos os indicadores os alunos nunca assinalaram a opção “nenhuma”, o que demonstra que os alunos aceitaram o plano desenvolvido pelas estagiárias.

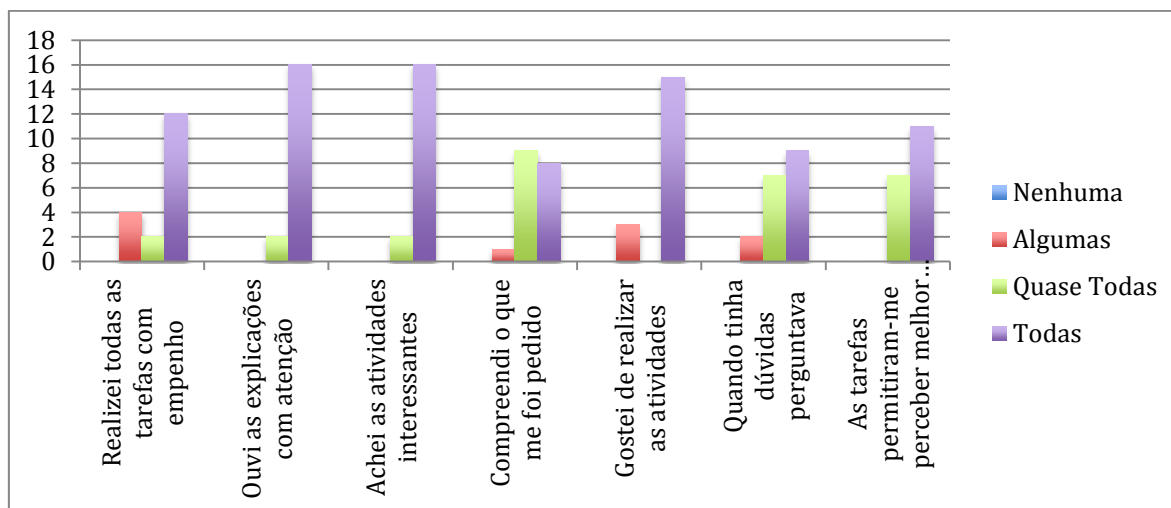


Figura 2. Resposta da autoavaliação dos alunos relativamente ao plano. Dados recolhidos através das grelhas de avaliação dos alunos acerca da intervenção.

Relativamente à análise do gráfico da figura 3, pode-se verificar que a maioria dos alunos escolheu como atividade preferida a visita de estudo ao meio local e as entrevistas realizadas aos comerciantes sobre as suas profissões. Muitos alunos gostaram também da construção dos terrários dos caracóis e das aulas de expressão

físico-motora. Também foram mencionadas atividades da germinação das plantas e da mudança de cor das flores.

Podemos concluir que a maioria das atividades selecionadas pelos alunos, como preferidas, são na maioria as de atividades práticas.

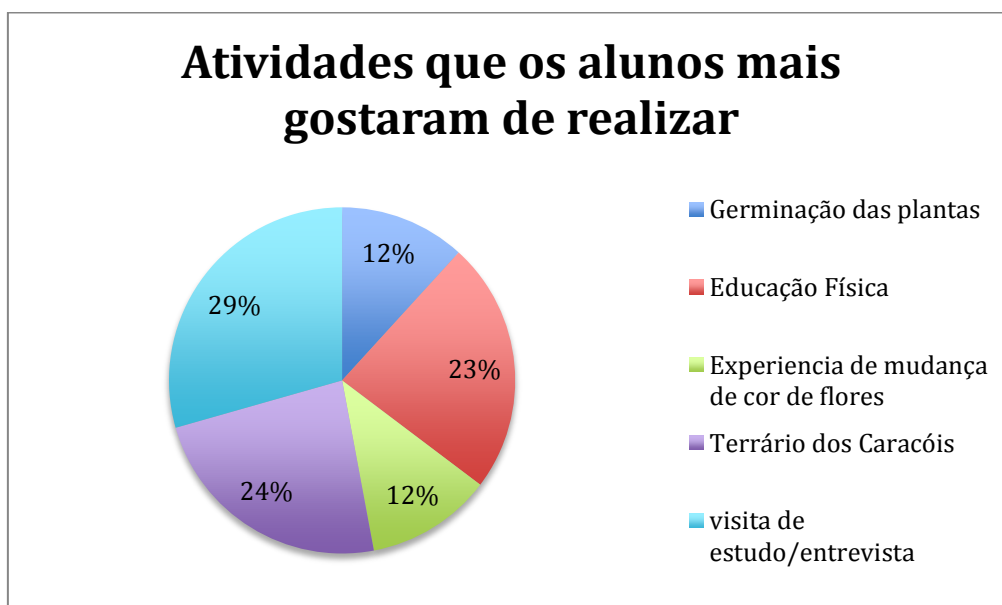


Figura 3. Atividades preferidas dos alunos. Dados recolhidos através das grelhas de avaliação dos alunos acerca da intervenção.

Para além da autoavaliação feita pelos alunos, as estagiárias também realizaram uma avaliação da intervenção, para se poder determinar se os objetivos gerais da intervenção tinham sido atingidos (figuras 4,5,6 e 7) (Anexo EE).

A partir do gráfico da figura 4, que contempla a avaliação relativa ao primeiro objetivo da intervenção, verifica-se que a maioria das crianças apresenta um desempenho satisfatório nos diferentes indicadores de avaliação. O único aluno que apresenta valores mais baixos deve-se ao facto de o português não ser a sua língua materna e ter vindo para Portugal apenas à 6 meses.

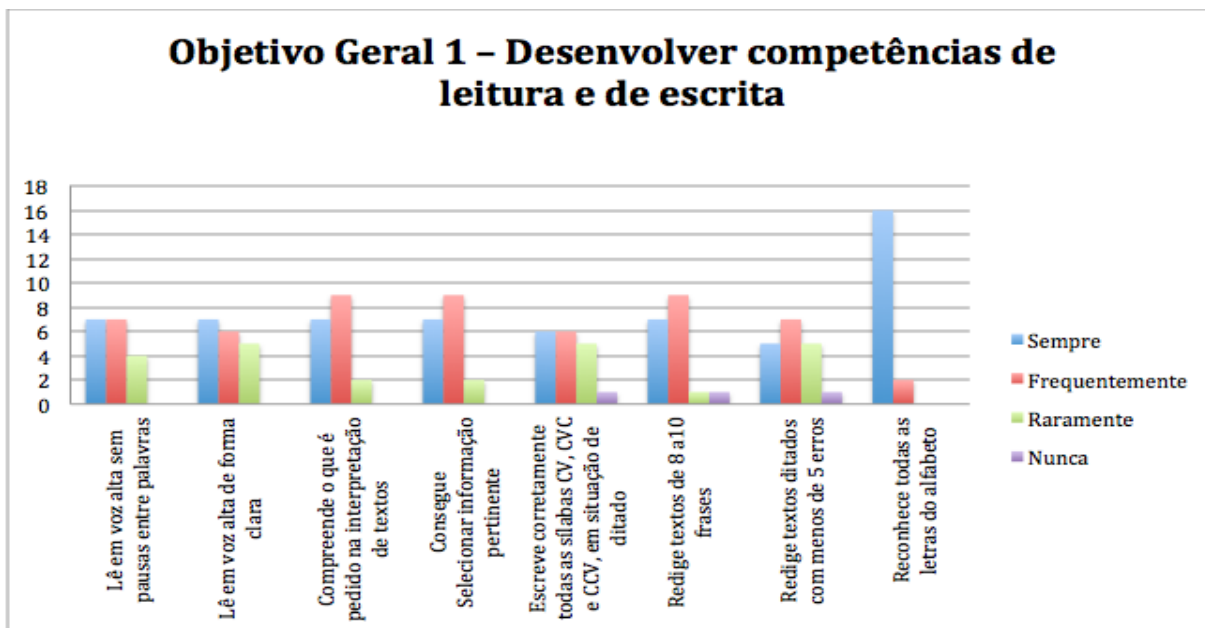


Figura 4. Avaliação dos alunos relativamente ao 1º objetivo geral. Dados recolhidos através da grelha de observação acerca do 1º objetivo da intervenção.

Podemos dizer que o primeiro objetivo da intervenção foi globalmente atingido, devido às várias atividades que foram implementadas, tais como a prática semanalmente de ditados, pois para Condemarin e Chadwick (1986, p. 184) “o ditado favorece o aprendizado do vocabulário, proporciona uma prática ativa e estruturada na escrita de palavras em um contexto”, desta forma foi uma atividade através da qual os alunos adquiriram a prática da escrita e que permitiu a redução de erros ortográficos, como também os autoditados. Outra tarefa que permitiu verificar o melhoramento da turma em relação à área de português foi a fábrica de histórias, pois permitia aos alunos desenvolver a sua criatividade, a partir de tópicos selecionados (herói, missão, inimigo, local...), e desta forma os alunos tornavam-se os autores das suas histórias, desenvolvendo a escrita. O melhoramento da leitura deve-se à Hora do Conto, onde os alunos tinham a oportunidade de ler pequenos excertos do livro que estava a ser trabalhado e da leitura dos seus textos criados na Fábrica de Histórias.

No gráfico da figura 5, que contempla o segundo objetivo geral da intervenção implementado com esta turma, avaliamos que este grupo de crianças, na totalidade, consegue identificar os sons dos diferentes animais, identifica e desloca-se de acordo com as características dos animais e participa nas atividades práticas de modo a consolidar os conteúdos sobre o tema dos animais e plantas. Nos restantes

indicadores de avaliação, a turma no geral tem um aproveitamento muito positivo, pois os indicadores foram avaliados maioritariamente como frequentemente, ou seja, eram muito mais as vezes que tinham sucesso do que insucesso nas atividades em que eram avaliados os diferentes indicadores.

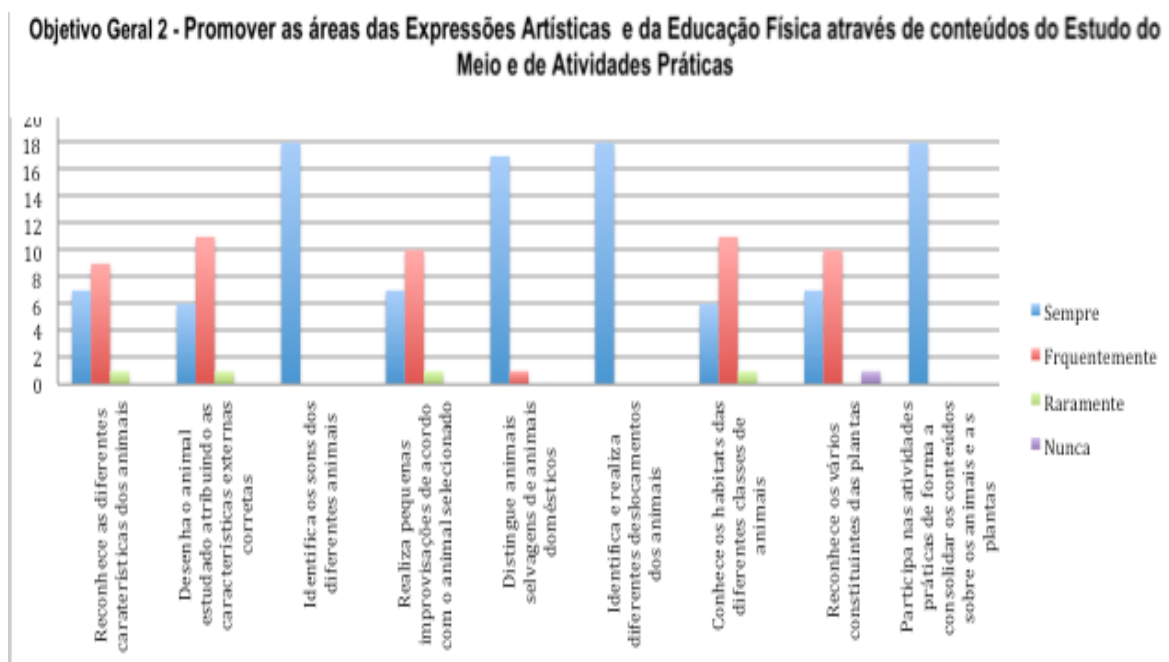


Figura 5. Avaliação dos alunos relativamente ao 2º objetivo geral. Dados recolhidos através da grelha de observação acerca do 2º objetivo da intervenção.

Em relação ao terceiro objetivo, a maioria dos alunos melhorou a sua comunicação oral, visto que atingiram o nível “sempre” nos vários indicadores de avaliação. Como foi referido anteriormente, o único aluno que não atingiu os indicadores, com nível “nunca” é devido a este não ter o português como a sua língua materna. A realização de debates, discussões e exposições orais, foram formas de podermos avaliar os alunos, pois segundo Harlen (1992, citada por Sá, 2002, p.80) “falar e ouvir favorece a base para a acção” visto que a criança, através do debate, aprende a ouvir as ideias dos outros e a formar as suas próprias ideias, e Viseu (2009, p.62) salienta ainda que “a comunicação em sala de aula é importantíssima. O professor deve encorajar os alunos a apresentar as suas dúvidas e opiniões e a argumentar e justificar as suas ideias”.

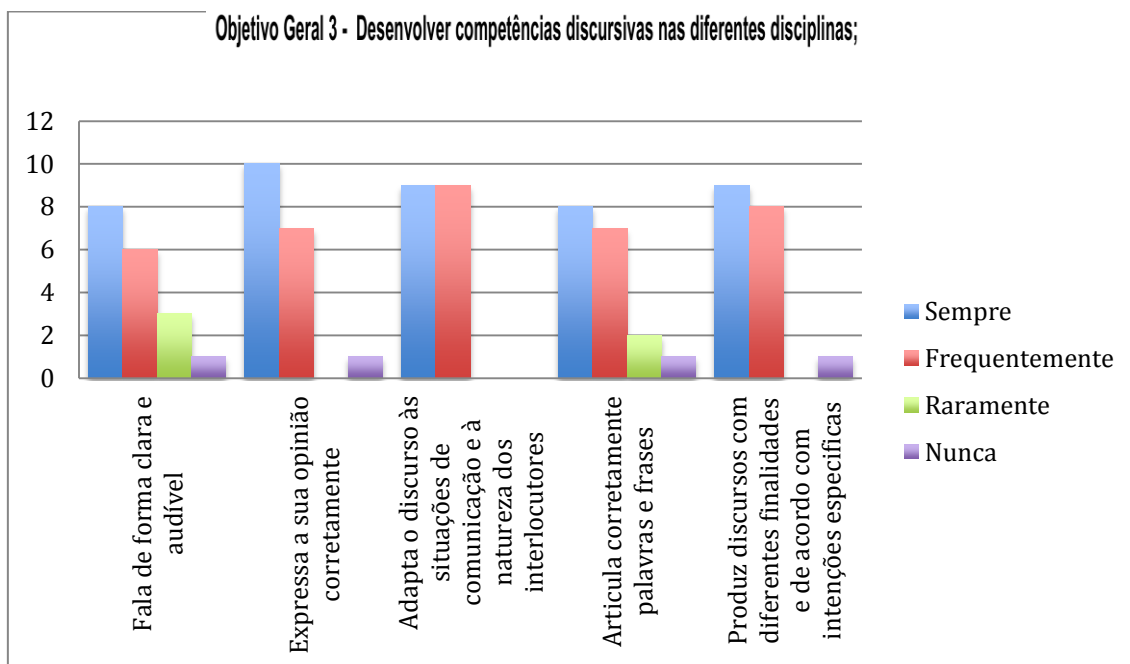


Figura 6. Avaliação dos alunos relativamente ao 3º objetivo geral. Dados recolhidos através da grelha de observação acerca do 3º objetivo da intervenção.

Relativamente ao quarto e último objetivo geral do plano (figura 7), a turma demonstrou maioritariamente sucesso nas atividades propostas que permitiram verificar se estes indicadores tinham sido atingidos ou não. É de salientar que apesar deste sucesso geral, no indicador que avalia a autonomia dos alunos nas tarefas, podemos afirmar que o número de alunos que revela autonomia é total. O indicador que apresenta uma maior disparidade é o de trabalho em grupo, que apesar de ser muito realizado durante o período de intervenção, ainda existem alguns alunos que não demonstram um trabalho de entreatajuda e cooperação.

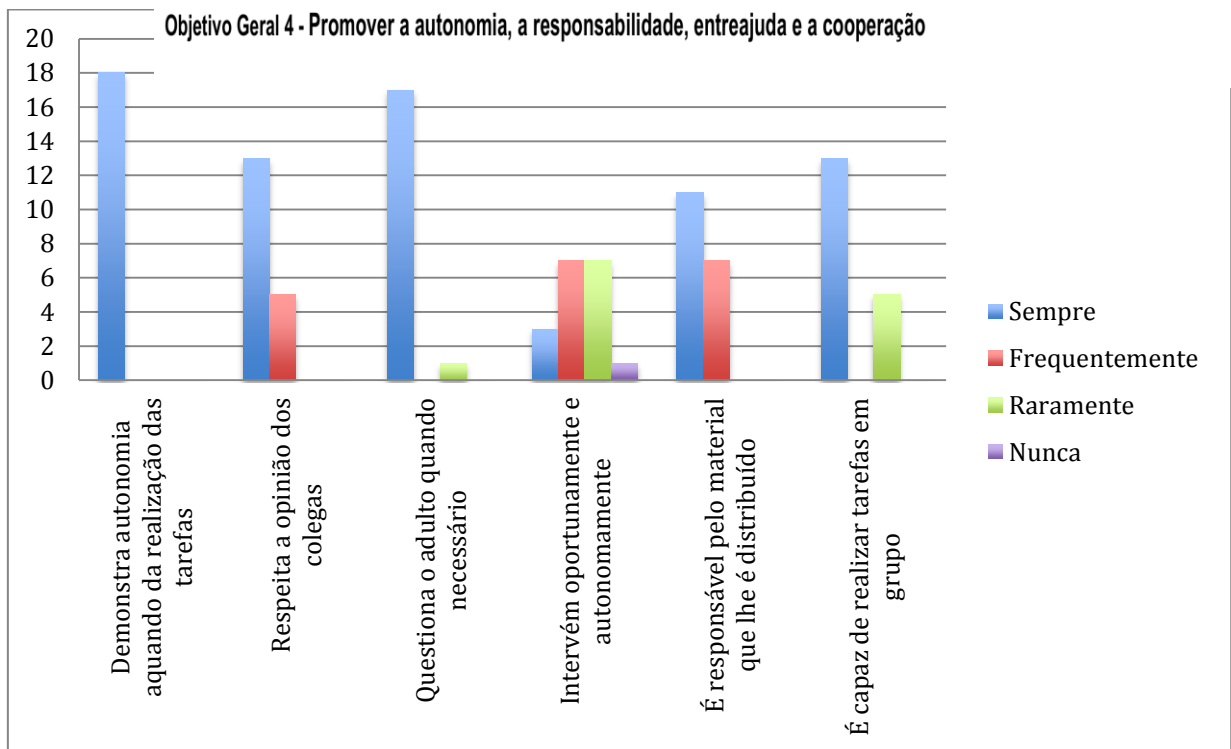


Figura 7. Avaliação dos alunos relativamente ao 4º objetivo geral. Dados recolhidos através da grelha de observação acerca do 4º objetivo da intervenção.

Concluindo, analisados todos os aspetos atrás descritos, como a avaliação de conhecimentos da turma e avaliação da intervenção por parte dos alunos, consideramos que os objetivos estabelecidos para a intervenção foram alcançados em parte, com alguma satisfação já que consideramos que necessitaríamos de mais tempo para obter um sucesso total, ou pelo menos maior.

7.2. Resultados do estudo

O estudo desenvolvido *Contributos das atividades práticas de estudo do meio para o aumento da motivação e da aprendizagem conceptual no 2º ano de escolaridade* permitiu concluir que os resultados parecem indicar que as atividades práticas de Estudo do Meio aumentam a motivação dos alunos. A partir de todas as atividades práticas foram preenchidas grelhas de observação em relação à participação e motivação dos alunos (anexo II). O gráfico que se segue apresenta os resultados da análise da grelha de observação, onde se pode verificar que a participação dos alunos nas atividades práticas era na maioria bastante ativa, o que significa que os alunos estavam motivados para a realização dessas atividades.



Figura 8. Resultados da observação da motivação e participação dos alunos. Dados recolhidos através da grelha de observação da motivação e participação dos alunos nas atividades práticas.

As entrevistas (Anexo X) vêm também a confirmar que os alunos gostaram de realizar as atividades práticas e que gostariam de as continuar a fazer porque, para eles, eram atividades divertidas, que lhes permitiam a descoberta de novos conteúdos de uma forma lúdica e principalmente porque lhes era permitido fazerem eles as suas próprias descobertas. Tal como é apresentado na tabela que se segue.

Tabela 4

Análise de conteúdos das entrevistas realizadas aos alunos selecionados.

Objetivos	Questões	Respostas
Avaliar o contributo das atividades práticas para a motivação intrínseca dos alunos.	Gostaste de realizar as atividades sobre os caracóis e sobre os insetos e a visita de estudo? Porquê?	-Sim. Porque aprendi mais classes de animais e sobre as várias profissões. [aluno 1] -Sim eu gostei. Nos caracóis, eu nunca tinha visto caracóis vivos e a mexerem-se, achei interessante ver os insetos com as lupas e com a visita, encontrei a minha profissão. [aluno 2] -Sim. Porque aprendi mais coisas. [aluno 3] -Sim. Porque eu gosto muito de animais.[aluno 4]
	Foram atividades difíceis ou fáceis de realizar? Porquê	-Fáceis, porque já sabia algumas coisas.[aluno 1] -Fáceis, porque já sabia algumas coisas.[aluno 2] -Algumas foram difíceis, porque tínhamos de estar muito atentos.[aluno 3] -Algumas foram difíceis, porque na visita de estudo tive que andar para ver as profissões. [aluno 4]
	Gostas mais de aprender desta maneira (a observar, a experimentar e a questionar...) ou como costumavas aprender?	-Gostei mais desta maneira. [aluno 1] -Desta maneira. [aluno 2] -Gostei mais desta maneira.[aluno 3] -Gostei mais desta maneira.[aluno 4]
	Gostarias de voltar a fazer este tipo de atividades? Porquê?	-Sim, porque é divertido. [aluno 1] -Sim, porque aprendo à medida que me vou divertindo. [aluno 2] -Sim, porque são divertidas e aprendo muito.[aluno 3] -Sim, porque é divertido e aprendo mais coisas.[aluno 4]
Avaliar aprendizagens realizadas (de conceitos científicos) nas	Podes referir coisas que aprendeste?	-Mais coisas sobre os animais e sobre as profissões. [Aluno 1] -Coisas sobre os caracóis, os insetos e sobre as profissões. [aluno 2] -Características dos animais e o dia a dia das

<p>atividades práticas, na perspectiva dos alunos</p>	<p>Explica melhor o que aprendeste sobre os animais, as plantas e as profissões.</p>	<p>profissões.[aluno 3] -Como nasce uma planta.[aluno 4] -Com os caracóis aprendi o que é que eles comem e que gostam mais de sombra. Com os insetos aprendi como é que eles eram, as suas características, com a visita de estudo aprendi como os correios trabalhavam e com as plantas como é que elas crescem. [aluno 1] -Com os caracóis aprendi o que eles comem, como se chamam as partes do corpo (concha, pé e tentáculos). Com os insetos, que estavam divididos em três partes: abdómen, tórax e cabeça, e com a visita, como é que elas (profissões) funcionam e a trabalhar em grupo. [aluno 2] -Aprendi sobre a vida dos caracóis e como é o seu corpo e a cuidar deles, como funciona os correios e para onde vão as cartas depois de as entregarmos. [aluno 3] -Que uma semente não precisa de ter terra para nascer e se tornar numa planta, precisa é de luz, ar e água. E que qualquer semente pode dar uma planta.[aluno 4]</p>
---	--	---

Nota. Elaboração própria

Deste modo, os alunos gostaram de realizar atividades práticas e afirmam que gostariam de as continuar a realizar, pois eram, para eles, atividades divertidas onde podiam ir aprendendo conteúdos científicos de uma forma motivante. Além disso, os alunos consideraram as atividades fáceis, pois já tinham alguns conhecimentos acerca do que estava a ser trabalhado, contudo também as consideraram difíceis pois fazia com que estes estivessem mais concentrados do que o costume para as realizar com precisão. Com estes resultados, verifica-se que os alunos ficaram motivados para aprender e se eles estão motivados, as aprendizagens ficam retidas durante mais tempo. Contudo é difícil afirmar que aprenderam mais através de atividades práticas do que com outro tipo de atividades, já que não houve uma comparação.

Porém, este estudo vem reforçar a posição expressa por vários autores (Sá, 2002; Charpak, 2005; Perrenoud, 1995; Oliveira, 1999) acerca da pertinência das atividades práticas para o aumento da motivação dos alunos e da aquisição de conceitos.

8. CONCLUSÕES FINAIS

8.1. Considerações acerca da Intervenção

A Prática de Ensino Supervisionada II, foi uma unidade curricular que proporcionou o acesso a uma realidade educativa no 1º CEB, bem como a possibilidade de lecionar as diferentes áreas disciplinares. O que se traduziu numa mais-valia devido ao enriquecimento ao nível da leção de conteúdos e da seleção das estratégias e atividades mais eficazes para essa mesma leção. Permitiu ainda melhorar a minha prática pedagógica, que é um fator importante no desenvolvimento pessoal e profissional, tal como salientam Ponte et al, (2001)

a Prática de Ensino e Estágio Supervisionado são instâncias privilegiadas de vivências de interações entre a teoria e a prática e devem ser positivas, favorecendo uma transição constante entre a teoria pedagógica e a específica da área, junto com os problemas colocados pela prática docente na escola. (p. 40).

O contexto de estágio foi gratificante, pois permitiu colocar em prática as aprendizagens e competências adquiridas no decorrer de toda a formação académica e onde pude identificar de uma forma mais perceptível as minhas fragilidades e potencialidades. Uma vez que, ao ser confrontada com novas situações pude colocar à prova as minhas competências.

Tive como objetivos desenvolver atividades que estabelecessem uma relação entre as áreas curriculares e os seus conteúdos, que fossem interessantes, dinâmicas, e lúdicas, tal como Pires e Pires (1992, p.35) salientam “a atividade lúdica é uma atividade geradora de prazer e de alegria para a criança e que a mobiliza para a ação com níveis elevados de atenção e interesse”. Como por exemplo a realização de atividades práticas, a construção de terrários de caracóis, a observação de insetos, a visita de estudo ao meio local acerca das profissões, experiências com materiais (solubilidade, transparência, dureza, flexibilidade). Foram realizadas atividades que permitissem a manipulação de materiais como os blocos padrão para trabalhar a noção de área e o geoplano para a noção de perímetro. Também algumas das atividades escolhidas apelavam à imaginação e criatividade das crianças, como a Fábrica de Histórias e a Hora do Conto, pois considero que é importante desenvolver estas capacidades e faz parte do desenvolvimento da criança, como é defendido por Ostrower (1977, p.5), “a criatividade é um potencial inerente ao homem, e a realização

desse potencial uma de suas necessidades”, ou seja, a criatividade faz parte do ser humano e é essencial que seja desenvolvida.

Todas estas atividades serviam para motivar e aumentar a participação dos alunos, com recurso a materiais a que os alunos não estavam habituados, tal como Caldeira salienta (2009, p.58) “uma das vantagens da utilização de materiais manipuláveis na sala de aula é que proporcionam situações mais próximas da realidade, permitindo uma melhor compreensão na resolução de problemas”.

Além disso, é essencial criar atividades motivadoras pois a motivação dos alunos para a aprendizagem é um fator decisivo na eficácia de uma aula, e se o aluno não utilizar o que é posto ao seu dispor para aprender, nem se esforçar para adquirir o conhecimento disponibilizado na sala de aula, o seu desempenho como aluno será afetado, tal como Simpson afirma (1993)

a motivação é aquilo que move as pessoas a fazerem qualquer coisa”, ou seja, “é o que as leva a empenharem-se com dedicação, esforço e energia naquilo que fazem (...) é vital em qualquer trabalho quando se pretende que as pessoas deem o seu melhor (p.11).

Com as reflexões realizadas pude refletir sobre a minha prática, inovando e aplicando novas estratégias sempre que necessário, tal como as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (Ministério da Educação, 1997, p.93) salientam a “intencionalidade exige que o educador reflita sobre a sua ação e a forma como adequa às necessidades das crianças”. Tentei inovar e aplicar estratégias e metodologias que considerava importantes e enriquecedoras para os alunos e pude aprender a lidar com situações inesperadas que iam ocorrendo no dia-a-dia.

Atendi às dificuldades apresentadas pelos alunos, disponibilizei-me a arranjar estratégias para que estes percebessem melhor e que desta forma lhes permitisse concluir a tarefa pedida, tal como refere Pais e Monteiro (2002, p.34) “o professor terá que fazer a escolha que melhor se adequa aos seus propósitos educativos e às condições concretas em que trabalha”. Deste modo, a relação pedagógica que tive com as crianças foi muito agradável e motivadora.

Em suma, todos os momentos de intervenção foram essenciais para desenvolver a aprendizagem enquanto docente. Uma vez que, um bom professor deve-se desafiar a si mesmo, melhorando sempre a sua formação de modo a evoluir e refletir sobre as suas práticas, tentando não repetir certos erros que podem prejudicar o desenvolvimento das competências dos alunos. A adoção de estratégias de

interdisciplinaridade ao longo de todo o tempo de estágio foi fundamental para a motivação dos alunos e de grande importância para a sua formação. Além disso, sei que ao longo da minha vida profissional terei que me preparar sempre da melhor maneira tentando ultrapassar constantemente dificuldades e estando sempre a par das constantes novidades científicas e metodológicas, uma vez que “ a aprendizagem da profissão docente não principia com a frequência de um curso de formação inicial, nem termina com a obtenção de licenciatura em ensino” (Carreiro, 1996, p.9).

8.2. Considerações acerca do estudo

As atividades que estavam relacionadas com o tema em estudo pretendiam verificar se as atividades práticas contribuíam para o aumento da motivação e da aprendizagem de conceitos de Estudo do Meio.

Pode-se dizer que as atividades foram bem aceites pelos alunos, mostraram-se dispostos e empenhados na realização das atividades propostas, apesar de as considerarem um pouco difíceis. Contudo, consideraram também que as atividades eram estimulantes e desafiadoras, pois faziam com que estivessem com mais atenção ao que era pedido. Na atividade da visita de estudo, os alunos demonstraram algumas dificuldades em conseguir preencher o guião na rua, pois não tinham apoios para escrever. A preparação das entrevistas a realizar durante a visita de estudo foi um constrangimento que encontrei, pois foram poucos os funcionários dos estabelecimentos que estavam dispostos a ser entrevistados pelos alunos. Além disso, como os alunos eram do 2º ano e por isso escrevem lentamente, foi necessário que eu registasse as respostas dos comerciantes para uma posterior leitura das respostas na sala de aula, pois demoraria muito tempo caso fossem os alunos a escrever as respostas dadas pelos comerciantes no local.

Apesar destes constrangimentos, os alunos consideraram as atividades práticas como uma mais-valia pois divertiam-se à medida que iam fazendo as suas descobertas e iam adquirindo novos conceitos científicos. Além disso, foi notória a motivação dos alunos aquando a realização das diferentes atividades práticas, o que me leva a concluir que é muito importante realizar este tipo de atividades no 1º Ciclo e no futuro terei em conta estes resultados na minha prática e sempre que possível as usarei de forma a apresentar conteúdos de forma motivadora para os alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, A. (1998). *Visitas de estudo: Conceções e eficácia na aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte
- Arends, R. (2008). *Aprender a ensinar* (A. Faria Trad., 7ª ed.). Lisboa: McGraw-Hill.
- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (2010). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Brunheira, L. (s/d). *O conhecimento e as atitudes de três professores estagiários face à realização de actividades de investigação na aula de matemática*. Disponível em <http://ia.fc.ul.pt/textos/lbrunheira/>. Acedido em 17/06/2015.
- Caldeira, M. F. (2009). *Aprender a matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Carreiro, F. C., Carvalho, L., Onofre, M., Diniz, J. & Pestana. C. (1996). *Formação de professores em educação física: concepções, investigação, prática*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.
- Cochito, M. (2004). *Cooperação e aprendizagem*. Educação intercultural. Lisboa: Acime.
- Condemarín, M. & Chadwick, M. (1987). *A escrita criativa e formal*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas.
- Cunha, P. D. (1996). *Ética e educação*. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Dourado, L. (2006). Concepções e práticas dos professores de ciências naturais relativas à implementação integrada do trabalho laboratorial e do trabalho de campo. *Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias*, 5, 192-212.
- Fernandes, D. (2005). *Avaliação das aprendizagens: desafios às teorias, práticas e políticas*. Lisboa: Texto Editores.
- Ferreira, C. (2007). *A avaliação no quotidiano da sala de aula*. Porto: Porto Editora.
- Harlen, W. (2009). *Teaching, learning and assessing Science 5-12* (4ªed.). Londres: Sage.
- Jiménez, A. & Gaité, M. (1996). *Enseñar Geografía*. Madrid: Editorial Síntesis.

- Leite, L. (2000). As actividades laboratoriais e a avaliação das aprendizagens dos alunos. In M. Sequeira; L.Dourado; M. Vilaça; J. Silva; A. Afonso; J. Baptista (Eds.) *Trabalho prático experimental em ciências*. (pp. 92-108). Braga. Universidade do Minho.
- Katz, L. & Chard, S. (1997). *A abordagem de projecto em educação de infância*. Lisboa: F.C. Gulbenkian.
- Lopes, J. & Silva, H. (2009). *A aprendizagem cooperativa na sala de aula – um guia prático para o professor*. Lisboa: Lidel - Edições Técnicas.
- Lourenço, A. & Paiva, M. (2010). *A motivação escolar e o processo de aprendizagem*. Ciências & Cognição 2010; Vol 15 (2), p.132-141
- Mata, L. (2008). *A descoberta da escrita: textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: ME-DGIDC
- Martins, I. P., Veiga, M. L., Teixeira, F., Tenreiro-Vieira, C., Vieira, R. M., Rodrigues, A. V., Couceiro, F. (2007). *Educação em ciências e ensino experimental* (2ªed.). Lisboa: ME
- Mendes, A. I. N. (2005). *De pequenino se motiva o menino: motivação para a aprendizagem no 1º ano do ensino básico*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Educacional apresentada ao Instituto Superior de Psicologia Aplicada – ISPA.
- Ministério da Educação. (1997). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação. (2001). *Currículo nacional do ensino básico – competências essenciais*. Departamento da Educação Básica.
- Ministério da Educação. (2004). *Organização curricular e programas: ensino básico 1º ciclo*. Mem Martins: Departamento da Educação Básica.
- Oliveira, M. T. (1999). *Trabalho experimental e formação de professores. ensino experimental e construção de saberes*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação – Ministério da Educação, 35-53.
- Ostrower, F. (1977). *Criatividade e processos de criação*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Pais, A., & Monteiro, M. (2002). *Avaliação - uma prática diária*. (2ª ed.) Lisboa: Editorial Presença.

- Pelizzari, A., Kriegl, M. L., Baron, M., Finck, N., Dorocinski, S. (2002). *Teoria da aprendizagem significativa segundo Ausubel*. Revista PEC, Curitiba, v.2, n.1.
- Perrenoud, P. (1995). As novas didáticas e as novas estratégias dos alunos face ao trabalho escolar. In P. Perrenoud, *Ofício de aluno e o sentido do trabalho escolar* (pp. 127 - 133). Porto: Porto Editora.
- Pires, D. (2002). *Práticas pedagógicas inovadoras em educação científica: estudo no 1º ciclo do ensino básico*. Lisboa: Tese de doutoramento, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.
- Pires, J. & Pires, C. (1992). *Atividade lúdica e aprendizagem*. Revista Portuguesa de Pedagogia, nº3.
- Ponte, J. P., Galvão, C., Trigo-Santos, F., Oliveira, H. (2001). *O início da carreira profissional de jovens professores de matemática e ciências*. Revista de Educação. V.10, n.1.
- Praia, J. F. (1999). *O trabalho laboratorial no ensino das ciências: contributos para uma reflexão de referência epistemológica. ensino experimental e construção de saberes*. (pp. 55-75). Lisboa: Conselho Nacional de Educação – Ministério da Educação.
- Roldão, M. (2004). *Gestão do currículo e avaliação de competências*. Lisboa: Editorial Presença.
- Sá, J. (2000). *A abordagem experimental das ciências no jardim de infância e 1ºciclo do ensino básico: sua relevância para o processo de educação científica nos níveis de escolaridade seguintes*. Braga: Universidade do Minho
- Sá, J. (2002). *Renovar as práticas no 1º ciclo pela via das ciências da natureza*. Porto: Porto Editora.
- Santana, I. (2003). *Práticas pedagógicas diferenciadas*. Escola Moderna, nº 8.
- Santrock, J. (2009). *Psicologia educacional* (Durante, D. , Rosemberg, M. , Ganeo, T., Trad.). São Paulo: McGraw-Hill.
- Simão, R. I. P. (2005). *A relação entre actividades extracurriculares e desempenho académico, motivação, auto-conceito e auto-estima dos alunos*. Monografia de Licenciatura em Psicologia. Instituto Superior de Psicologia Aplicada - ISPA.
- Simpson, W. (1993). *A motivação*. Lisboa: Gradiva

- Sprinthall, N.& Sprinthall, R. (2001). *Psicologia educacional: uma abordagem desenvolvimentista*. (S. Bahla, A. Pinto, J. Moreira, M. Rafael, Trad.). Lisboa: McGraw-Hill.
- Solé, I. (2001). Disponibilidade para a aprendizagem e sentido da aprendizagem. In C. Coll, E. Martin, T. Mauri, M. Miras, J. Onrubia, Solé, et al., *O construtivismo na sala de aula - novas perspectivas para a acção pedagógica*. Porto: Edições ASA.
- Stein (2001), citado por Martinho e Ponte. *A comunicação na sala de aula de Matemática: um campo de desenvolvimento profissional do professor*. [consultado em 29/05/2015]
http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/fdm/textos/Martinho-Ponte_05%20CIBEM_.pdf
- Sousa, M. J. & Baptista, C. S. (2011). *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios*. (3ªed.). Lisboa: LIDEL
- Tonucci, F. (1986). *Contributos para a definição de um modelo educativo: da escola transmissiva à escola construtivista*. In *Análise Psicológica*, 1(V), 169-178.
- Vieira, C., & Vieira, R. (2005). *Estratégias de ensino / aprendizagem*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Vilelas, J. (2009). *Investigação – o processo de construção do conhecimento*. Lisboa: Edições Sílabo.

ANEXOS

Anexo A- Localização do Agrupamento

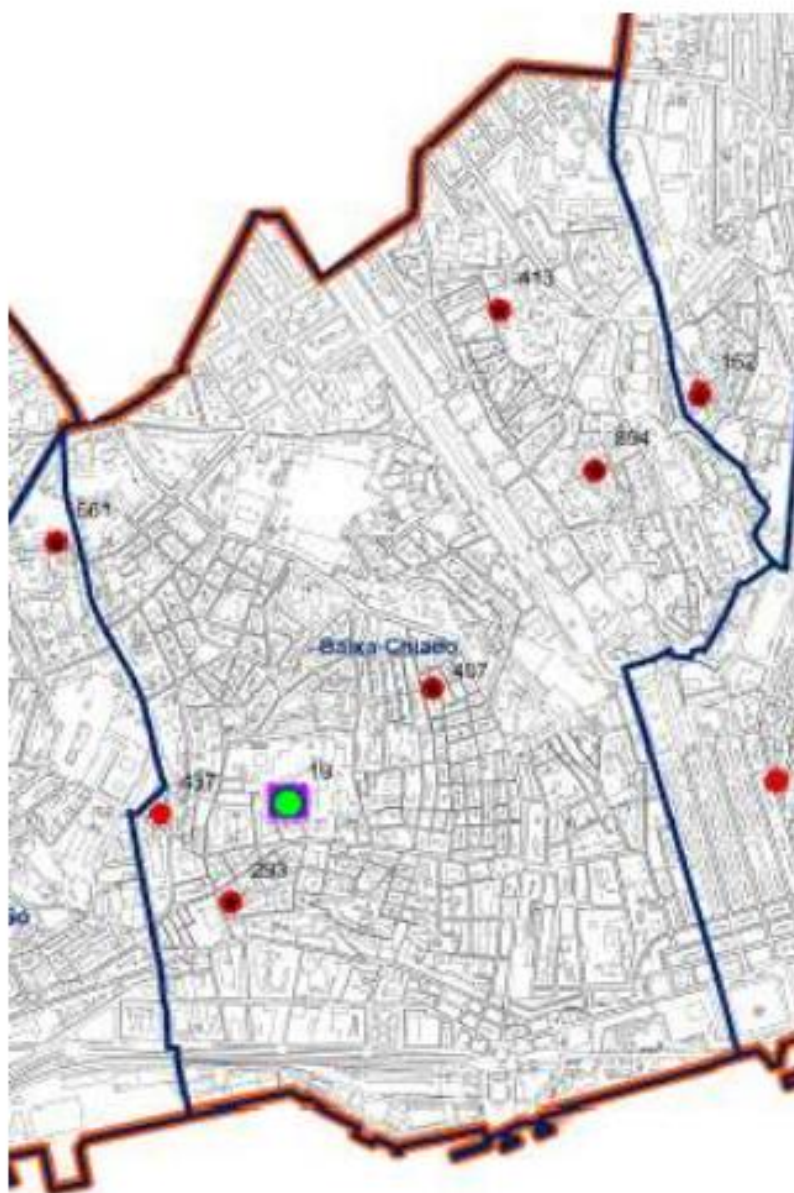


Figura A1 – Mapa das Freguesias que rodeiam o agrupamento.

Anexo B- Grelha de Observação de Competências Sociais

Tabela B1

Avaliação diagnóstica: Competências Sociais

Grelha de Observação –Atitude e Comportamentos																	
Lista de Verificação																	
Alunos ¹⁰	Competência																
	1. Cumprir as regras da sala de aula			2. Trabalhar em cooperação			3. Trabalhar de forma responsável		4. Trabalhar de forma autônoma		5. Relação com os outros		6. participar de forma ativa na dinâmica de grande grupo				
	Indicadores de Avaliação																
	1.1. Intervém colocando o dedo no ar	1.2. Mantém o silêncio durante as atividades	1.3. Presta atenção ao professor e aos colegas sem interromper	2.1. Pede e aceita apoio do professor	2.2. Coopera nas diversas atividades com o professor	2.3. Coopera nas atividades com os colegas	3.1. Realiza as atividades com empenho e motivação	3.2. Cumpre as tarefas a seu cargo	4.1. Realiza as atividades autonomamente	4.2. Realiza as atividades com apoio	5.1. Respeita o que é dito pelo professor	5.2. Respeita os colegas	6.1. Participa quando solicitado	6.2. Participa por iniciativa própria	6.3. Expressa-se clara e audivelmente	6.4. Intervém de forma pertinente	6.5. Expressa suas ideias, estratégias e dúvidas
1																	
2																	
3																	
4																	
5																	
6																	
7																	
8																	
9																	
11																	
13																	
14																	
15																	
16																	
18																	
19																	
22																	
23																	

¹⁰ Legenda: Sempre; Ocasionalmente; Nunca; Não Observado

Anexo C- Avaliações Diagnósticas

Anexo C1- Resultados e ficha de Avaliação Diagnóstica de Português

Classificação do Teste Diagnóstico de Português. 14/15																	
Turma : 2ºD																	
Data: março																	
	1	2	3	4	5	6	6.1	7	7.1	8	9	10	10.1	Total	Apreciação		
	9	12	12	10	9	12	8	4	4	4	4	4	8	100		0 - 19	Fraco
nº																20 - 49	Insuficiente
1	9	12	12	10	6	12	6	3	2	4	4	1	3	84	Bom	50 - 69	Suficiente
2	9	12	12	10	9	12	8	3	4	4	1	3,5	4	91,5	Muito Bom	70 - 89	Bom
3	9	10	6	10	6	12	7	2	4	3	0	4	6	79	Bom		
4	9	6	12	10	3	12	8	4	2	2	4	2,5	4	78,5	Bom		
5	3	12	0	4	3	8	0	1	4	3	2	2	3	45	Insuficiente		
6	3	9	9	10	9	8	0	2	2	1	1	4	4	62	Suficiente		
7	0	12	12	6	9	10	5	3	2	0	1	3,5	2	65,5	Suficiente		
8	9	8	12	10	3	12	7	2	1	1	1	4	6	76	Bom		
9	9	10	4	10	9	12								54	Suficiente		
12	3	12	12	10	6	10	8	4	4	3	4	3,5	6	85,5	Bom		
13	9	12	12	10	9	10	8	4	4	2	2	3,5	7	92,5	Muito Bom		
14														0	Fraco		
15	9	12	8	10	9	12	8	2	4	2	2	4	7	89	Bom		
16	9	9	6	10	9	6	0	4	4	0	4	2	0	63	Suficiente		
18	9	12	12	6	9	12	7	4	4	4	4	4	8	95	Muito Bom		
19	3	6	8	10	0	6	0	2	3	2	2	3	6	51	Suficiente		
22	3	12	9	10	3	0	0	0	0	0	0	0	0	37	Insuficiente		

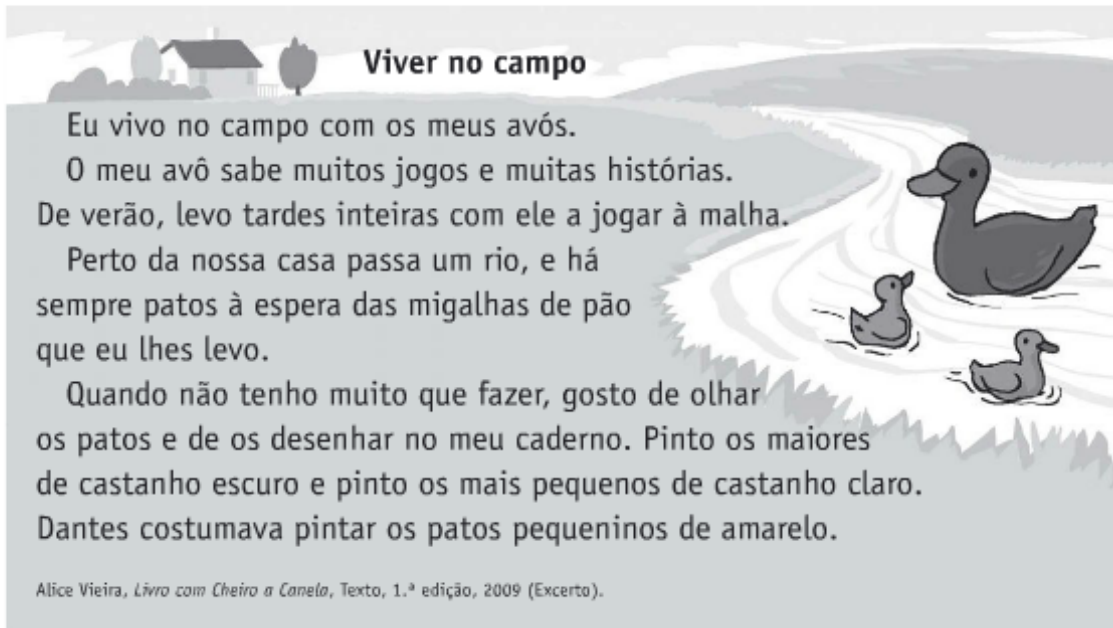
Figura C2- Grelha do teste diagnóstico de Português.

Teste diagnóstico – Português

Nome: _____

Data: _____

1. Lê o texto silenciosamente.



Viver no campo

Eu vivo no campo com os meus avós.
O meu avô sabe muitos jogos e muitas histórias.
De verão, levo tardes inteiras com ele a jogar à malha.
Perto da nossa casa passa um rio, e há sempre patos à espera das migalhas de pão que eu lhes levo.
Quando não tenho muito que fazer, gosto de olhar os patos e de os desenhar no meu caderno. Pinto os maiores de castanho escuro e pinto os mais pequenos de castanho claro. Dantes costumava pintar os patos pequeninos de amarelo.

Alice Vieira, *Livro com Cheiro a Canela*, Texto, 1.ª edição, 2009 (Excerto).

1. **Ordena** de 1 a 3, de acordo com o texto.

A criança gosta de desenhar os patos no caderno.

A criança e o avô jogam, tardes inteiras, à malha.

Os patos que estão no rio estão à espera das migalhas de pão.

2. **Completa** as frases com palavras do texto.

A criança vive com os _____ no campo. O avô sabe muitas _____ e _____. Eles jogam tardes inteiras ao jogo da _____.

3. **Escreve.**

O alfabeto minúsculo

O alfabeto maiúsculo

4. **Ordena** alfabeticamente as palavras abaixo.

campo	avós	rio	patos	verão

5. Lê as palavras e **separa-as** em sílabas.

tardes	□	□	□	□
castanho	□	□	□	□
pequeninos	□	□	□	□

6. **Completa** as palavras com *nh* ou *lh*.

casta o miga as o ar
dese ar ma a casi a

6.1. **Escreve** frases com algumas dessas palavras.

7. **Descobre** outras palavras a partir das palavras CASA e NINHO. Muda apenas uma letra.

C	A	S	A
C	A		A
C	A		A

N	I	N	H	O
	I	N	H	O
	I	N	H	O

7.1

Escreve duas frases com algumas palavras que descobriste.

8. **Completa** as palavras com *s*, *ss* ou *ç*.

co_____ar _____oninho so_____ego pe_____oa

9.

Escreve as palavras acima por ordem alfabética.

10. **Completa** as palavras com *qua*, *quo*, *que* ou *qui*.

_____nta-feira _____nte _____nta-feira _____ijada
 _____drado _____ciente _____ijo _____renta

- 10.1 **Escreve** frases com algumas das palavras acima.

Anexo C2- Gráfico das Avaliações Diagnósticas de Português

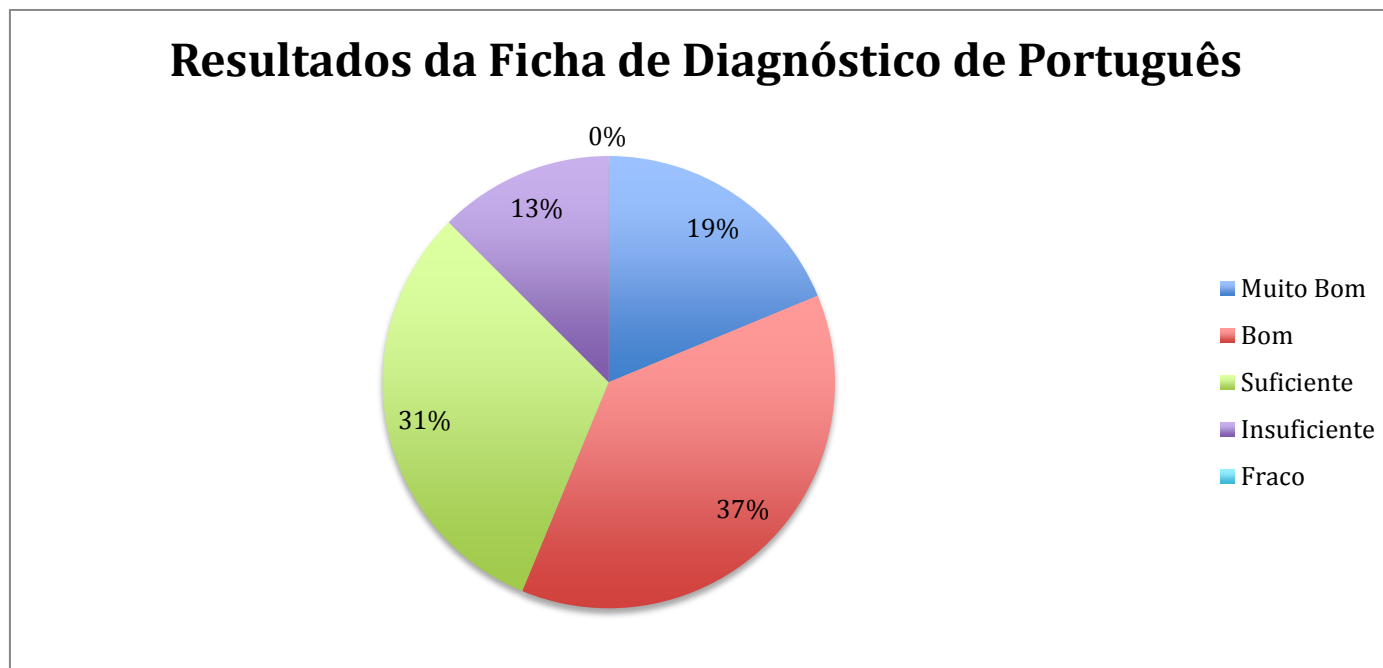


Figura C3- Gráfico da avaliação diagnóstica de Português

Anexo C3- Resultados e ficha de Avaliação Diagnóstica de Matemática

Classificação do Teste Diagnóstico de Matemática														14/15				
Turma : 2ºD														Data: março				
	1	2	3	4	5	6	7.1	7.2	7.3	8.1	8.2	8.3	9	9.1	Total	Apreciação	0 - 19	Fraco
	4	6	12	20	7	4	8	5	5	6	6	6	5	6	100		0 - 19	Fraco
nº																	20 - 49	Insuficiente
1	4	5	12	17	7	3	4	5	5	6	6	6	5	5	90	Muito Bom	50 - 69	Suficiente
2	4	5	12	17	7	3	8	5	5	6	6	6	5	3	92	Muito Bom	70 - 89	Bom
3	4	3	7	17	7	2	8	5	5	0	6	6	0	0	70	Bom	90 - 100	Muito Bom
4	4	6	12	19	5	4	8	5	5	6	6	6	0	0	86	Bom		
5	4	6	11	15	7	3	2	5	5	6	0	0	5	3	72	Bom		
6	4	0	12	20	7	3	8	0	0	6	0	6	0	6	72	Bom		
7	4	5	8	15	4	4	8	5	5	0	0	6	0	0	64	Suficiente		
8	4	3	4	17	3	1	8	5	5	6	6	6	5	6	79	Bom		
9	4	6	11	14	7	4	8	5	5	6	6	6	5	0	87	Bom		
12	4	6	12	18	7	4	8	5	5	6	6	6	5	6	98	Muito Bom		
13	4	6	11	18	6	3	8	5	5	6	6	0	5	0	83	Bom		
14															0	Fraco		
15	4	5	12	18	3	4	8	5	5	6	6	6	5	0	87	Bom		
16	4	5	11	16	7	3	8	5	5	0	0	0	0	0	64	Suficiente		
18	4	6	11	17	7	3	8	5	5	0	6	0	5	3	80	Bom		
19	4	6	0	16	2	4	8	5	5	6	0	0	5	0	61	Suficiente		
22	4	6	12	17	7	4	8	5	5	6	6	6	5	3	94	Muito Bom		

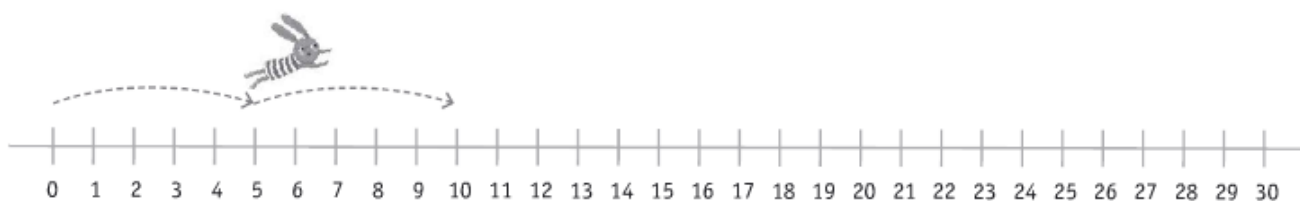
Figura C4- Grelha do teste diagnóstico de Matemática.

Teste diagnóstico – Matemática

Nome: _____

Data: _____

1. **Completa** adicionando sempre 5.



2. **Assinala** na reta os números 5, 17, 29, 35, 49 e 54.



3. Calcula mentalmente e **completa**.

$50 = 40 + \underline{\quad}$	$50 - 40 = \underline{\quad}$	$25 + 25 = \underline{\quad}$
$50 = 30 + \underline{\quad}$	$40 - 30 = \underline{\quad}$	$15 + 25 = \underline{\quad}$
$50 = 20 + \underline{\quad}$	$30 - 20 = \underline{\quad}$	$15 + 15 = \underline{\quad}$
$50 = 10 + \underline{\quad}$	$20 - 10 = \underline{\quad}$	$17 + 23 = \underline{\quad}$

4. **Completa** a tabela.

N.º	D	U	Leitura por extenso	Decomposição
66				
74				
87				
93				
100				

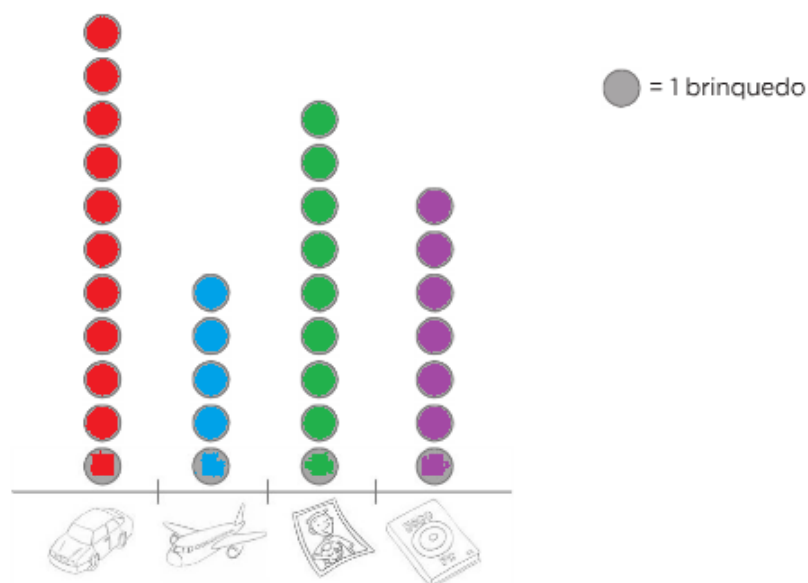
5. No grupo de trabalho da Estrela, cada aluno apanhou 6 folhas no jardim.
Quantas folhas recolheu este grupo? Usa a tabela para descobrir.

N.º de alunos	1	2			
N.º de folhas	6				

6. **Completa.**



7. Observa o gráfico de pontos que representa os brinquedos que o Rui tem.



- 7.1. Assinala com **X** as afirmações verdadeiras.

O Rui tem...

10 carros. <input type="checkbox"/>	8 carros. <input type="checkbox"/>	11 carros. <input type="checkbox"/>
7 aviões. <input type="checkbox"/>	5 aviões. <input type="checkbox"/>	4 aviões. <input type="checkbox"/>
9 cromos. <input type="checkbox"/>	7 cromos. <input type="checkbox"/>	11 cromos. <input type="checkbox"/>
6 jogos. <input type="checkbox"/>	5 jogos. <input type="checkbox"/>	7 jogos. <input type="checkbox"/>

7.2 Qual é o brinquedo que o Rui tem em maior quantidade?

Resposta: _____

7.3 Qual é o brinquedo que o Rui tem em menor quantidade?

Resposta: _____

8. O pai do André tem 37 anos.
A mãe do André tem menos quatro anos do que o pai.
A irmã do André tem 6 anos e é mais velha do que ele.
A diferença de idades entre a irmã e o André é de 3 anos.

8.1 Quantos anos tem a mãe do André?

R.: _____

8.2 Daqui a 10 anos, quantos anos terá o André?

R.: _____

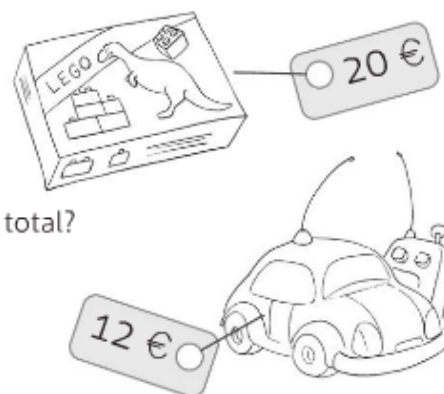
8.3 Quantos anos tinha o pai do André quando nasceu a sua filha?

R.: _____

9.

O Pedro tem 50 euros.
Comprou os brinquedos representados
nas figuras.

Quanto pagou pelos brinquedos, no total?



Resposta: _____

9.1 Quanto dinheiro lhe sobrou?

Resposta: _____

Anexo C4- Gráfico das Avaliações Diagnósticas de Matemática

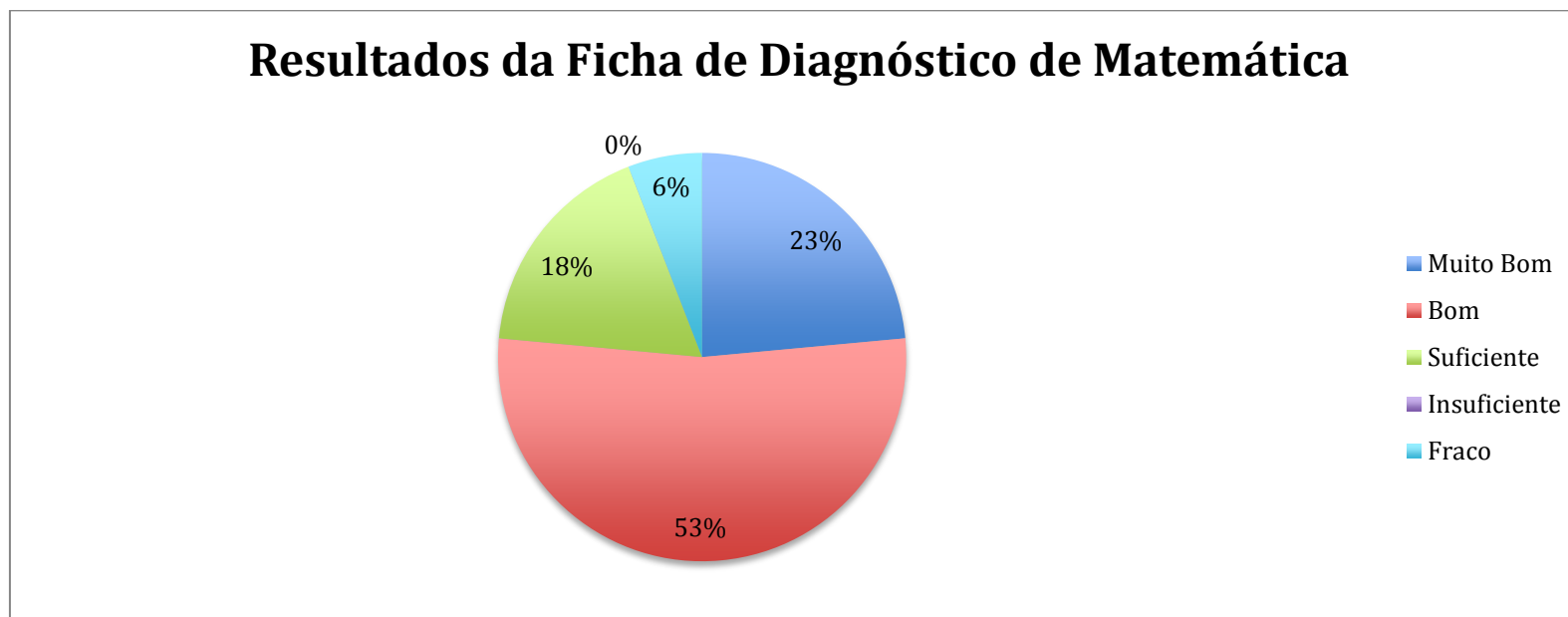


Figura C5- Gráfico da avaliação diagnóstica de Matemática

Anexo C5- Resultados e ficha de Avaliação Diagnóstica de Estudo do Meio

Classificação do Teste Diagnóstico de Estudo do Meio.									14/15			
Turma : 2ºD									Data: março			
	1	2	3	4	5	6	7	8	Total	Apreciação	0 - 19	Fraco
	10	6	24	8	18	8	18	8	100		20 - 49	Insuficiente
nº											50 - 69	Suficiente
1	10	6	24	8	18	8	18	8	100	Muito Bom	70 - 89	Bom
2	8	6	20	8	18	8	18	8	94	Muito Bom	90 - 100	Muito Bom
3	8	4	20	8	18	6	17,5	6	87,5	Bom		
4	8	6	20	8	18	8	17	6	91	Muito Bom		
5	5,5	0	6	8	14	4	6	0	43,5	Insuficiente		
6	7	6	10	8	10	2	13	8	64	Suficiente		
7	9	4	10	4	10	8	13	8	66	Suficiente		
8	8	6	20	8	16	8	16	8	90	Muito Bom		
9	10	4	24	8	16	8	18	8	96	Muito Bom		
12	7	4	22	8	18	8	18	6	91	Muito Bom		
13	7	6	20	8	18	8	18	8	93	Muito Bom		
14	10	6	20	4	18	8	17	8	91	Muito Bom		
15	8	4	20	8	18	8	18	6	90	Muito Bom		
16	5	2	18	8	10	4	15	0	62	Suficiente		
18	10	6	24	4	18	8	17	8	95	Muito Bom		
19	8	6	18	8	18	8	18	4	88	Bom		
22	9	6	8	8	0	8	18	8	65	Suficiente		

Figura C6- Grelha do teste diagnóstico de Estudo do Meio.

Teste diagnóstico – Estudo do Meio

Nome: _____

Data: _____

1. **Completa** o cartão de estudante com os teus dados e faz o teu autorretrato.



Cartão de Estudante

Ano Letivo 201 201

Eu 

Agrupamento: _____

Escola: _____

Nome: _____

Data de nascimento: / /

2.º ANO N.º TURMA SALA

2. **Rodeia** na linha do tempo a azul o ano em que nasceste, a verde o ano em que entraste para a escola e a vermelho o ano atual.



3. **Completa** as frases.


- Um ano tem _____ meses. Os meses podem ter _____, _____ ou _____ dias.
- Quando o mês de fevereiro tem 28 dias, diz-se que o ano é _____.
- Quando o mês de fevereiro tem 29 dias, então diz-se que o ano é _____.
- Um ano tem _____ estações, que são: _____, _____, _____ e _____.


4. **Legenda** as imagens utilizando as palavras abaixo.


doce	ácido	salgado	amargo
------	-------	---------	--------




5. **Completa** as frases.

Os _____  são os órgãos da _____.

Os _____  são os órgãos da _____.

O _____  é o órgão do _____.

A pele é o órgão do _____ .

A _____  é o órgão do _____.

6. **Escreve** o nome da estação do ano, de acordo com o que os alunos dizem.



Camisolas e casacos temos de vestir,
Para o frio não sentir!
Junto à lareira sabe bem ficar...
De que estação estarei a falar?

O vento, um grande brincalhão,
Dança com as folhas que caem no chão.
Será que adivinhas qual é esta estação?

Há pássaros a cantar
e flores a desabrochar!
Qual será a estação
em que estou a pensar?



Ai... que calor!
Vamos para a praia, por favor!
As férias não tardam em chegar,
Qual será a estação a registar?



7. Preenche os quadros com os nomes que estão dentro do retângulo.

roseira leão oliveira cadeira rato cerejeira cão
 coelho gaiola cama pombo amoreira mesa
 computador girassol lápis alecrim girafa

Seres não vivos

Seres vivos animais

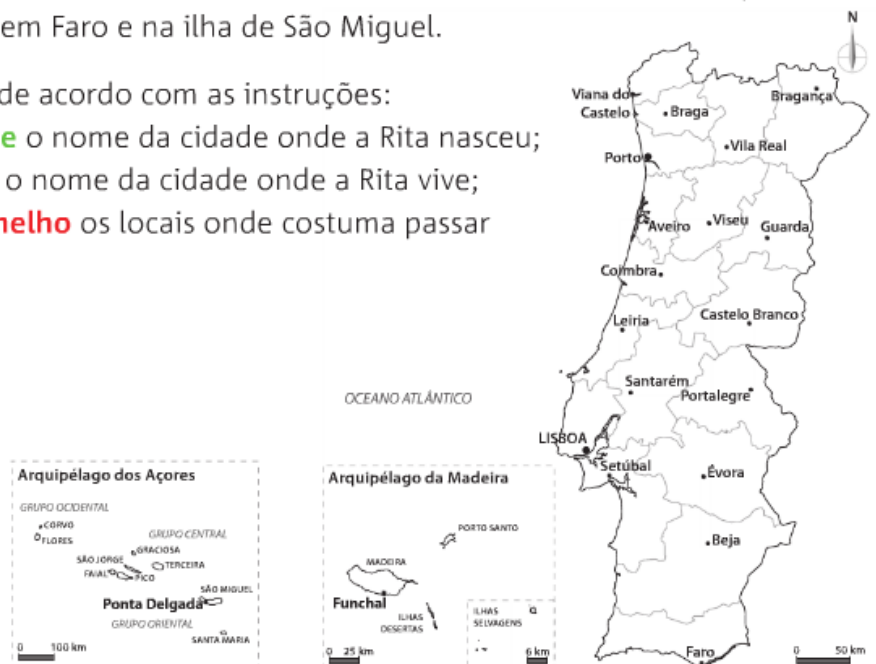
Seres vivos plantas

8. Lê a informação e observa o mapa.

A Rita nasceu na cidade de Vila Real e vive em Lisboa. Ela costuma passar férias com os pais em Faro e na ilha de São Miguel.

Rodeia, de acordo com as instruções:

- a verde o nome da cidade onde a Rita nasceu;
- a azul o nome da cidade onde a Rita vive;
- a vermelho os locais onde costuma passar férias.



Anexo C6- Gráfico das Avaliações Diagnósticas de Estudo do Meio

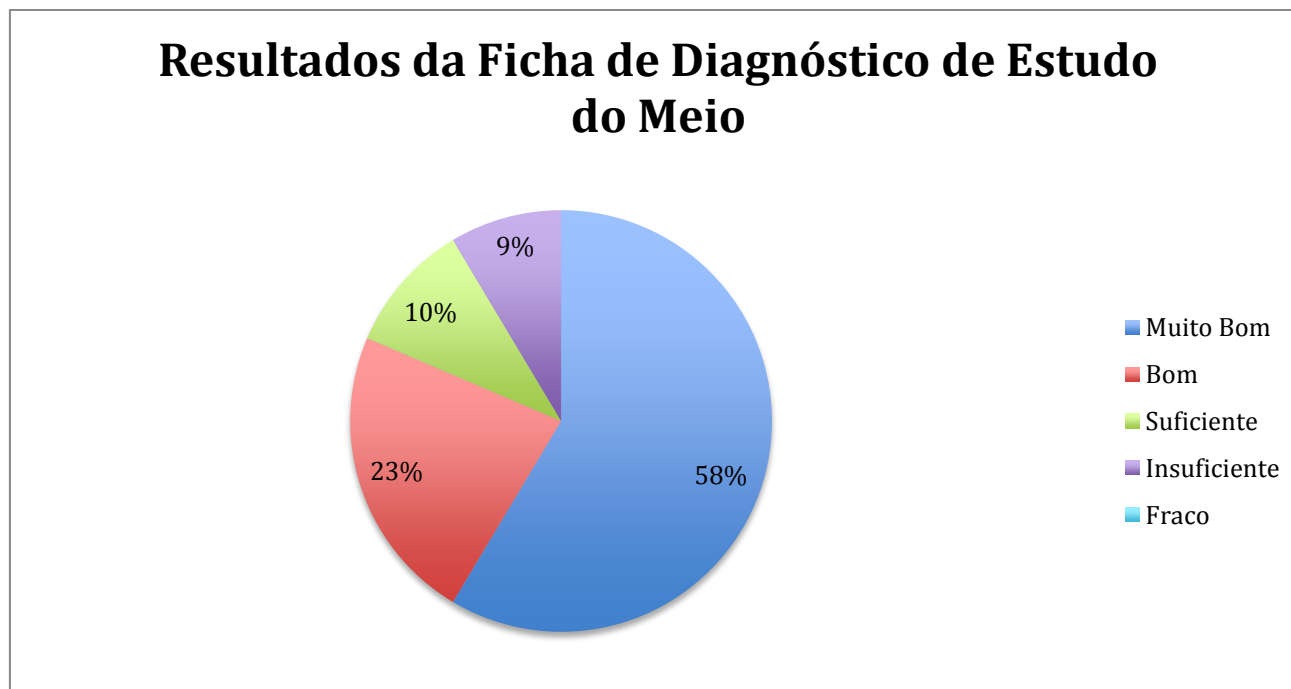


Figura C7- Gráfico da avaliação diagnóstica de Estudo do Meio.

Anexo D- Avaliação Final do 1º Período

N I V	A N O	PORT.	Mat	EstMeio	E.A.F.M.	A. Estado	O.C.	EMoralRel				F J	F I	Avaliações
2	2	MB	B	MB	MB	MB	MB	--	--	--	--	2	--	
2	2	MB	MB	MB	MB	MB	MB	--	--	--	--	3	--	
2	2	MB	S	B	MB	MB	MB	--	--	--	--	1	--	
2	2	MB	MB	MB	MB	MB	MB	--	--	--	--	--	--	
2	2	I	S	B	S	S	B	--	--	--	--	3	--	
2	2	I	B	S	B	S	S	--	--	--	--	4	--	
2	2	S	S	S	S	S	B	--	--	--	--	--	--	
2	2	S	B	B	B	B	B	--	--	--	--	1	--	
2	2	B	MB	MB	MB	MB	MB	--	--	--	--	5	--	
2	2	U)	U)	U)	U)	U)	U)	--	--	--	--	--	--	
2	2	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	TR - 04-09-2014
2	2	MB	MB	MB	MB	MB	MB	--	--	--	--	3	--	
2	2	B	MB	MB	S	MB	MB	--	--	--	--	--	--	
2	2	B	B	B	MB	S	MB	NP	--	--	--	4	--	
2	2	MB	B	MB	MB	MB	MB	NP	--	--	--	--	--	
2	2	B	S	S	B	B	B	NP	--	--	--	--	--	
2	2	--	--	--	--	--	--	NP	--	--	--	--	--	TR - 03-09-2014
2	2	MB	B	MB	MB	MB	MB	NP	--	--	--	--	--	
2	2	B	B	B	B	B	MB	NP	--	--	--	--	--	
2	2	I	I	I	I	I	I	NP	--	--	--	23	--	TR - 05-01-2015
2	2	V)	V)	V)	V)	V)	V)	NP	--	--	--	--	--	
2	2	I	B	B	B	B	B	NP	--	--	--	1	--	
2	2	--	--	--	--	--	--	NP	--	--	--	--	--	TR - 14-10-2014

Figura D8- Grelha das notas finais do 1º período.



Figura E11- Mapa da Cidade e Conteúdos Programáticos

Anexo F- Fotografias do Espaço Horizontal



Figura F12- Espaço da Leitura



Figura F13- Cadernos Diários e Manuais Escolares

Anexo G- Disposição das mesas na sala de aula

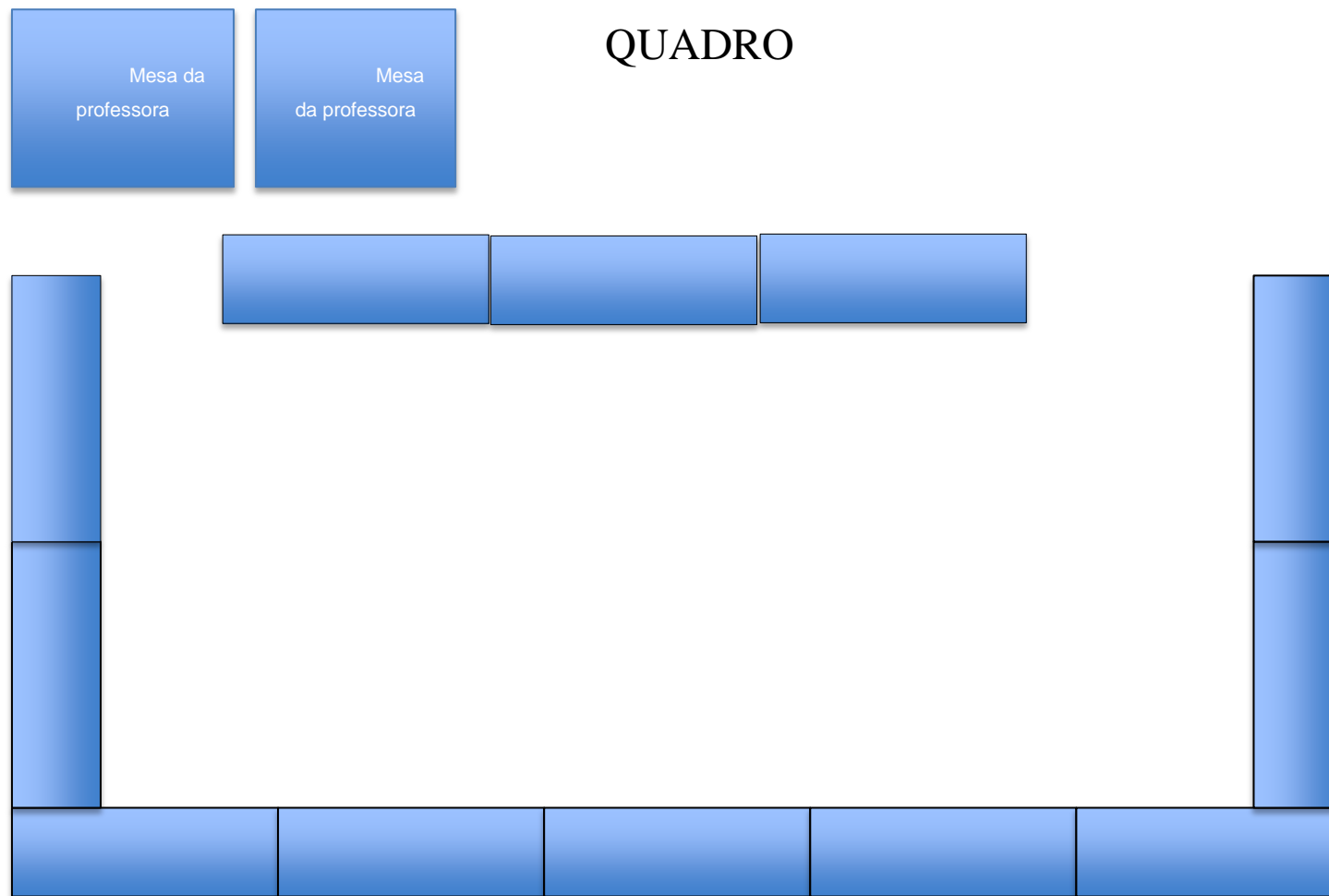


Figura G14- Planta da sala de aula.

Anexo H- Horário da Turma

Dias da Semana Horas	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
9 h. – 10h30m	Português	Português	Matemática	Matemática	Português
10h 30 m. – 11h.	I n t e r v a l o				
11 h.– 12h30m	Português	Matemática	Português	Matemática	Português
	Estudo do Meio				Apoio ao Estudo
12h30 m – 14h	A l m o ç o				
14h – 15h	Estudo do Meio	Matemática	Estudo do Meio	Português	Estudo do Meio
15h – 16h	Exp Artística	AE	Educação Física	Oferta Complementar	Exp Artística
16h -16h30m	I n t e r v a l o				
16h30m – 17h30m	AFD	EXP	AFD	EXP	INGLÊS

Figura H15- Horário da turma.

Anexo I- Grelhas de Observação de Português

Tabela I2

Avaliação diagnóstica: Português (Compreensão do Oral)

Grelha de Observação – Português						
Alunos ¹	Lista de Verificação					
	Competência					
	Compreensão do Oral					
	Descritores de Desempenho					
	1.1. Presta atenção ao que é dito	1.2. Cumpre ordens	1.3. Reconta pequenas histórias	1.4. Responde a perguntas simples sobre um texto ouvido	1.5. Reproduz através do desenho essencial de um texto ouvido	1.6. Manifesta ideias, sensações e sentimentos pessoais, suscitados pelos discursos ouvidos
1						
2						
3						
4						
5						
6						
7						
8						
9						
11						
13						
14						
15						
16						
18						
19						
22						
23						

Legenda: Sempre; Ocasionalmente; Nunca; Não Observado

Tabela I3

Avaliação diagnóstica: Português (Expressão Oral)

Grelha de Observação – Português							
Alunos ²	Lista de Verificação						
	Competência						
	Expressão Oral						
	Descritores de Desempenho						
	1.1. Articula corretamente os sons da língua	1.2. Utiliza vocabulário adequado	1.3. Organiza corretamente as frases	1.4. Adequa o discurso à finalidade comunicativa (fala a propósito)	1.5. Pede a palavra	1.6. Respeita o tempo de fala dos colegas	1.7. Diz um pequeno poema, trava línguas ou lengalenga memorizado
1							
2							
3							
4							
5							
6							
7							
8							
9							
11							
13							
14							
15							
16							
18							
19							
22							
23							

² Legenda: Sempre; Ocasionalmente; Nunca; Não Observado

Tabela I4

Avaliação diagnóstica: Português (leitura)

Grelha de Observação – Português										
Lista de Verificação										
Alunos ³	Competência									
	Leitura									
	Descritores de Desempenho									
	1.1. Articula corretamente os sons da língua	1.2. Identifica as letras	1.3. Estabelece as correspondências fonema/grafema	1.4. Lê palavras conhecidas	1.5. Lê frases trabalhadas	1.6. Lê pequenos textos	1.7. Quando se engana autocorrige-se	1.8. Responde a perguntas simples sobre o que leu	1.9. Faz descobertas nos textos (palavras conhecidas, palavras ou bocados de palavras iguais, etc...)	1.10. Pede ajuda quando tem dificuldades
1										
2										
3										
4										
5										
6										
7										
8										
9										
11										
13										
14										
15										
16										
18										
19										
22										
23										

³ Legenda: Sempre; Ocasionalmente; Nunca; Não Observado

Anexo K- Grelhas de Observação de Matemática

Tabela K5

Avaliação diagnóstica: Matemática (números e operações)

Alunos ⁵	Domínio- Números e Operações									
	Conteúdos: Números Naturais; Adição, subtração, divisão, multiplicação; Números racionais não negativos; Sequências e regularidades; Sistema de numeração decimal									
	Objetivos Específicos									
	1. Identificar Números Naturais			2. Realizar adições, subtrações, multiplicações e divisões			3. Compreender frações como unidades de medida		4. Realizar sequências e regularidades	5. compreender o sistema de numeração decimal
	Indicadores de Avaliação									
	1.1. Identifica números naturais até 1000.	1.2. Realiza contagens de 2 em 2 em 2, 5 em 5, 10 em 10 e de 100 em 100.	1.3. Determina na números pares e ímpares	2.1. Realiza adições cuja soma seja inferior a 1000	2.2. Realiza subtrações de números até 1000	2.3. Identifica a tabuada do 2, 3, 4, 5, 6 e 10	2.4. Utiliza a divisão exata por métodos informais	3.1. Identifica a metade, a terça parte, a quarta parte, a décima parte e outras partes das unidade e representa-as em fração	4.1. Elabora sequências de números segundo uma dada lei de formação	5.1. Compreende o valor posicional de um algarismo no sistema de numeração decimal
1										
2										
3										
4										
5										
6										
7										
8										
9										
11										
13										
14										
15										
16										
18										
19										
22										
23										

⁵ Legenda: Sempre; Ocasionalmente; Nunca; Não Observado

Tabela K6

Avaliação diagnóstica: Matemática (geometria e medida)

Grelha de Observação – Matemática							
Alunos 6	Domínio- Geometria e Medida						
	Conteúdos: Localização e Orientação no espaço; Figuras Geométricas; Medida;						
	Objetivos Específicos						
	1. Identificar a posição e localização	2. Compreender as figuras geométricas			3. Comparar e ordenar valores		
	Indicadores de Avaliação						
1.1. Situa-se no espaço, em relação aos outros e aos objetos	1.2. Lê e desenha plantas simples	2.1. Compara e descreve sólidos geométricos identificando semelhanças e diferenças	2.2. Reconhece as propriedades de figuras no plano e fazer classificações	2.3. Identifica no plano figura simétricas em relação a um eixo	3.1. Conhece e relaciona as moedas e notas e realiza contagens de dinheiro	3.2. Compreende as noções de comprimento, massa, capacidade e área	3.3. Reconhece os instrumentos de medida do tempo e relaciona entre si hora, dia, semana, mês e ano
1							
2							
3							
4							
5							
6							
7							
8							
9							
11							
13							
14							
15							
16							
18							
19							
22							
23							

⁶ Legenda: Sempre; Ocasionalmente; Nunca; Não Observado

Tabela K7

Avaliação diagnóstica: Matemática (OTD)

Grelha de Observação – Matemática				
Alunos ^s	Domínio- Organização e Tratamento de Dados			
	Conteúdos: Representação de Conjuntos; Representação de Dados			
	Objetivos Específicos			
	1. Representar Conjuntos		2. Representar Dados	
	Indicadores de Avaliação			
	1.1. Classifica dados utilizando diagramas de Venn e de Carrol	1.2. Compreende os conceitos de reunião e interseção de conjuntos	2.1. Lê, explora e interpreta informação apresentada em listas, tabelas de frequências absolutas, gráficos de pontos, de barras e pictogramas em diferentes escalas	2.2. Formula questões e recolhe dados registando-os através de esquemas de contagem gráfica (tally charts).
1				
2				
3				
4				
5				
6				
7				
8				
9				
11				
13				
14				
15				
16				
18				
19				
22				
23				

^s Legenda: Sempre; Ocasionalmente; Nunca; Não Observado

Anexo L- Grelhas de Observação de Estudo do Meio

Tabela L8

Avaliação diagnóstica: Estudo do Meio (Bloco 3 e 4)

Alunos ^a	Bloco 3- À Descoberta do ambiente natural / Bloco 4- À descoberta das inter-relações entre espaços					
	Conteúdos					
	1. Os seres vivos do seu ambiente		2. Os aspetos físicos do meio local		3. Os meios de comunicação	
	Indicadores de Avaliação					
	1.1. Identifica algumas plantas	1.2. Identifica alguns animais	2.1. Reconhece alguns estados do tempo	2.2. Relaciona as estações do ano com os estados do tempo característicos	3.1. Distingue os diferentes tipos de transporte	3.2. Reconhece tipos de comunicação pessoal e social
1						
2						
3						
4						
5						
6						
7						
8						
9						
11						
13						
14						
15						
16						
18						
19						
22						
23						

Tabela L9

Avaliação diagnóstica: Estudo do Meio

Grelha de Observação – Estudo do Meio						
Alunos	Conteúdos					
	1. O Passado mais longínquo da criança		2. O seu corpo		3. Segurança do seu corpo	
	Indicadores de Avaliação					
	1.1. Reconhece dados e factos	1.2. Localiza, em mapas, o local de nascimento, locais onde tenha vivido anteriormente ou tenha passado férias	2.1. Identifica os órgãos dos sentidos	2.2. Reconhece as modificações do seu corpo	2.3. Reconhece as normas de higiene	3.1. Conhece e aplica as normas de prevenção rodoviária
1						
2						
3						
4						
5						
6						
7						
8						
9						
11						
13						
14						
15						
16						
18						
19						
22						
23						

Anexo M- Questões- Problema sobre os Caracóis

Vamos fazer o nosso Terrário!

Precisamos de :

- Pote de plástico transparente e grande de boca larga e com tampa
- Pedras pequenas
- Folhas secas
- Solo
- Caracóis
- Película Aderente
- Borrifador de água



Como Fazer:

1. Começamos por lavar um pote de plástico transparente e grande.
2. Colocamos no pote uma camada de solo (cerca de 4 cm)
3. Colocamos algumas pedras e folhas secas para servir de abrigo para os caracóis
4. Acrescentamos os nossos caracóis
5. Borrifamos com um pouco de água o nosso terrário
6. Tapamos o terrário com película aderente e fazemos furinhos de um palito
7. Colocamos um pouco de alface.
8. E está pronto o nosso terrário!

Desenha como ficou o teu Terrário

Nome: _____ Grupo: _____ Data: _____

Vamos observar o nosso Caracol!

Material por Grupo:

- 1 Terrário com caracóis I
- 1 lupa
- Régua
- Alimento para o caracol
- Lápis, borracha

Preenche o seguinte quadro a partir daquilo que consegues ver.

Quantas partes distintas consegues ver no caracol?		
Como é a concha do caracol quanto à forma?		
Como se movimenta o caracol?		
Compara a parte muscular e a concha do caracol. Apresenta o maior número de diferenças entre essas duas partes.	Parte Musculosa	Concha
Qual a altura do caracol?		
Qual o comprimento do caracol?		
Faz o desenho do caracol e legenda-o.		

Nome: _____ Grupo: _____ Data: _____

Guião orientador de pesquisa

1. O que é que os caracóis comem?

2. Os caracóis veem?

3. Os caracóis gostam de dias húmidos ou secos?

4. Os caracóis preferem a luz ou a sombra?

5. Para que serve a concha do caracol?

6. Em que condições do tempo o caracol se recolhe na concha?

Nome: _____ Data: _____

Poderás procurar estas informações nos seguintes sites ou em livros.

http://www.viveraciencia.org/index/files/bichos_jan%20pais%20e%20filhos.PDF

<http://www.escolakids.com/moluscos.htm>

Questão-problema I: O que o caracol gosta de comer?

Antes da experimentação

1. Regista o que pensam no quadro que se segue.
Pensamos que...

Experimentação

2. Façam a planificação. Observem as folhas e registem o que constataram.

Quadro de registo de observação

Data	Tipo de vegetal	Nº de quadrículas no início	Nº de quadrículas após 24 horas	Nº de quadrículas consumidas

Após a experimentação

3. Verificámos que ...

4. Podemos concluir que...

Questão-problema II: O caracol gosta de locais secos ou húmidos?

Antes da experimentação

1. Regista o que pensam no quadro que se segue.
Pensamos que...

Experimentação

2. Borrifem metade do terrário e deixem a outra metade sem ser borrifada.
Verifiquem o que acontece.

Após a experimentação

3. Verificámos que ...

4. Podemos concluir que...

Nome: _____ Grupo: _____ Data: _____

Questão-problema II: O caracol gosta de locais com sombra ou com sol?

Antes da experimentação

1. Regista o que pensam no quadro que se segue.
Pensamos que...

Experimentação

2. Coloquem o terrário ao sol e verifiquem se o caracol permanece ao sol ou se procura locais com sombra.

Após a experimentação

3. Verificámos que ...

4. Podemos concluir que...

Nome: _____ Grupo: _____ Data: _____

Anexo N- Fotos do trabalho desenvolvido pelos alunos sobre os Caracóis



Figura N16- Trabalho de grupo com os caracóis. Fotografias da autora



Figura N17- Trabalho de grupo com os caracóis. Fotografias da autora

Vamos observar o nosso Caracol!

Material por Grupo:

- 1 Território com caracóis
- 1 lupa
- Régua
- Alimento para o caracol
- Lápis, borracha

Preenche o seguinte quadro a partir daquilo que consegues ver.
Quantas partes distintas consegues ver no caracol?

Como é a concha do caracol quanto à forma?

Como se movimenta o caracol?

Compara a parte muscular e a concha do caracol. Apresenta o maior número de diferenças entre essas duas partes.

Qual a altura do caracol?

Qual o comprimento do caracol?

Faz o desenho do caracol e legenda-o.

Questão-problema I: O que o caracol gosta de comer?

Antes da experimentação

1. Regista o que pensam no quadro que se segue. Pensamos que...

Os caracóis comem alface e couros.

Experimentação

2. Façam a planificação. Observem as folhas e registem o que constatarem. Quadro de registo de observação

Data	Tipo de vegetal	Nº de quadrículas no início	Nº de quadrículas após 24 horas	Nº de quadrículas consumidas
23	alface	38	0	38
	couros	119	0	119
	couros	149	0	149

Após a experimentação

3. Verificamos que ...

4. Podemos concluir que...

Questão-problema II: O caracol gosta de locais secos ou húmidos?

Antes da experimentação

1. Regista o que pensam no quadro que se segue. Pensamos que...

Os caracóis gostam de dias húmidos.

Experimentação

2. Borrifem metade do território e deixem a outra metade sem ser borrifada. Verifiquem o que acontece.

Após a experimentação

3. Verificamos que ...

4. Podemos concluir que...

Nome: _____ Grupo: _____ Data: _____

Vamos observar o nosso Caracol!

Material por Grupo:

- 1 Território com caracóis I
- 1 lupa
- Régua
- Alimento para o caracol
- Lápis, borracha

Preenche o seguinte quadro a partir daquilo que consegues ver.
Quantas partes distintas consegues ver no caracol?

Como é a concha do caracol quanto à forma?

Como se movimenta o caracol?

Compara a parte muscular e a concha do caracol. Apresenta o maior número de diferenças entre essas duas partes.

Qual a altura do caracol?

Qual o comprimento do caracol?

Faz o desenho do caracol e legenda-o.

Nome: Laura Grupo: 1 Data: 20/4/20

Figura N18-Guiões preenchidos pelos alunos. Fotografias da autora

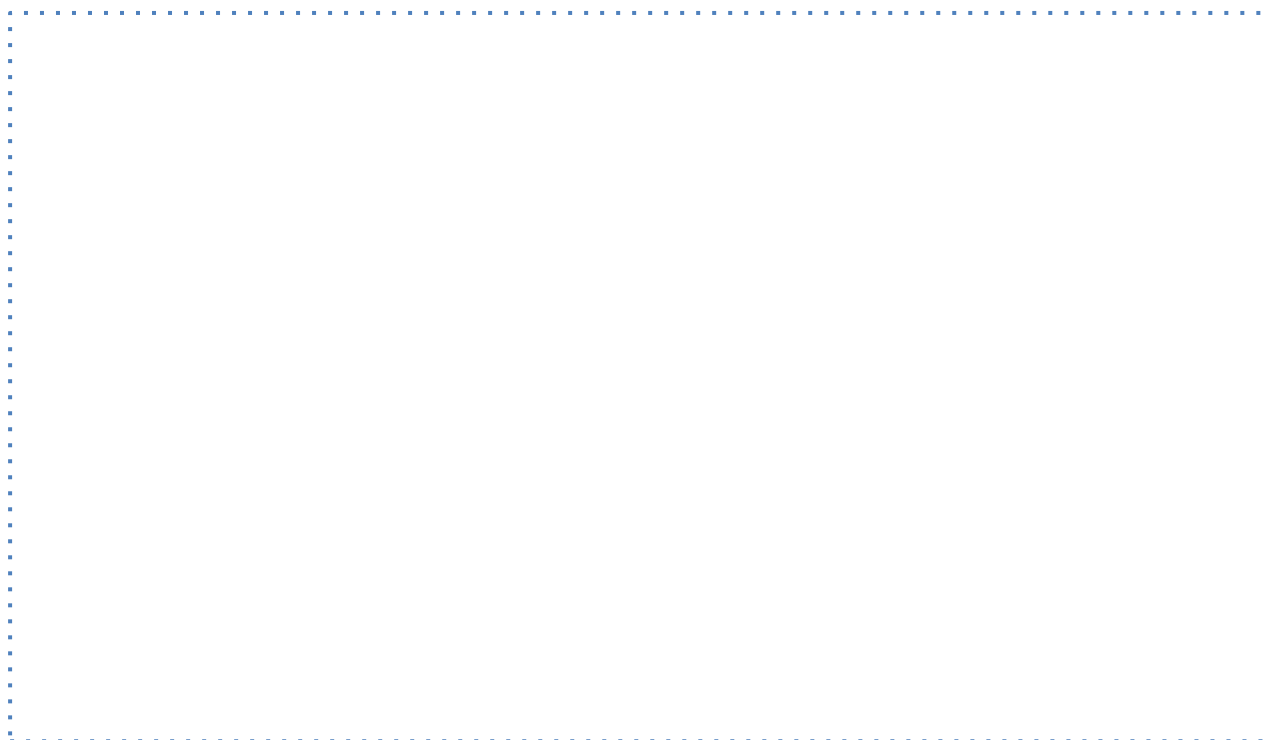
Anexo O- Guião da observação de insetos

Registo de Observação

Nome: _____ Data: _____

Nome do Animal: _____

Desenha o animal que estás a observar.




Como é o seu corpo?	
Como se desloca?	
Com o que se desloca?	
Onde se desloca?	
Onde vive?	

Anexo P- Fotos do trabalho desenvolvido pelos alunos sobre os insetos

Nome do Animal: mosca


Desenha o animal que estás a observar



Como é o seu corpo	<u>cabeça, tórax e abdómen.</u>
Como se desloca	<u>no voo e a andar.</u>
Com o que se desloca	<u>com pernas e as asas.</u>
Onde se desloca	<u>No ar e na terra.</u>
Onde vive	<u>Nas florestas e em todos os locais.</u>

Nome do Animal: larva


Desenha o animal que estás a observar



Como é o seu corpo	<u>O corpo é arredondado. ^{em 3 partes} 3 partes.</u>
Como se desloca	<u>desloca-se a andar.</u>
Com o que se desloca	<u>desloca-se com as patas.</u>
Onde se desloca	<u>desloca-se na terra e em todo.</u>
Onde vive	<u>em muito tipo de locais.</u>

Nome do Animal: formiga

Desenha o animal que estás a observar



Como é o seu corpo	<u>O seu corpo é dividido em 3 partes: cabeça, tórax e abdómen.</u>
Como se desloca	<u>A formiga desloca-se a andar.</u>
Com o que se desloca	<u>A formiga desloca-se com as patas.</u>
Onde se desloca	<u>As formigas desloca-se na terra.</u>
Onde vive	<u>A formiga vive no formigueiro.</u>

Figura P19-Guiões preenchidos pelos alunos. Fotografias da autora

Anexo Q- Questão problema 1 sobre a germinação e descrição da atividade

Anexo Q1-Descrição da atividade

A primeira atividade consistiu no levantamento das ideias prévias dos alunos relativamente ao que os mesmos pensavam ser uma semente. Deste modo, foi pedido a cada aluno que através do desenho representasse o que para ele era uma semente e descrevesse a ideia que tinha sobre uma semente. Após a realização do desenho e da respectiva descrição do que era uma semente, foi feito um levantamento/resumo das ideias expressas pelos alunos. Esta atividade serviu para verificar que conhecimentos os alunos já possuíam, não só relativamente à representação de uma semente, mas também ao seu processo de germinação e condições que consideravam necessárias para que isso acontecesse: água, luz (sol),(...).

Anexo Q2- Questão problema 1 sobre a germinação

Questão-problema I: O que é uma semente?

- Faz a representação, através do desenho, do que pensas ser um semente (por dentro e por fora).

Nome: _____ Data: _____

Anexo R- Questão problema 2 sobre a germinação e descrição da atividade

Anexo R1- Descrição da atividade

Na segunda atividade os alunos tinham como questão problema “Como agrupar sementes com características diferentes?”. A atividade tinha como objetivo que os alunos conseguissem reconhecer a existência da diversidade de sementes e as distinguíssem em função de algumas das suas características (cor, forma, tamanho e textura). Foi necessário arranjar diferentes tipos de sementes para que os alunos as pudessem manusear, sentir e observar de modo a que estes conseguissem agrupar as diversas sementes de acordo com os critérios escolhidos pelos alunos.

Assim, os alunos tiveram de identificar critérios de agrupamento das diferentes sementes; fazer grupos de acordo com esses critérios e registá-los numa folha elaborada para o efeito. Este tipo de atividade permitiu trabalhar várias áreas, como Estudo do Meio (compreender que existe uma enorme variedade de sementes, no que respeita à cor, tamanho, forma e textura), ciências e matemática (Identificação e classificação de critérios de agrupamento de sementes e realização dos mesmos; uso de tabelas para registo de dados) e português (leitura do nome das sementes; escrita dos mesmos com correção ortográfica; aprendizagem de novo vocabulário).

Questão-problema II: Como se podem agrupar sementes diversas?

1. Agrupa as sementes em vários grupos. Explica porque agrupaste dessa maneira.

Desenha o grupo de sementes que fizeste, legendando-o e diz o porquê de teres feito esse grupo.

Grupos que consegui fazer...	
Grupo 1	Grupo 2
Sementes neste grupo	Sementes neste grupo
Características	Características
Grupo 3	Grupo 4
Sementes neste grupo	Sementes neste grupo
Características	Características

Grupo 5

Grupo 6

Sementes neste grupo

Sementes neste grupo

Características

Características

Grupo 7

Grupo 8

Sementes neste grupo

Sementes neste grupo

Características

Características

Podemos concluir que...

Nome: _____ Grupo: _____ Data: _____

Anexo S- Questão problema 3 sobre a germinação e descrição da atividade

Anexo S1- Descrição da atividade

A terceira atividade consistiu em dar resposta à questão-problema: Como se comportam sementes diversas quando colocadas em água?.

A atividade tinha como objetivo constatar o comportamento de sementes diversas quando colocadas em água e reconhecer que diferentes sementes se comportavam de modo diverso quando colocadas em água. Para isso foi feito o levantamento e registo das ideias prévias dos alunos. Posteriormente, os alunos colocaram as sementes de diferentes tipos num recipiente com água e as sementes do mesmo tipo noutra recipiente sem água, para poder haver comparação. A escolha das sementes foi feita pelos alunos. Estes foram observando as mudanças das sementes passado 3h e 24h (no dia seguinte). A descrição do observado foi feito nas horas estabelecidas.

As sementes que foram colocadas em água, foram posteriormente abertas ao meio para que os alunos pudessem verificar o que ocorria não só no exterior, mas também no interior da semente.

Anexo S2- Questão problema 3 sobre a germinação

Questão-problema III: Como se comportam sementes diversas quando colocadas em água?

Antes da experimentação

1.O que pensamos que vai acontecer quando colocarmos sementes diversas em água? Desenha o interior e o exterior da semente e descreve.

Comportamento das Sementes	
Recipiente A- sem água	
Após 3 horas	
Após 24 horas	
Recipiente B- com água	
Após 3 horas	
Após 24 horas	

Experimentação

2.Realizem a atividade de acordo com o planeado em grupo. Façam os registos do que vão observando. (Desenhem e descrevam o interior e exterior das sementes)

O nosso quadro de registos

Comportamento das Sementes

Recipiente A- sem água		
Tipo de Sementes		
Após 3 horas		
Após 24 horas		
Recipiente B- com água		
Tipo de Sementes		
Após 3 horas		
Após 24 horas		

Após a experimentação (Vamos abrir a semente)

3. Verificámos que ...

4. Podemos concluir que...

Nome: _____ Grupo: _____ Data: _____

Anexo T- Questão problema 4 sobre a germinação e descrição da atividade

Anexo T1- Descrição da atividade

A atividade tinha como objetivos que os alunos compreendessem que:

-para que a semente germine é necessário que ela seja bem constituída, encontre condições favoráveis e adequadas para o processo ocorrer (água, ar, temperatura)

-a germinação inicia-se sempre com o aparecimento de uma radícula (que rompe o invólucro/tegumento da semente), que cresce e passa a chamar-se raiz principal e em torno da qual se desenvolvem, posteriormente, raízes secundárias.

Depois de feita a contextualização e identificada a questão a trabalhar, em grupo, foi feito o levantamento das ideias prévias dos alunos. Posteriormente, cada grupo escolheu 3 sementes do mesmo tipo e preparou o seu respetivo germinador (frasco em vidro e cartão canelado e algodão).

As sementes foram colocadas nos germinadores.

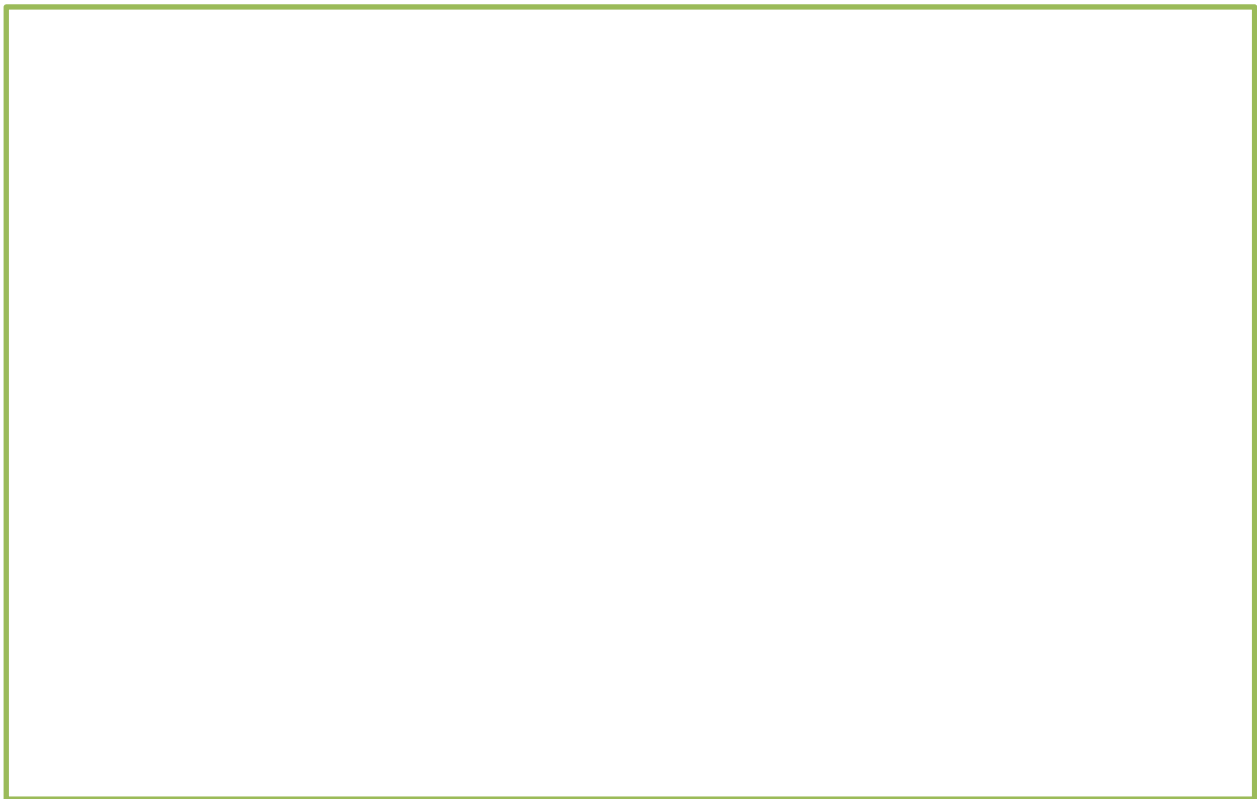
Os alunos iam registando as alterações que se foram verificando e cada grupo ficou responsável por verificar quais as condições favoráveis e adequadas para a germinação. (Grupo 1- ar ; Grupo 2- luz; Grupo 3 - germinador com todas as condições favoráveis.

Anexo T2- Questão problema 4 sobre a germinação

Questão-problema IV: O que precisam as sementes para germinar?

Antes da experimentação

1. Regista o que pensam no quadro que se segue.
Pensamos que para germinar as sementes precisam de...



Nome: _____ Grupo: _____ Data: _____

Questão-problema IV: O que precisam as sementes para germinar?

Experimentação

1. Façam a planificação. Observem diariamente as sementes e registem as modificações ocorridas ao longo do tempo.

Quadro de registo de observação

EVOLUÇÃO DAS SEMENTES AO LONGO DO TEMPO

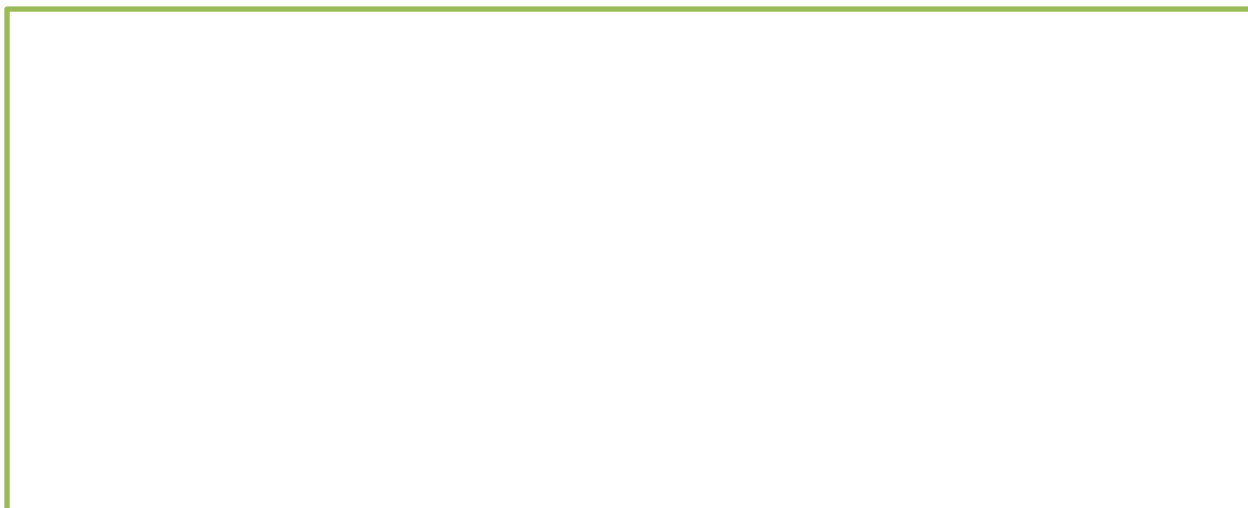
Tipo de semente e local	1º dia	2º dia	3º dia	4º dia	5º dia	6º dia	7º dia	8º dia	9º dia	10º dia
	__/__/__	__/__/__	__/__/__	__/__/__	__/__/__	__/__/__	__/__/__	__/__/__	__/__/__	__/__/__

Nome: _____ Grupo: _____ Data: _____

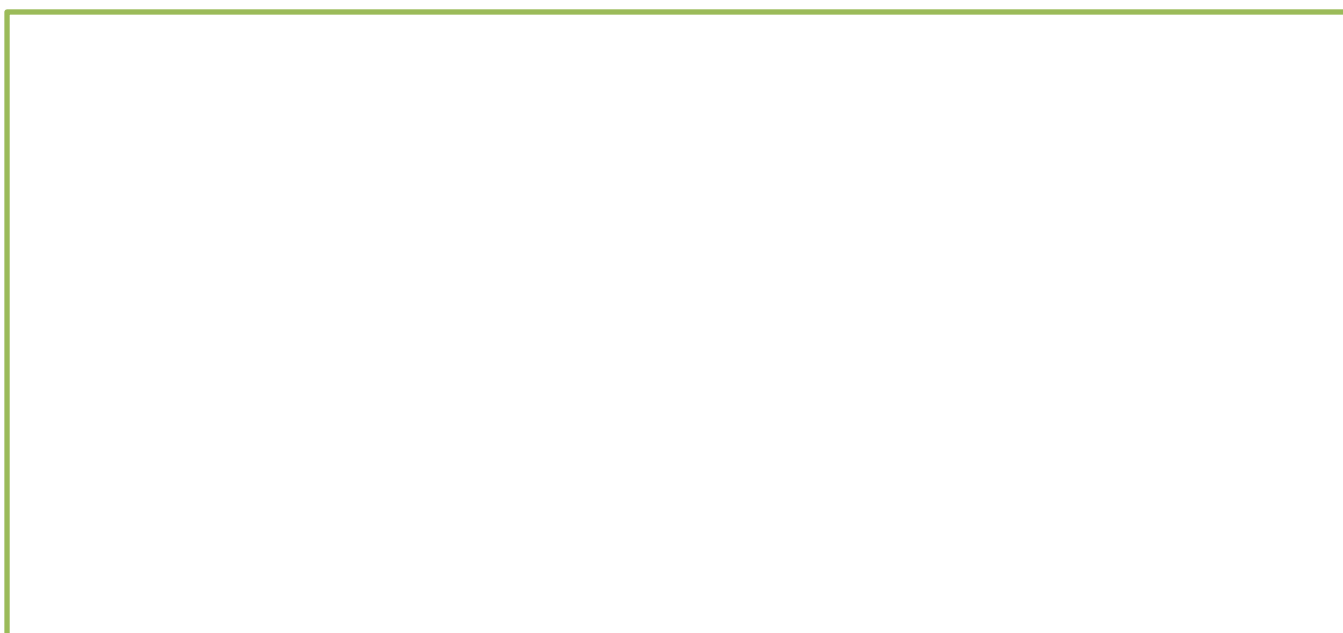
Questão-problema IV: O que precisam as sementes para germinar?

Após a experimentação

3. Verificámos que ...



4. Podemos concluir que...



Nome: _____ Grupo: _____ Data: _____

Anexo U- Fotos do trabalho desenvolvido pelos alunos sobre a germinação

Questão-problema II: Como se podem agrupar sementes diversas?

1. Agrupe as sementes em vários grupos. Explique porque agrupaste dessa maneira.

Desenha o grupo de sementes que fazeste, legendando-o e diz o porquê de teres feito esse grupo.

Grupo que consegues fazer...

Grupo 1	Grupo 2
Sementes neste grupo: Amêijoas, feijão, milho, arroz, trigo, milho, feijão, milho.	Sementes neste grupo: feijão, batata, feijão, milho.
Características: são todos iguais.	Características: são todos iguais.
Grupo 3	Grupo 4
Sementes neste grupo: feijão, milho, feijão, milho.	Sementes neste grupo: feijão, feijão, milho.
Características: são todos iguais.	Características: são todos iguais.

Grupo 5	Grupo 6
Sementes neste grupo: ervilha, milho e feijão.	Sementes neste grupo: milho, feijão, feijão.
Características: As sementes são todas de frutos e são iguais.	Características: As sementes são todas de frutos e são iguais.
Grupo 7	Grupo 8
Sementes neste grupo: feijão, milho e feijão.	Sementes neste grupo: milho, feijão.
Características: As sementes são quase todas iguais e têm todas cores escuras e clara.	Características: forma arredada.

Podemos concluir que...
As sementes podem ser agrupadas de várias maneiras de acordo com a forma e tamanho.

Questão-problema III: Como se comportam sementes diversas quando colocadas em água?

Antes da experimentação

1. O que pensamos que vai acontecer quando colocarmos sementes diversas em água? Desenha o interior e o exterior da semente e discorre.

Comportamento das Sementes	
Recipiente A: sem água	
Após 3 horas	A semente fica igual. amarelo.
Após 24 horas	Não fica igual.
Recipiente B: com água	
Após 3 horas	A semente quebra com água.
Após 24 horas	A semente fica normal.

Experimentação

2. Realizam a atividade de acordo com o planeado em grupo. Façam os registos do que vão observando. (Desenhem e descrevam o interior e exterior das sementes)

3. Registam o que vão observando.

Comportamento das Sementes	
Recipiente B: com água	
Tipo de Sementes	feijão
Após 3 horas	fica mais amarelo, abre-se, murchado, fica mole.
Após 24 horas	fica mais amarelo, fica mais castanho.

Figura U20-Guiões preenchidos pelos alunos. Fotografias da autora



Experimentação

Questão-problema IV: O que precisam as sementes para germinar?

1. Façam a plantação. Observem diariamente as sementes e registem as modificações ocorridas ao longo do tempo.

Quadro de registo de observação

EVOLUÇÃO DAS SEMENTES AO LONGO DO TEMPO										
Tipo de semente	1º dia	2º dia	3º dia	4º dia	5º dia	6º dia	7º dia	8º dia	9º dia	10º dia
Feijão										
Arroz										
Algodão										

Nome: _____ Data: ____/____/____

Figura U21-Germinação das sementes e registo das mesmas pelos alunos. Fotografias da autora

Anexo V- Guião da Visita de Estudo e descrição da atividade

Anexo V1-Descrição da atividade

O tema das profissões foi abordado com uma visita de estudo ao meio local a alguns pontos da freguesia de S. António de forma a explorar as diversas profissões (Banco, Correios, Café, Loja, Cabeleireiro), de modo a que os alunos observassem e retirassem informações acerca destes espaços e de algumas profissões. Esta visita de estudo realizou-se com recurso a um guião construído conjuntamente com os alunos. O planeamento e a avaliação da visita de estudo também foi feita em conjunto com os alunos, bem como as entrevistas que iam ser realizadas aos comerciantes. As entrevistas foram realizadas pelos alunos, mas foram gravadas por mim para uma melhor exploração em sala de aula e visto os alunos serem do 2º ano demorariam muito tempo a escrever as respostas dadas pelos comerciantes e não conseguiriam acompanhar o ritmo.

Anexo V2- Guião da Visita de Estudo

Visita de Estudo

“Uma volta por Lisboa à procura das Profissões”



Nome: _____

Data: ____ / ____ / ____



Antes da visita de estudo...

Informações Importantes

Local: _____

Data: _____

Horário: _____

Material

- Guião da Visita de Estudo
- Roupa e calçado confortável e chapéu
- Material de escrita (lápiz e borracha)
- Garrafa de água

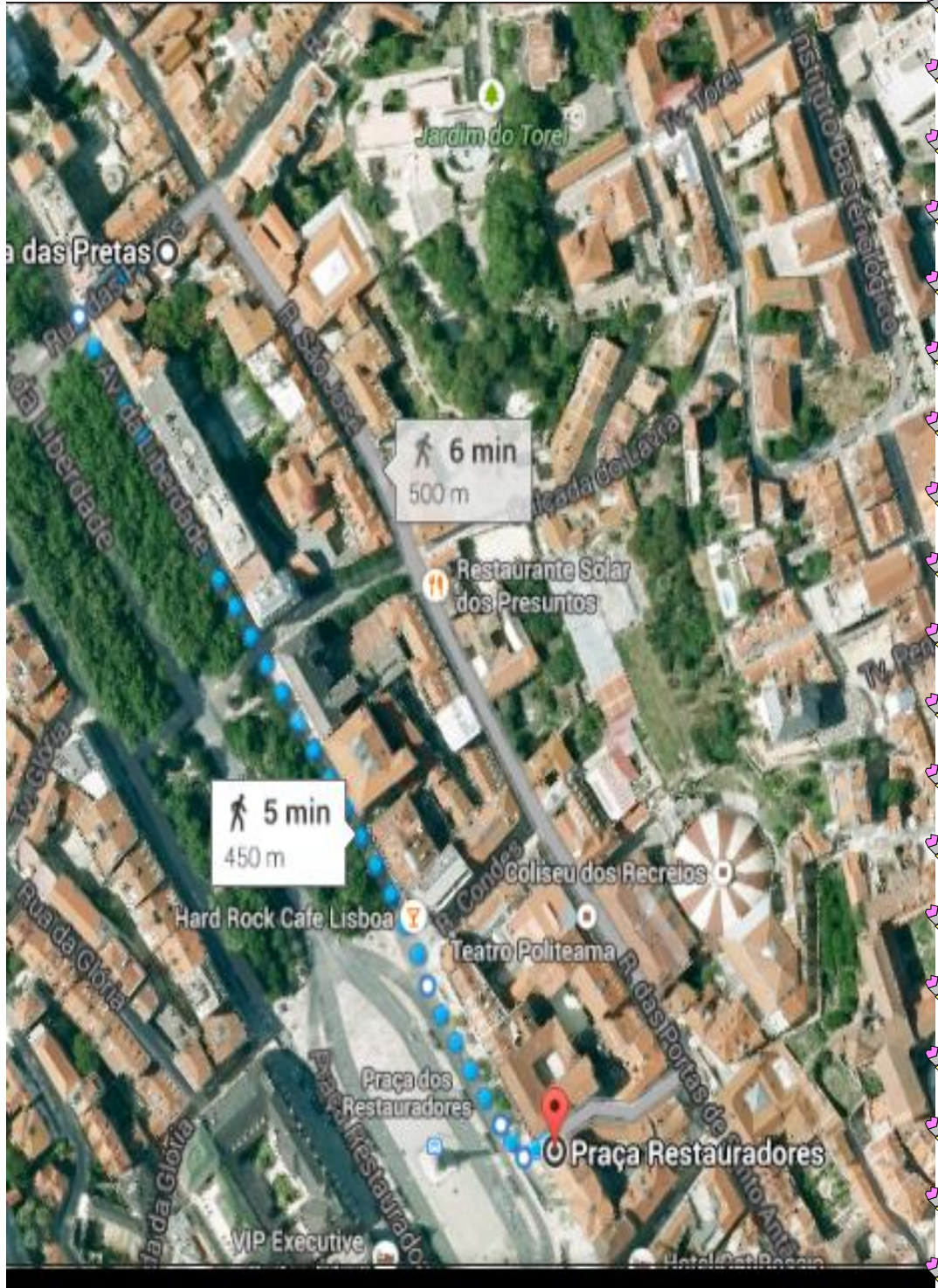
Objetivos da visita de estudo

- Identificar e explorar algumas profissões de Lisboa;
- Identificar alguns locais de comércio de Lisboa;
- Seguir o itinerário da visita de estudo através do mapa de Lisboa.

Para que a Visita de Estudo corra bem debes:

- Cumprir as indicações dadas pela professora e professoras estagiárias;
- Registrar no guião a informação recolhida;
- Estar sempre perto do professor e do grupo;
- Não gritar nem falar alto.
- Não distrair os colegas com brincadeiras durante a visita.
- Prestar atenção às pessoas que vamos entrevistar.
- Ser bem educado e cumprimentar as pessoas entrevistadas.


Mapa





Durante a visita de estudo...

Ao longo da visita, irás conversar com pessoas com várias profissões, deverás ser simpático(a) e tratar com respeito as pessoas que estás a entrevistar.

Sempre que vires este símbolo  no teu guião, um elemento do grupo deve fazer a entrevista.

Vamos então começar!!!



Primeira paragem:

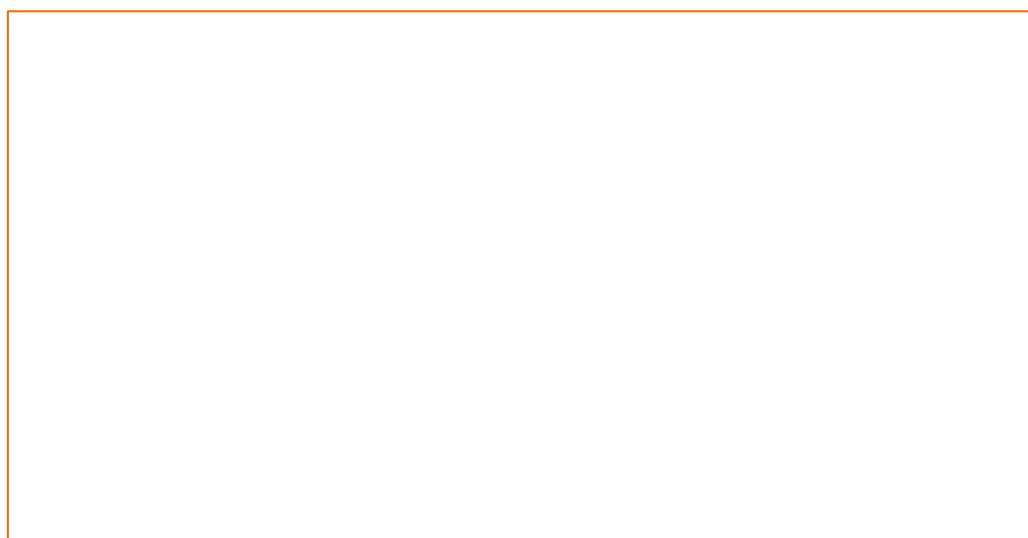
1. Qual o nome da rua da tua escola?

2. Quantos andares têm os prédios em frente à escola?

3. De que cor são os prédios à frente da escola?

Segunda paragem:

1. Desenha o que consegues ver no ponto onde parámos.



2. Qual é o nome do estabelecimento onde parámos?

3. Para que serve este estabelecimento?



4. Realiza a entrevista que preparaste. (Ouve as respostas com atenção, o preenchimento da entrevista será feito em sala de aula)

Entrevista:

1- Nome do estabelecimento: _____

2- Qual é a sua profissão? _____

3- Quais são as tarefas mais importantes desta profissão?

4- Porque é que esta profissão é importante?

Terceira paragem:

1- Qual é o nome do estabelecimento onde parámos?




2. Indica três funções deste estabelecimento.

a) _____

b) _____

c) _____

3. O que acontece neste espaço?

4.  Realiza a entrevista que preparaste. (Ouve as respostas com atenção, o preenchimento da entrevista será feito em sala de aula)

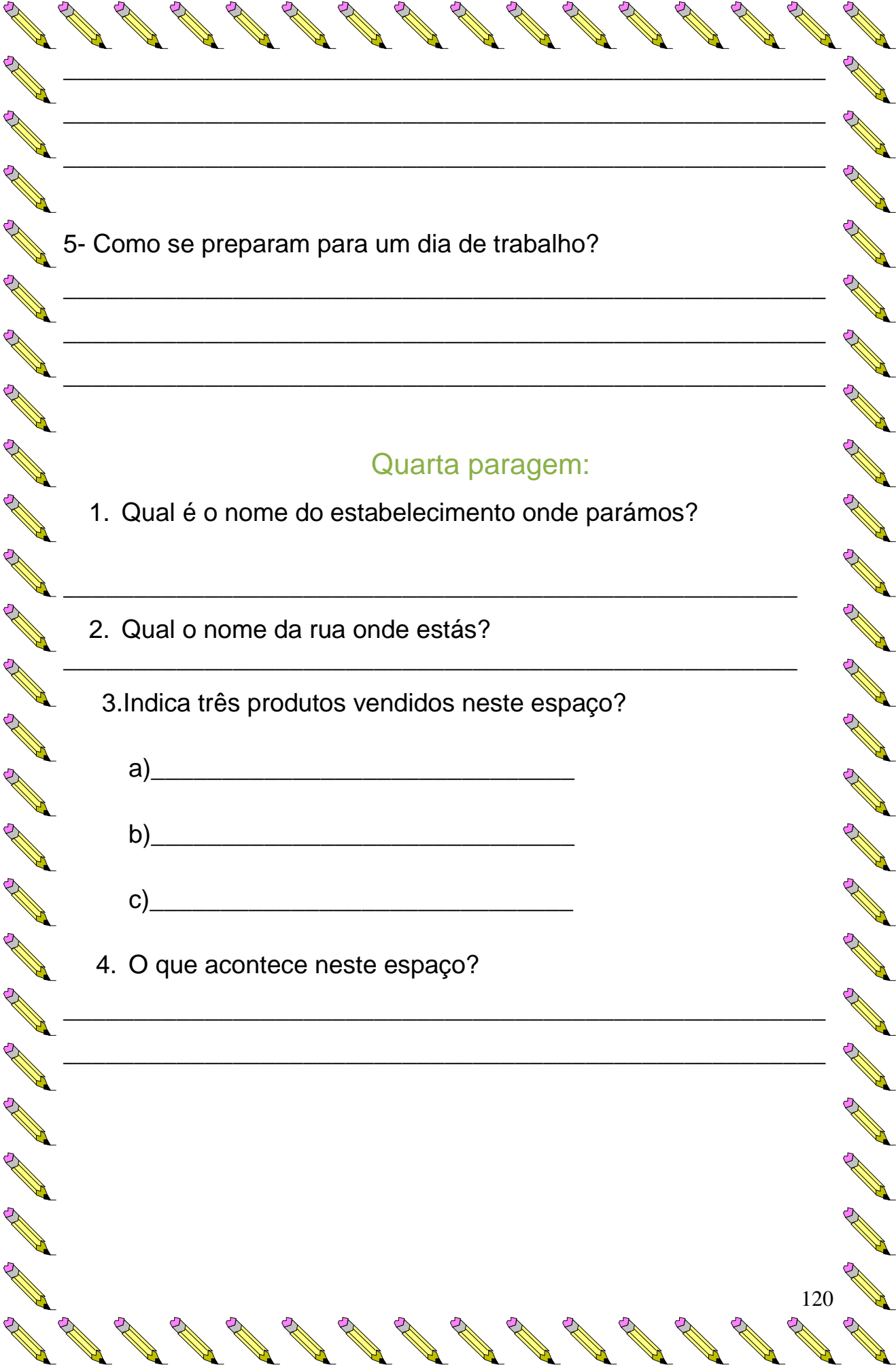
Entrevista:

1- Nome do estabelecimento: _____

2- Qual é a sua profissão?

3- Quais são as tarefas mais importantes desta profissão?

4- Porque é que esta profissão é importante?



5- Como se preparam para um dia de trabalho?

Quarta paragem:

1. Qual é o nome do estabelecimento onde parámos?

2. Qual o nome da rua onde estás?

3. Indica três produtos vendidos neste espaço?

a) _____

b) _____

c) _____

4. O que acontece neste espaço?



5. Realiza a entrevista que preparaste. (Ouve as respostas com atenção, o preenchimento da entrevista será feito em sala de aula)

Entrevista:

1- Nome do estabelecimento: _____

2- Qual é a sua profissão?

3- O que vendem?

4- Quais são as tarefas mais importantes desta profissão?

5- Porque é que esta profissão é importante?

6- Como se preparam para um dia de trabalho? _____



Quinta paragem:

1. Qual é o nome do estabelecimento onde parámos?

2. Selecciona a opção correta: qual a função deste estabelecimento?

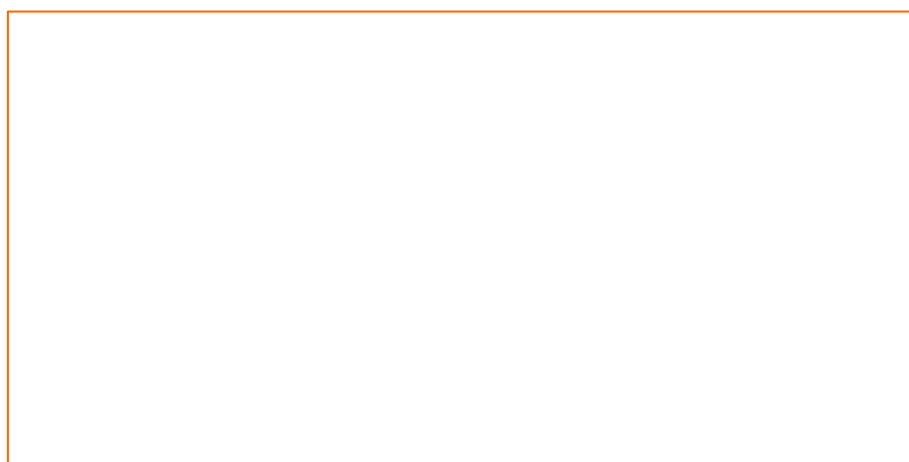
Ajudar as pessoas

Vender jornais e revistas

Vender roupa

Enviar cartas

3. Desenha o que consegues ver no ponto onde parámos.





4. Realiza a entrevista que preparaste. (Ouve as respostas com atenção, o preenchimento da entrevista será feito em sala de aula)

Entrevista:

1- Nome do estabelecimento: _____

2- Qual é a sua profissão?

3- O que vendem?

4- Quais são as tarefas mais importantes desta profissão?

5- Porque é que esta profissão é importante?

6- Como se preparam para um dia de trabalho? _____

Sexta paragem:

1. Qual o nome da rua onde parámos?

2. Qual é o nome do estabelecimento onde parámos?

3. Indica três funções deste estabelecimento.

a) _____

b) _____

c) _____

4. O que acontece neste espaço?



5. Realiza a entrevista que preparaste. (Ouve as respostas com atenção, o preenchimento da entrevista será feito em sala de aula)

Entrevista:

1- Nome do estabelecimento: _____

2- Qual é a sua profissão?



3- O que vendem?

4- Quais são as tarefas mais importantes desta profissão?

5- Porque é que esta profissão é importante?

6- Como se preparam para um dia de trabalho?

Sétima paragem:

1. Qual o nome da rua onde parámos?

2. Qual é o nome do estabelecimento onde parámos?




3. Indica três produtos vendidos neste estabelecimento.

a) _____

b) _____

c) _____

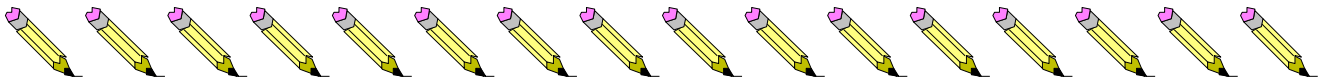
4. O que acontece neste espaço?

5.  Realiza a entrevista que preparaste. (Ouve as respostas com atenção, o preenchimento da entrevista será feito em sala de aula)

Entrevista:

1- Nome do estabelecimento: _____

2- Qual é a sua profissão?

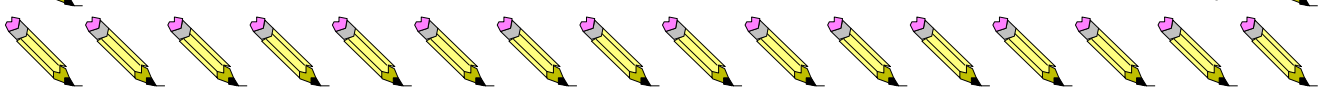


3- O que vendem?

4- Quais são as tarefas mais importantes desta profissão?

5- Porque é que esta profissão é importante?

6- Como se preparam para um dia de trabalho?



Escreve neste espaço todas as informações que considerares importantes e que devem ser registadas.

A large, light blue, scroll-like writing area with horizontal lines and rounded corners. The scroll is unrolled, showing a series of horizontal lines for writing. The top and bottom edges of the scroll are rounded, and the corners are also rounded. The scroll is centered on the page and is surrounded by a decorative border of yellow pencils with pink erasers and sharpened tips.



Depois da visita de estudo...

Avaliação

Agora que já terminou a visita de estudo, responde com sinceridade às seguintes perguntas.

1. Gostaste de visitar os vários estabelecimentos do meio local.

2. De todos os espaços que visitámos, qual foi a parte que mais gostaste? Porquê?

3. Assinala com um X no quadrado que corresponde à tua resposta.

3.1. Gostava de voltar a fazer visitas de estudo ao meio local.

Sim Não

3.2. Sinto que a visita de estudo foi útil para aprender mais sobre as profissões.

Sim Não

4. Qual foi a profissão que gostei mais de conhecer?
Porquê? _____

Anexo W- Grelha de observação da participação e motivação dos alunos nas atividades práticas

Tabela W10

Grelha de observação de estudo do meio sobre a motivação e participação dos alunos.

Grelha de Observação de Estudo do Meio (motivação/participação)

Alunos ¹	Comenta com pertinência* o tema abordado	Participa na atividade de uma forma pertinente*	Contribui com informações relevantes**	Intervém apenas quando é questionado	Faz perguntas relevantes para a aprendizagem do tema	Manipula corretamente os materiais	Mostra interesse por participar	Usa vocabulário científico adequado ao tema e à situação
Ad.								
Ad.								
Al.								
Aii.								
Am.								
Am.								
Ba.								
Ba.								
Bap.								
F.								
Fr.								
G.								
Jo.								
Jú.								
L.								
M.								
T.								
N.								

*não se desvia do tema apresentado

**que ajudem a compreender o tema

N (Nunca); **O** (Ocasionalmente); **F** (Frequentemente); **S** (Sempre)

Anexo X- Guião e entrevista realizada aos alunos

Guião da Entrevista (aluno 1)

Objetivos:

- Avaliar aprendizagens realizadas (de conceitos científicos) nas atividades práticas, na perspetiva dos alunos.
- Avaliar o contributo das atividades práticas para a motivação intrínseca dos alunos.

Seleção dos alunos para a entrevista

Entrevista a 4 alunos:

- 3 alunos selecionados de acordos com o nível de desempenho em Estudo do Meio: 1 sorteado de entre os alunos com melhor desempenho; 1 sorteado de entre os alunos intermédios; 1 sorteado de entre os alunos com pior desempenho;
- 1 aluno sorteado de entre os que tenham evidenciado uma postura positiva face à realização das atividades práticas, isto é, que tenham alterado a sua postura mostrando uma muito maior adesão às atividades práticas de Estudo do Meio do que a outros tipos de atividades.

Questões:

1. Gostaste de realizar as atividades sobre os caracóis e sobre os insetos e a visita de estudo? (Aguardar resposta) Porquê?

Sim. Porque aprendi mais classes de animais e sobre as várias profissões.

2. O que gostaste mais de fazer?

A visita de estudo e as entrevistas.

3. O que gostaste menos de fazer?

O terrário dos caracóis.

4. Aprendeste alguma coisa com estas atividades?

Sim.

5. Podes referir coisas que aprendeste?

Mais coisas sobre os animais e sobre as profissões.

6. Explica melhor o que aprendeste sobre os animais e as profissões.

Com os caracóis aprendi o que é que eles comem e que gostam mais de sombra. Com os insetos aprendi como é que eles eram, as suas características, com a visita de estudo aprendi como os correios trabalhavam e com as plantas como é que elas crescem.

7. Foram atividades difíceis ou fáceis de realizar? (Aguardar resposta) Porquê?

Fáceis, porque já sabia algumas coisas.

8. Gostas mais de aprender desta maneira (a observar, a experimentar e a questionar...) ou como costumavas aprender?

Gostei mais desta maneira.

9. Gostarias de voltar a fazer este tipo de atividades? (Aguardar resposta)
Porquê?

Sim, porque é divertido.

Anexo Y- Grelha de observação da compreensão oral

Tabela Y11

Grelha de observação da compreensão oral dos alunos.

Grelha de Observação – Português						
Lista de Verificação						
Competência						
Compreensão do Oral						
Alunos¹	Descritores de Desempenho					
	1.1. Presta atenção ao que é dito	1.2. Cumpre ordens	1.3. Reconta pequenas histórias	1.4. Identifica a informação principal de um texto	1.5. Reproduz através do desenho essencial de um texto ouvido	1.6. Manifesta ideias, sensações e sentimentos pessoais, suscitados pelos discursos ouvidos
1						
2						
3						
4						
5						
6						
7						
8						
9						
11						
13						
14						
15						
16						
18						
19						
22						
23						

¹ Legenda: Sempre; Frequentemente; Ocasionalmente; Nunca;

Anexo Z- Grelha de observação da expressão oral

Tabela Z12

Grelha de observação da expressão oral dos alunos.

Alunos ¹	Expressão Oral						
	Comunica de forma audível	Articula com clareza as palavras	Utiliza a entoação e o ritmo adequados no discurso	Usa vocabulário científico adequado ao tema e à situação	Comunica as suas descobertas	Organiza o seu discurso oral de forma sequencial	Partilha ideias
1	Amarelo	Verde	Amarelo	Verde	Amarelo	Verde	Verde
2	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
3	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde
4	Azul	Verde	Amarelo	Verde	Amarelo	Verde	Verde
5	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Azul	Verde
6	Verde	Verde	Verde	Azul	Verde	Amarelo	Verde
7	Amarelo	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde
8	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde
9	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
11	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
13	Azul	Azul	Azul	Verde	Amarelo	Verde	Amarelo
14	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde
15	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
16	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Azul	Amarelo	Azul	Amarelo
18	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
19	Azul	Verde	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde
22	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Amarelo	Verde
23	Vermelho	Vermelho	Vermelho	Vermelho	Vermelho	Vermelho	Vermelho

¹ Legenda: Sempre; Frequentemente; Ocasionalmente; Nunca;

Anexo AA- Grelha de observação da leitura

Tabela AA13

Grelha de observação da leitura dos alunos.

Grelha de Observação –Português										
Alunos ³	Lista de Verificação									
	Competência									
	Leitura									
	Descritores de Desempenho									
	1.1. Articula corretamente os sons da língua	1.2. Identifica as letras	1.3. Estabelece as correspondências fonema/grafema	1.4. Lê palavras conhecidas	1.5. Lê frases trabalhadas	1.6. Lê pequenos textos	1.7. Quando se engana autocorrige-se	1.8. Responde a perguntas simples sobre o que leu	1.9. Faz descobertas nos textos (palavras conhecidas, palavras ou bocados de palavras iguais, etc...)	1.10. Pede ajuda quando tem dificuldades
1										
2										
3										
4										
5										
6										
7										
8										
9										
11										
13										
14										
15										
16										
18										
19										
22										
23										

³ Legenda: Sempre; Frequentemente; Ocasionalmente; Nunca;

Anexo BB- Grelha de observação da escrita

Tabela BB14

Grelha de observação de escrita dos alunos.

Grelha de Observação – Português											
Lista de Verificação											
Competência											
Escrita											
Descritores de Desempenho											
Alunos ⁴	1.1. Desenha as letras de acordo com os modelos	1.2. Escreve palavras conhecidas	1.3. Escreve palavras desconhecidas	1.4. Escreve frases trabalhadas	1.5. Escreve frases recombinao o material linguístico já trabalhado	1.6. Escreve pequenos textos	1.7. É cuidadoso com a apresentação das tarefas de escrita	1.8. Constrói parágrafos e períodos	1.9. Escreve menos de 5 erros ortográficos num texto	1.10. Utiliza corretamente as maiúsculas	1.11. Utiliza os sinais de pontuação
1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
11											
13											
14											
15											
16											
18											
19											
22											
23											

⁴ Legenda: **Verde**: Sempre; **Amarelo**: Frequentemente; **Ciano**: Ocasionalmente; **Vermelho**: Nunca;

Anexo CC- Grelha de observação do CEL

Tabela CC15

Grelha de observação do CEL dos alunos.

Alunos ¹	Conhecimento Explícito da Língua				
	Identifica nomes	Identifica sinónimos	Identifica antónimos	Identifica adjetivos	Identifica verbos
1	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo
2	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
3	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo
4	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
5	Verde	Amarelo	Amarelo	Azul	Azul
6	Verde	Amarelo	Amarelo	Azul	Azul
7	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo
8	Verde	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde
9	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
11	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
13	Verde	Amarelo	Amarelo	Azul	Azul
14	Verde	Amarelo	Amarelo	Azul	Azul
15	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo
16	Verde	Amarelo	Amarelo	Azul	Azul
18	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
19	Verde	Amarelo	Amarelo	Azul	Azul
22	Verde	Amarelo	Amarelo	Azul	Azul
23	Vermelho	Vermelho	Vermelho	Vermelho	Vermelho

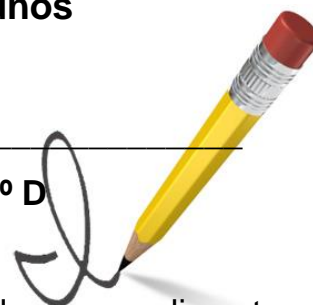
¹ Sempre; Frequentemente; Ocasionalmente; Nunca.

Anexo DD- Avaliação do Plano de Intervenção pelos alunos

Nome: _____

Data: _____ 2º D

Autoavaliação



Preenche a tabela com um X tendo em conta as atividades que realizas-te:

	Nenhuma	Algumas	Quase todas	Todas
Realizei todas as tarefas com empenho				
Ouvi as explicações de cada tarefa com atenção				
Achei as atividades interessantes				
Compreendi o que me foi pedido em todas as atividades				
Gostei de realizar as atividades pedidas				
Cada vez que tinha uma dúvida perguntava				
As tarefas feitas ajudaram para perceber melhor as diferentes matérias				
Estudava em casa as palavras do cartão que me foi atribuído				
Ajudei os meus colegas quando estes tinham alguma dificuldade nas tarefas				

Diz qual foi a atividade que mais gostaste de fazer e porquê.

Anexo EE- Avaliação dos Objetivos Gerais de Intervenção

Tabela EE16

Avaliação do Objetivo Geral “Desenvolver competências de leitura e escrita”.

Objetivo Geral 1 – Desenvolver competências de leitura e de escrita								
Indicadores 1	Lê em voz alta sem pausas entre palavras	Lê em voz alta de forma clara	Compreende o que é pedido na interpretação de textos	Consegue Selecionar informação pertinente	Escreve corretamente todas as sílabas CV, CVC e CCV, em situação de ditado	Redige textos de 8 a 10 frases	Redige textos ditados com menos de 5 erros	Reconhece todas as letras do alfabeto
Nomes								
1								
2								
3								
4								
5								
6								
7								
8								
9								
12								
13								
14								
15								
16								
18								
19								
22								
23								

1 Legenda: **S** – Sempre **F** – Frequentemente **R** – Raramente **N** - Nunca

Tabela EE17

Avaliação do Objetivo Geral “Promover as áreas das Expressões Artísticas e da Educação Física através de conteúdos do Estudo do Meio e de Atividades Práticas”.

Objetivo Geral 2 - Promover as áreas das Expressões Artísticas e da Educação Física através de conteúdos do Estudo do Meio e de Atividades Práticas									
Indicadores 2 Nomes	Reconhec e as diferentes característi cas dos animais	Desenha o animal estudado atribuindo as característic as externas corretas	Identifica os sons dos diferente s animais	Realiza pequenas improvisaçõ es de acordo com o animal selecionado	Distingue animais selvagens de animais domésticos	Identifica e realiza diferentes deslocamen tos dos animais	Conhece os habitats das diferentes classes de animais	Reconhece os vários constituintes das plantas	Participa nas atividades práticas de forma a consolidar os conteúdos sobre os animais e a s plantas
1	S	S	S	S	S	S	S	S	S
2	S	S	S	S	S	S	S	S	S
3	S	S	S	S	S	S	S	S	S
4	S	S	S	S	S	S	S	S	S
5	S	S	S	S	S	S	S	S	S
6	S	S	S	S	S	S	S	S	S
7	S	S	S	S	S	S	S	S	S
8	S	S	S	S	S	S	S	S	S
9	S	S	S	S	S	S	S	S	S
12	S	S	S	S	S	S	S	S	S
13	S	S	S	S	S	S	S	S	S
14	S	S	S	S	S	S	S	S	S
15	S	S	S	S	S	S	S	S	S
16	S	S	S	S	S	S	S	S	S
18	S	S	S	S	S	S	S	S	S
19	S	S	S	S	S	S	S	S	S
22	S	S	S	S	S	S	S	S	S
23	S	S	S	S	S	S	S	R	S

² Legenda: S – Sempre F – Frequentemente R – Raramente N – Nunca

Tabela EE18

Avaliação do Objetivo Geral “Desenvolver competências discursivas nas diferentes disciplinas”.

Objetivo Geral 3 - Desenvolver competências discursivas nas diferentes disciplinas;						
Indicadores ³ Nomes	Fala de forma clara e audível	Expressa a sua opinião corretamente	Adapta o discurso às situações de comunicação e à natureza dos interlocutores	Articula corretamente palavras e frases	Produz discursos com diferentes finalidades e de acordo com intenções específicas	Usa vocabulário adequado ao tema e à situação
1	F	S	S	S	S	S
2	S	S	S	S	S	S
3	F	F	S	F	S	S
4	F	S	S	S	S	S
5	F	S	S	S	S	S
6	S	S	S	S	S	S
7	F	F	S	S	S	S
8	S	S	F	F	S	S
9	S	S	S	S	S	S
12	S	S	S	S	S	S
13	R	F	F	R	F	F
14	S	F	F	S	F	F
15	F	S	S	S	S	S
16	R	F	S	F	S	S
18	S	S	S	S	S	S
19	R	F	S	R	S	S
22	S	F	F	F	F	F
23	R	R	F	R	R	R

³ Legenda: **S** - Sempre **F** - Frequentemente **R** - Raramente **N** - Nunca

Tabela EE19

Avaliação do Objetivo Geral “Promover a autonomia, a responsabilidade, a ajuda e a cooperação”.

Objetivo Geral 4 - Promover a autonomia, a responsabilidade, ajuda e a cooperação						
Indicadores 4 Nomes	Demonstra autonomia aquando da realização das tarefas	Respeita a opinião dos colegas	Questiona o adulto quando necessário	Intervém oportunamente e autonomamente	É responsável pelo material que lhe é distribuído	É capaz de realizar tarefas em grupo
1	S	S	S	F	S	S
2	S	S	S	F	S	S
3	S	S	S	F	S	S
4	S	S	S	F	S	S
5	S	F	S	R	F	R
6	S	F	S	R	F	R
7	S	S	S	F	S	S
8	S	S	S	F	S	S
9	S	S	S	F	S	S
12	S	S	S	F	S	S
13	S	S	S	R	S	S
14	S	F	S	R	F	R
15	S	S	S	F	S	S
16	S	S	S	R	S	S
18	S	F	S	R	F	R
19	S	S	S	R	S	S
22	S	F	S	F	F	R
23	S	S	R	N	F	R

4 Legenda: **S** - Sempre **F** - Frequentemente **R** - Raramente **N** - Nunca